AVTO DE EL-REI SE-LEVCO

AUTO DE EL-REI SELEUCO

DE

CAMÕES

Adaptado à scena moderna e representado pela primeira vez no antigo Teatro de D. Maria II, na noite de 24 de Março de 1905

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 3.ª edição, no prelo.
Sonetos (1916) — 4.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 2.ª edição, ampliada.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 4.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) – 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 4.ª edição.
Êles e Elas (1918) — 3.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 4.ª edição.
Como elas amam (1920) – 2.ª edição.
Abelhas doiradas (1920).
Os galos de Apollo (1921).
As Grandes Batalhas – No prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) – 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) – 2.ª edição.
A Severa (1901) – 4.ª edição.
Crucificados (1902) – 2.ª edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) – 24.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) – 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) – 3.ª edição.
Um serão nas Larangeiras (1904) – 4.ª edição, no prelo.
Rei Lear (1906) – 2.ª edição, no prelo.
Rosas de todo o ano (1907) – 9.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) – 5.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) – 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) – 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) – 4.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) – 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) – 2.ª edição.
1023 (1914) – 2.ª edição.
Sóror Mariana (1915) – 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) – 3.ª edição.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920).

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

AUTO DE EL-REI SELEUCO

DE

CAMÕES

Adaptação à scena moderna

2.ª Edição

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

Nota da 1.ª edição

Havendo o sr. dr. Júlio Dantas sugerido à gerência do Teatro Normal, na época de 1904-1905, a idea de fazer ressurgir algumas obras-primas do velho teatro português, e em especial o «Auto de El-Rei Seleuco», de Camões, pela mesma gerência lhe foi pedido que, sendo êste auto na íntegra irrepresentável, o refundisse e adaptasse à scena moderna, a exemplo do que Echegaray e outros autores vinham praticando, na vizinha Espanha, com as obras de Calderon, Fray Lope, Moreto, Guevara e Tirso de Molina. O sr. dr. Júlio Dantas aceitou a incumbência, e a peça, completamente refundida e adaptada às condições da scena actual, foi pela primeira vez representada no Teatro de D. Maria II, na noite de 24 de Março de 1905, ficando desde então no repertório permanente do mesmo teatro. É essa adaptação, trabalho cuja delicadeza e cuja difi-

culdade só compreenderá quem conhecer o original do auto de Camões, que resolvemos dar a público, como um dos valiosos serviços prestados ao teatro português pelo autor da «Ceia dos Cardeais».

Abril de 1908.

VIÚVA TAVARES CARDOSO.

FIGURAS (*)

Do Prólogo:

Mordómo	Fernando Maia
Lançarote, môço	Inácio Peixoto
Martim Chinchorro	Cardoso Galvão
Romão de Alvarenga	Pinto Costa

Do Auto:

El-Rei Seleuco	Augusto de Melo
Príncipe Antioco	Luz Veloso
O Físico	Ferreira da Silva
Um porteiro da cana	Joaquim Costa
Leocádio, pagem	Sara Coelho
Alexandre da Fonseca	Sampaio
A Raínha Estratónica	Augusta Cordeiro
Uma môça de câmara	Beatriz Rente
Frolalta, aia	Jesuina Mottili

Músicos, cantores, pagens.

(*) Distribuição na época de 1904-1905.

AUTO DE EL-REI SELEUCO

PRÓLOGO

O teatro representa uma sala portuguesa do século XVI, *em azulejos e guadamecins. Ao fundo, a tôda a largura, um arco donde pende uma tapeçaria de Flandres, com figuras, escondendo o tablado onde se há de fazer a representação. Portas laterais. A tapeçaria corre para o lado quando começa a representar-se o Auto. Escanos, tamboretes.*

SCENA I

O MORDOMO

MORDOMO, *surgindo da tapeçaria do F., ao público*

Eis, senhores, o autor, por me honrar nesta festival noite, me quis representar uma farça; e diz que quem dela se não contentar, querendo outros novos acontecimentos, que se vá aos soalheiros dos escudeiros da Castanheira ou de Alhos Vedros, ou converse na Rua Nova em casa do boticário; e não lhe faltará que conte.

Porém, diz o autor que usou nesta obra da maneira de Isopeto. Ora quanto à obra, se não parecer bem a todos, o autor diz que entende dela menos que todos os que lha poderem emendar. Todavia, isto é para a má língua, à qual respondo com um dito de um filósofo, que diz: — «Vós outros estudastes para praguejar, e eu para desprezar praguentos».—Vamos saber da farça, em que ponto vai. *(Chamando)* Lançarote! — Lançarote!

SCENA II

O MORDOMO, LANÇAROTE

LANÇAROTE, *entrando pela E., com um pantufo na mão*

Senhor!

MORDOMO

São já chegadas as figuras do Auto?

LANÇAROTE

São já chegadas, são. São já chegadas ao fim de sua vida.

MORDOMO

Porquê?

LANÇAROTE

Porque ao entrar foi a gente tanta, que não ficou capa com frisa, nem talão de sapato que não saísse fora do couce. Agora vieram uns embuçadetes, e quiseram entrar por fôrça. Deram uma pedrada na cabeça do Anjo e rasgaram uma meia-calça ao Ermitão. E agora, diz o Anjo que não há de entrar até lhe não darem uma cabeça nova, nem o Ermitão até lhe não pôrem uma estopada na calça. — Êste pantufo se perdeu ali. *(Dirigindo-se ao público)* É dalgum de vossas mercês? Não é? — *(Ao* MORDOMO) Então, mande-o vossa mercê domingo apregoar nos púlpitos, que eu não quero nada do alheio.

MORDOMO

Fôsse peça de maior valia, — e tu botaras a consciência pela porta fóra, e a guardaras para ti!

LANÇAROTE

Se fôsse peça de maior valia, consciência era dá-la a seu dono. *(Olhando o pantufo)* Chichelo de judeu! Assim como foste pantufo, — que te custava ser uma bôlsa com um par de reales, bons para escudeiro hipócrita, que são pouco e valem muito?

MORDOMO

Lançarote! — Vai daqui a casa de Martim Chinchorro, e dize-lhe que temos cá Auto. Que venha sua mercê, e que traga comsigo o senhor Romão Alvarenga, para que sôbre o cantochão botemos seu contraponto de zombaria. — Ouves, Lançarote? Vai num pé, e vem no outro.

LANÇAROTE

Não me arranjará vossa mercê mais outro pé, para calçar neste pantufo?

MORDOMO, *correndo sôbre êle, de bastão em punho*

Ah! Bargante!

LANÇAROTE *fog. pela E., cantando uma velha trova.*

SCENA III

MORDOMO, *uma Figura*

MORDOMO

Não há peor conselho que ter um vilão dêstes mimoso. *(Ao público)* Vossas mercês é necessário que se cheguem uns para os outros,

para darem lugar aos mais senhores que hão de vir; que doutra maneira, se todo o corro se há de gastar em palanques, será bom mandar fazer outro alvalade. De mais, hão de me fazer a mercê que se hão de desembuçar, — porque eu não sei quem me quer bem nem quem me quer mal.

UMA FIGURA *do Auto, afastando a tapeçaria*

Olá, senhor! — Pedem as figuras alfinetes, para toucarem um escudeiro!

MORDOMO, *saindo*

Aí vou, aí vou.

SCENA IV

MARTIM CHINCHORRO, ROMÃO ALVARENGA, LANÇAROTE

LANÇAROTE, *entrando pela E., seguido de* MARTIM *e de* ROMÃO, *como se falasse ao* MORDOMO

Ora aqui estão suas mercês, que já vinham de caminho. *(Vendo que o* MORDOMO *desapareceu)* Ah! Já se foi andando. — Entrem vossas mercês.

MARTIM, *em cortesias, apoiado ao bastão, querendo dar ao outro a precedência na entrada*

Senhor Romão Alvarenga...

ROMÃO

Entre vossa mercê, senhor Martim Chinchorro.

MARTIM, *entrando primeiro*

Dias há, senhor, que ando de quebra com cortesias. Por isso vou diante. Beijo as mãos a vossa mercê. A verdade é esta: passear em casa juncada, fogueira com castanhas, mesa posta com alcatifa e cartas; além disso, Auto para esgaravatar os dentes, — esta é a vida, de que se há de fazer consciência. *(A* LANÇAROTE*)* Ora pois, Lançarote, o Auto que tal dizem que é?

LANÇAROTE

Em breves palavras direi a vossas mercês a suma da obra: ela é tôda de rir, do cabo até à ponta. Entrarão logo primeiramente quinze donzelas, que vão fugidas de casa de seus pais, e vão com cabazes apanhar azeitona; e trás elas veem logo oito mundanos, metidos em um covão, cantando: «*Quem os amores tem*

em Cintra...»; e depois de cantarem, farão uma dansa de espadas, coisa muito para ver. Entra mais El-Rei D. Sancho, bailando os machatins; e logo Catarina Real, com uns poucos de parvos numa joeira; e semeá-los há pela casa, de que nascerá muito mantimento ao riso. E nisto, fenecerá o Auto, com música de chocalho e buzinas, que Cupido vem dar a uma alfeloeira a quem quer bem; e ir-se hão vossas mercês para suas pousadas, ou consoarão comnosco, se trouxerem quê. — Ora pois, ide pela menina dos olhos verdes, que até agora zombei eu de vós.

MARTIM, *vendo rir* LANÇAROTE

Que salgado môço, êste! — Anda cá. — Zombaste de mim?

ROMÃO, *a* LANÇAROTE

Como te chamas tu?

LANÇAROTE

Eu nunca me chamo.

MARTIM

Donde és natural?

LANÇAROTE

Donde quer que me acho.

MARTIM

Pergunto-te onde nasceste.

LANÇAROTE

Nas mãos das parteiras.

ROMÃO

Em que terra?

LANÇAROTE

Tôda a terra é uma; e mais, eu nasci em casa assobradada, varrida daquela hora, que não havia palmo de terra nela.

MARTIM

Bem varrido de vergonha que tu me pareces. Dize: de quem és filho?

LANÇAROTE

Eu?

MARTIM

É para ver com que disparate respondes.

LANÇAROTE

A falar verdade, parece-me a mim que sou filho de um meu tio.

ROMÃO

De teu tio?

MARTIM

E isso como?

LANÇAROTE

Como? Isto, senhor, é adivinhação que vossas mercês não entendem. Meu pai era clérigo; os clérigos sempre chamam aos filhos, sobrinhos; e daqui me ficou a mim ser filho de meu tio.

MARTIM, *rindo*

Ora te digo que és gracioso.

LANÇAROTE

E ainda vossas mercês me não ouviram uma trova. Faço-as tão bem como o Chiado.

ROMÃO

Tu?

LANÇAROTE

E canto-as à viola.

MARTIM, *dando-lhe uma viola que está sôbre um tamborete*

Ora assenta-te aqui. — Vamos lá ouvir uma trova, emquanto não chegam as figuras do Auto.

LANÇAROTE, *tomando a viola*

Aí vai uma, feita à môça Briolanja, minha dama. — Assôem vossas mercês os engenhos, senão não entendem nada.

Cantando:

«Por amor de vós, Briolanja,
Ando eu morto,
Pesar de meu avô torto...»

ROMÃO

Mas que culpa tem teu avô dos desfavores de tua dama?

LANÇAROTE

Pois, senhor, se eu houver de pesar dalguém, — não pesarei antes dos meus parentes que dos alheios? — Ora ouçam vossas mercês a volta.

Cantando:

«*Vossos olhos tão daninhos*
Me trataram de feição,
Que não há em meu coração
Nem um trapo para atar dois reis de cominhos.
Meu bem, ando sem focinhos,
Por vós morto,
Pesar de meu avô torto...»

SCENA V

OS MESMOS, O MORDOMO

MORDOMO, *entrando pela D.*

Lançarote! — Lançarote! — *(Levantando o bastão)* Ah! Bargante! Que rumor é êste? *(Ven-*

do MARTIM e ROMÃO) Oh! Senhor Martim Chinchorro... Senhor Romão Alvarenga... Só aguardava vossas mercês. *(Gritando, para o F.)* Ó lá de dentro! Podeis correr a cortina! *(Ao público, emquanto* ROMÃO ALVARENGA e MARTIM CHINCHORRO *se assentam em tamboretes, dos lados, e se abre a tapeçaria de Flandres.* — Vai principiar o Auto chamado de El-Rei Seleuco, meus senhores.

AUTO DE EL-REI SELEUCO

Corre-se a tapeçaria. Entram o REI SELEUCO *e a* RAINHA ESTRATÓNICA, *lentamente. Representação ingénua, gestos hieráticos.*

MORDOMO, *apontando as figuras que entram e instruindo* MARTIM *e* ROMÃO

Aquele é o Rei Seleuco, que traz pela mão a Rainha Estratónica.

SCENA I

SELEUCO, ESTRATÓNICA, LEOCÁDIO, *pagem*

REI, *de manto, cetro, cabeleira de estopa e corôa de bicos, olhando a* RAINHA, *amorosamente*

Senhora, desque a ventura
Me quis dar-vos por mulher,
Me sinto emeninecer;
Porque em vossa formosura
Perde a velhice seu ser.
A mulher, quando é formosa,
Mui grande fortuna tem!

RAINHA

Senhor, mui grande; porém,
Se for formosa e virtuosa,
Quer-lhe a ventura mor bem.

REI

Eu falo como quem sente
Em vós esta qualidade
Pelo que vejo presente;
E, se me esta mostra mente,
Mente-me a mesma verdade.
Uma só tristeza tenho

Que não tem a meninice:
Que no mor contentamento,
O trabalho da velhice
Me embaraça o sentimento.

RAINHA, *sorrindo*

Senhor, novidades tais
Far-me hão crer, de verdade...

REI

Novidades, lhe chamais!
Folgo, senhora, se achais
Na velhice novidades.

LANÇAROTE, *a* MARTIM CHINCHORRO

Isto, velho recem-casado, rezar-lhe por finado. Está aqui, está morto!

MORDOMO, *repreensivo*

Chut! Lançarote!

RAINHA

Senhor, dias há que sento
Em o Príncipe Antioço

Certo descontentamento:
Dera alguma coisa, a trôco
De saber seu sentimento.
Vejo-lhe amarelo o rosto,
Ou de triste, ou de doente;
Ou êle anda mal disposto,
Ou lá tem certo desgôsto
Que o não deixa ser contente.
Mandai, senhor, Vossa Alteza
A chamá lo por alguém.
Saberemos que mal tem:
Se é doença, se tristeza;
De que nasce, ou de que vem.

REI, *surpreendido*

Certo que eu me maravilho
Do que vos oiço dizer:
Que mal pode nêle haver?

A LEOCÁDIO, *pagem, que espera ao fundo:*

Ide dizer a meu filho
Que venha, que o quero ver.

LEOCÁDIO, *curvando-se*

Eu vou, senhor.

RAINHA, *a* LEOCÁDIO, *que sai*

Vá, embora;
Que se o remédio demora
Tôda a cura é por demais.

REI, *saindo pelo F., com a* RAINHA

Eu vos conduzo, senhora,
Aos aposentos reais.

SCENA II

PRÍNCIPE, LEOCÁDIO

PRÍNCIPE, *entrando amparado ao pagem*

Leocádio, se és avisado
E não te falta saber,
Não me saberás dizer:
Quem ama desesperado
Que fim espera de haver?

LEOCÁDIO

Senhor, não;
Nem eu sei porque razão
Lhe avém sabê-lo, ou de quê.

PRÍNCIPE

Perginto-te a conclusão,
Não me perguntes porquê.
Porque é minha pena tal
E de tão estranho ser,
Que me hei de deixar morrer;
E por não cuidar no mal
Tenho mêdo de o dizer.
Que maneira de tormento
Tão estranho e evidente,
Que nem cuidar se consente!
Porque o mesmo pensamento
Tem mêdo do mal que sente.

LEOCÁDIO

Não entendo a Vossa Alteza.

PRÍNCIPE, *misterioso*

Assi importa à minha dor.

LEOCÁDIO

E porque razão, senhor?

PRÍNCIPE

Para que seja a tristeza

Castigo do meu temor.
Porque ordena
O Amor, que me condena,
Que se haja de sentir
Sem o dizer, nem o ouvir.
Bem-aventurada a pena
Que se pode descobrir!
Ó caso grande e medonho!
Ó duro tormento fero!
Verdade é isto, que eu quero?
Não é verdade, é um sonho
De que acordar nunca espero.

(O REI *volta, e conserva-se ao F., entre os cortesãos)*

Quero falar a El-Rei
Meu pai, que já me está vendo.
Mas onde vou? Não me entendo.
Mas com que olhos olharei
Um pai a quem tanto ofendo?
Que novo modo de antolhos!
Porque, neste atrevimento,
Devera meu sentimento
Para êle não ter olhos,
Nem para ela pensamento.

SCENA III

OS MESMOS, REI SELEUCO, uma MOÇA DE CAMARA

REI, ***indo ao encontro do*** PRÍNCIPE

Filho, como andais assi,
Que tanto desgôsto tomo
De vos ver como vos vi?

PRÍNCIPE

Não sei eu tanto de mi
Que possa saber o como.
Dias há, senhor, que eu ando
Mal disposto, sem saber
O que êste mal possa ser;
Que se nêle estou cuidando
Quasi me sinto morrer.

REI

Pois, filho, será razão
Que meus físicos vos vejam.

PRÍNCIPE

Os físicos, senhor, não;
Que os males que em mim estão
São curas que me sobejam.

REI

Repousai-vos, que em verdade
Um corpo deitado e manso
Descansa à sua vontade.

PRÍNCIPE

Não. A minha enfermidade
Não se cura com descanso.

REI, *conduzindo-o pelo F.*

Vinde. Entanto, bom será
Que vos façam uma cama.

PRÍNCIPE, *à cuvilheira, que espera*

Um coxim abastará.

Saindo, com o REI, *pela D.:*

Que assim não descansará
O repouso de quem ama.

SCENA IV

A MOÇA, um PORTEIRO DA CANA

Vem a CUVILHEIRA *e principia a dispor uns coxins de damasco sôbre uma camilha doirada. Quando acaba de o fazer, entra um* PORTEIRO DA CANA, *velho gaiteiro, pé ante pé, e bate-lhe no ombro.*

PORTEIRO, *rindo muito*

Trás, trás!

MOÇA, *assustada*

Jesus! Quem está hi?

PORTEIRO

Não, mana, não digais nada:
Para vos levar furtada
Nunca tal ensejo vi!
Estáveis tão descuidada!

MOÇA

E meus descuidos que fazem?

PORTEIRO

Ai, minh'alma! Sois tão bela,
Que êsses descuidos me trazem

Dois mil cuidados à vela.

Ajoelha:

Pois sou vosso há tantos anos,
Aqui me tendes de giolhos,
Apiedai-vos de meus danos...

MOÇA

Não tenhais êsses enganos.

PORTEIRO

Nem vós tenhais êsses olhos.

MOÇA

E porquê?

PORTEIRO

Porque cegais
A quantos olhos olhais
E a quantos por vós padecem:
Olhos, que tão bem parecem,
Porque não os castigais?

MOÇA, *voltando-lhe as costas*

Deus vos dê sizo, que a vós
Tirou o que aos outros deu.

PORTEIRO

Que mais sizo quero eu,
Que não ter sizo por vós?
Pois direis, sereis tão má,
Que não amais quem vos ama?

MOÇA, *maliciosa*

Ouvistes vós cantar já:
«Viejo malo en mi cama»?
Já me entendereis.

PORTEIRO, *rindo*

Ah! Ah!
Senhora, estais enganada;
Que com uma capa e espada
E com êste capuz fóra...

MOÇA

Ora bem: tirai-o agora,
E ensaiai uma estocada!

PORTEIRO, *derrubando a gualteira encapuzada, fanfarrão*

Não, porque se eu me alvoroço,
Ninguém me pode ter mão.

Brandindo a cana, e simulando còmicamente uma estocada :

Hein? Sou de boa feição?
Vêde! As obras são de môço,
Se as mostras de velho são.

Pavoneando-se :

E vêde a figura, vêde-a!
Que tal de disposição?

MOÇA, *rindo*

Tendes muito boa rédea.
Sofreis ancas?

PORTEIRO, *melindrado*

Isso não!

LANÇAROTE, *levantando-se do tamborete e dirigindo-se ao* PORTEIRO

Dize que sim, parvo! Dize que sim! Quem é que não sofre ancas com uma môça como esta!

MORDOMO, *a* LANÇAROTE, *que beija a môça*

Lançarote! — Se interrompes o Auto outra vez, quebro-te êste bastão nas costas! *(Aos cómicos, assentando-se)* Continuai.

MOÇA, *concertando os coxins*

Pronto. Os coxins estão bem.

Vendo o PRÍNCIPE, *que entra, os olhos baixos, amparado a* LEOCÁDIO:

I-vos asinha, que vem
O Príncipe a se deitar.

PORTEIRO

Nunca uma pessoa tem
Uma hora para falar!

SCENA V

OS MESMOS, PRÍNCIPE, LEOCÁDIO, FROLALTA, depois ALEXANDRE DA FONSECA e outros MÚSICOS

PRÍNCIPE, *encaminhando-se para os coxins*

Quero-me aqui encostar:
Já o espírito me cai...
Leocádio, vai-me chamar
Os músicos de meu pai;
Folgarei de ouvir cantar.

Deita-se sôbre a camilha doirada; LEOCÁDIO *sai.*

Senhora, qual desatino
Me trouxe a tanta tristura?
Foi, senhora, porventura,
A fôrça do meu destino
Ou da vossa formosura?
Bem conheço que não posso
Ter tão alto pensamento.
Mas disto só me contento:
Que se paga com ser vosso
Todo o mal do meu tormento.

FROLALTA, *acercando-se do* PRÍNCIPE

Meu senhor...

PRÍNCIPE

Que hás de querer?

FROLALTA

Manda a Rainha saber
Se o Príncipe está doente.

PRÍNCIPE, *encarando-a, tristemente, depois dum silêncio*

Dizei que vive a sofrer
E não sabe o mal que sente.

MOÇA, *a* FROLALTA, *em segrêdo*

Eu suspeito que isto são
Alguns novos amorinhos
Que terá no coração...

FROLALTA

Amores? Com quem serão,
Que levam tão maus caminhos?

LEOCÁDIO, *entrando com* ALEXANDRE DA FONSECA *e os* MÚSICOS

Os músicos aqui estão.

PRÍNCIPE, *aos músicos*

Bons tangedores, ouvi:
Cantai, por amor de mi
Alguma cantiga triste,
Que todo o meu mal consiste
Na tristeza em que me vi.

PORTEIRO, *a* ALEXANDRE DA FONSECA

Mandai-lhe cantar um chiste!

ALEXANDRE

Chiste, não, que é desonesto

E não tem êsses extremos.
Outro canto mais modesto...

MOÇA, *aos músicos*

Olhai, músicos, cantemos:

«*Con el marinero*
A ser marinera...»

LANÇAROTE, *interrompendo, viola em punho*

Essa cantiga não é boa! Cantem-lhe outra!

MORDOMO

Lançarote!

LANÇAROTE, *cantando, à viola, no meio do tabladó*

«*Enforquei minha esperança*
E o amor foi tão madraço
Que lhe cortou o baraço».

Esta é que é boa!

MORDOMO, *erguendo o bastão para* LANÇAROTE

Lançarote! Tu zombas da gravidade de teu amo?

MARTIM, *intervindo*

Sus! Tenha mão vossa mercê!

LANÇAROTE

Ou então, esta:

Cantando:

«Com vossos olhos Gonçalves,
Senhora, cativo tendes
Êste meu coração Mendes».

MORDOMO, *pondo fóra* LANÇAROTE, *à bastonada*

Daí para fóra! Tratante! (A MARTIM *e* ROMÃO, *que voltam a sentar-se)* Perdôem vossas mercês. *(Ás figuras do Auto)* Continuai!

SCENA VI

OS MESMOS, a RAINHA

Os MÚSICOS, ALEXANDRE DA FONSECA, *seu maestro, a* MOÇA *e o* PORTEIRO, *cantam em côro a cantiga de Camões:* «Por el marinero, a ser marinera». — FROLALTA, *ao fundo, aguarda a* RAINHA. — *O* PRÍNCIPE *adormece sôbre os coxins.*

RAINHA, *entrando quando a cantiga esmorece e se calam os sistros, flautas, rabecas e pandeiros*

Frolalta, o que sucedeu?

FROLALTA

Senhora, foi bem do céu:
O Príncipe está dormindo.

MOÇA

Parece que adormeceu.

PORTEIRO

É bom que nos vamos indo.

Saem a MOÇA, *o* PORTEIRO *e os* MÚSICOS, *pelo F.*

RAINHA

Ó grave caso de amor!
Desesperada afeição!
Ó amor sem redenção,
Sempre mil vezes maior
Quando tens menos razão!
É no mais profundo pego
Que mostras maior porfia;
Razão de ti se não fia.
Amor, quem te chamou cego,
Soube bem o que dizia!

A FROLALTA:

Viste o Príncipe chorando?

FROLALTA

Vi-o chorando, e chamando
Ao amor, amor cruel;
E em, senhora, se deitando,
Lhe caiu êste papel.

RAINHA

Que papel?

FROLALTA, *dando-lhe um papel dobrado*

Êste, senhora.

RAINHA

Deixa-mo ver. Quero lê-lo:
O que suspeito, em má hora,
Vou finalmente sabê-lo.

Abrindo o papel:

Ouve.

FROLALTA

Lêde vós, embora.

RAINHA, *lendo*

«Ó estranha pena fera!
Desditosa vida cara!
Ah, quem nunca cá viera,
E com meu pai não casara
Ou em casando morrera!»

FROLALTA

Escrito de sua mão?

RAINHA

De sua mão, que o bem vejo:
Ó príncipe de eleição!

FROLALTA

Eu sabia-o, de sobejo:
O que lhe pede o desejo,
Não consente o coração...

RAINHA

Ouve, Frolalta. Em verdade
Nada te posso encobrir.
O coração mo persuade:
Quem diz o mal que sentir,
Sente do mal a metade.
No dia em que entrei aqui,

Que a Seleuco recebi,
Logo nesse mesmo dia,
No Príncipe filho vi
Os olhos com que me via.
Êste princípio sofri-lho,
Para ver se se mudava;
Antes mais se acrescentava.
Eu amava-o como filho,
Êle doutr'arte me amava.
Agora, vejo-o no fim
Por se me não declarar:
E pois, já que a isto vim,
A morte que mo levar
Me leve também a mim.
Porque já que a minha sorte
Foi tão crua e desabrida,
Ó alma minha perdida!
Sejamos juntos na morte,
Já que o não somos na vida!

Aproximando-se do PRÍNCIPE, *que dorme:*

Não sei se o acorde agora;
Se será tempo conforme,
Ou se será em má hora...

FROLALTA

Deixai-o dormir, senhora,
Porque não sofre quem dorme.

SCENA VII

OS MESMOS, REI, O FÍSICO

REI

Mestre físico, se achais
Desta doença o segrêdo,
Tudo de mim alcançais.
Vinde asinha; tenho mêdo
Que chegueis tarde de mais.

FÍSICO, *com ar solene, loba preta, murça amarela, grande mantéo enrocado, imenso nariz*

Yo diré lá medicina
Que Avicena nos refiere;
La diré, porque es divina!
Pero El-Rei que me quiere,
Qué manda, ó qué determina?

REI, *apontando o* PRÍNCIPE

O Príncipe está doente.

FÍSICO

Ó mesquino! Y que mal ha?

REI

Acercai-vos, docemente.

FÍSICO

Lo sanaré mejor, vá,
Que se fuera mi pariente!

REI, *conduzindo-o*

Tomai-lhe o pulso, daqui.

FÍSICO

Y se Vuestra Altesa quiere,
Le daré um bon consejo
Cuando doliente estuviere:
Digo, coma, si pudiere,
Y beba bon vino anejo;
Porque el vino es el licor
Que dá fuerza, y es sabroso;
Qué segun dicen, Señor,
Vinum laetificat cor
Hominis, y le es provechoso.

Acercando-se do PRÍNCIPE:

Plega á Dios que aquesto sea
Para salud y remedio

Desta dolência tan fea:
Yo buscaré todo el medio
Que presto sano se vea.

REI, *olhando o filho*

Já desperta...

PRÍNCIPE, *num meio sonho*

Ó mal tamanho!
Ó bela vista e humana
Por quem tanto mal sustenho!
Ó Princesa soberana!
Como? Nos braços vos tenho
Ou êste sonho me engana?

FÍSICO, *ao* REI

Está soñando...

PRÍNCIPE

Também
Me quereis vir magoar?
E, para me atormentar,
Mostrais-me a sombra dum bem
Que já não posso alcançar!

FÍSICO, *falando ao* PRÍNCIPE

Aflejen, señor, sus ais:
Como se halla em su pezar?

PRÍNCIPE

Como me acho, perguntais?
E como se pode achar
Quem sempre se perde mais?

FÍSICO, *àparte*

Esto es amor, adivino.

De novo, ao PRÍNCIPE:

Imagina, de contino?

PRÍNCIPE

Sem repousar um momento.

FÍSICO, *àparte*

La repuesta abre el camino.

PRÍNCIPE

Não tenho outro mantimento,
Nem outro contentamento
Senão em o que imagino.

FÍSICO, *àparte*

Esto es amor, con certesa;
Pero por quien, su amor?
Usaré de subtileza.

RAINHA, *dirigindo-se ao* PRÍNCIPE, *comovida*

Como se sente, senhor?

PRÍNCIPE

Senhora, com mais tristeza.

FÍSICO, *tomando o pulso ao* PRÍNCIPE

Su madrasta oyó hablar
Y el pulso se le alteró:
Esto no entendo yó;
Porque para le alterar
El corazon le obligó.
P'ra que el corazon se altere
Es fuerza que en um momento

Algun nuevo sentimiento
D'amor terrible le hiere,
Que causa tal movimiento.
Pero que amor cabe asi
Con madrasta? Digo yo,
Dos razones hay aqui:
La una dice que si,
La otra dice que nó.
Pero que si, digo yo!
Ó ciega naturaleza!

REI, *ao* FÍSICO

Dizei-me então: que tristeza
Ou que doença o tomou?

FÍSICO, *gravemente*

Cumpleme que solo yo
Platique con Vuestra Alteza.

REI, *ao* FÍSICO

Cheguemo-nos para cá.

RAINHA, *ao* PRÍNCIPE, *acercando-se*

Não deve desesperar;
Que emfim, se bem atentar,

Para tudo o tempo dá
Tempo para se curar.

PRÍNCIPE

Que cura poderá ter
Quem tem a cura, senhora,
No impossível haver?

RAINHA, *saindo*

Ficai-vos, senhor, embora,
Que vos não sei responder.

A RAINHA *e* FROLALTA *saem pelo F.*

SCENA VIII

OS MESMOS, menos RAINHA e FROLALTA

REI

Neste mal, que não compreendo,
Que meio dais de conselho?

FÍSICO

Señor, nada entiendo dello;
Y supuesto que lo entiendo,
Yo quizera no entendello.

REI

Porquê?

FÍSICO

Porque he entendido
Lo mas malo de entender.

REI, *insistindo*

Mas o que é? Quero saber!

FÍSICO

El Príncipe está perdido
D'amores... por mi mujer.

REI

Por vossa mulher? E Amor
Dá-lhe doença tão fera?
Que remédio achais melhor?

FÍSICO

Forçado será que muera,
Porque no muera mi honor!

REI

Pois como? A um só herdeiro
Dêstes Reinos, não dareis
Vossa mulher, pois sabeis
Que tudo faz o dinheiro?
Mestre, não no engeiteis;
Dai-lha, porque bem espero
De vos dar dinheiro e honra
Quanta eu para êle quero.

FÍSICO, *com dignidade afectada, num grande gesto*

No tira el mucho dinero
La mancha de la deshonra.

REI

Ora, bem pouco defeito!
É pequice conhecida
Quando deixa de ser feito:
Dai-lhe a mulher, que dais vida
A quem vos dará proveito.

FÍSICO

Cuan facilmente aporfia
Quien en tal nunca se vió!
Del consejo que me dió,

Vuestra Alteza que haria
Si ahora fuesse yo?

REI

Eu? A mulher que tivesse
Dar-lha ía. Oxalá
Êle a Rainha quisesse!

FÍSICO, *rindo*

Pues dela, si le parece,
Que por ela muerto está.

REI, *com espanto*

Que me dizeis?

FÍSICO

La verdad.

REI

Sem dúvida, tal sentistes?

FÍSICO

Sin duda, sin falsedad.
Pues, Señor, ahora tomad
Los consejos que me distes.

REI

Certamente, que eu o via
Em tudo quanto falava.
Como o vistes? Porque via?

FÍSICO

Nel pulso, que se alteraba
Si la via, ó si la oya.

REI

Que mais há aí que esperar?
Olhai que estranheza vai!
O muito amor ordenar
Ir-se o filho namorar
Duma mulher de seu pai!

Ao PRÍNÇIPE, *tomando-o pela mão:*

Erguei-vos, filho, daí
O melhor que vós puderdes
E vinde-vos para aqui:
Porque, emfim, o quizerdes
Tudo o havereis de mi.

Saem o REI, *o* PRÍNCIPE *e o* FÍSICO *pelo F.*

SCENA IX

PORTEIRO, MOÇA

MOÇA, *entrando com o* PORTEIRO DA CANA

Ora sabeis o que vai?
O Príncipe se casou
Com a mulher de seu pai,
E o mesmo pai o ordenou.

PORTEIRO

Isso como?

MOÇA

Não o sei.
Só porque dizem que a amava,
E que só por ela andava
Para morrer; e que El-Rei
Deu-a a quem a desejava.

PORTEIRO, *acarneirando os olhos*

Se casa por querer bem
Com a môça a quem êle ama,
Direi eu que a mim me inflama
O amor, mais que a ninguém.

MOÇA, *dando-lhe a mão*

Pois pedi-lhe a vossa dama...

PORTEIRO

Por S. Gil, El-Rei que vem!

SCENA X

TODAS AS FIGURAS DA COMÉDIA

Os sinos tocam. Entram os músicos e os cantores; o PRÍNCIPE *e a* RAINHA *veem sob pálio*

REI

Ora vos faço saber
E certo vos maravilho,
Que dou nest'hora a meu filho
A Rainha por mulher.

Aos músicos:

Haja cantos para ouvir,
Jogos, prazeres sem fundo,
Porque, se quereis sentir,
Dêste modo entrou o mundo,
Dêste modo há de sair.

Vão-se todos, dansando, ao som dos sistros e das rabecas, com o REI *à frente, de manto sofraldado.*

MARTIM, *ao* MORDOMO

Mas então, senhor Mordomo, o filho casa com a mulher do pai?

MORDOMO

É que estas cousas se passaram antes de Cristo, Senhor Nosso, vir ao mundo. *(Para dentro)* Mandai correr a cortina! *(Ao público)* Acabou o Auto, meus senhores. Passem vossas mercês muito bem.

Corre a tapeçaria. Levam as luzes da sala.

O PANO CAI

JVLIO DANTAS

SANTA INQVISIÇÃO

SOCIEDADE EDITORA
PORTVGAL-BRASIL

SANTA INQUISIÇÃO

Peça em quatro actos e um quadro
representada com grande sucesso pela primeira vez,
em Portugal, no Teatro D. Amélia de Lisboa,
em 17 de março de 1910,
e, em Espanha, no Teatro Apollo de Barcelona,
em 5 de dezembro de 1914

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 3.ª edição.
Sonetos (1916) — 5.ª edição.

PROSA

Outros tempos (1909) — 3.ª edição.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 3.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 5.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) – 3.ª edição.
Mulheres (1916) — 6.ª edição.
Êles e Elas (1918) — 4.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 5.ª edição.
Como elas amam (1920) – 4.ª edição.
Abelhas doiradas (1920) – 2.ª edição.
Os galos de Apollo (1921)—2.ª edição.
Arte de amar (1922) – 2.ª edição.
O heroísmo, a elegância, o amor (1923).
As Grandes Batalhas – No prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) – 5.ª edição.
Viriato Trágico (1900) – 2.ª edição.
A Severa (1901) – 4.ª edição.
Crucificados (1902) – 2.ª edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) – 26.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) – 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) – 3.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) – 4.ª edição.
Rei Lear (1906) – 2.ª edição.
Rosas de todo o ano (1907) – 10.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) – 5.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) – 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) – 3.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) – 5.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) – 3.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) – 3.ª edição.
1023 (1914) – 3.ª edição.
Sóror Mariana (1915) – 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) – 3.ª edição.
D. João Tenório (1920) – 2.ª edição.
A Castro (1920).

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

JÚLIO DANTAS

Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa

Da Academia Brasileira de Letras

Santa Inquisição

PEÇA EM 4 ACTOS E 1 QUADRO

3.ª EDIÇÃO

LISBOA

PORTUGAL-BRASIL

SOCIEDADE EDITORA

ARTHUR BRANDÃO & C.ª

58 — RUA GARRETT — 60

A estreia da *Santa Inquisição* no antigo Teatro D. Amélia, de Lisboa, na época de 1909-1910, constituiu um dos maiores êxitos públicos daquele Teatro. Esta peça, como quási todo o teatro de Júlio Dantas, é muito conhecida em Espanha, onde foi representada pela primeira vez, em 5 de dezembro de 1914, pela companhia do ilustre actor Rojas, no Teatro Apollo, de Barcelona. Desempenharam então os principais papéis os actores srs. Perelló *(Cardeal Inquisidor)*, Rojas *(Mícer António Gaspar)*, Rubio *(Mossém Judas Navarro)*, sr.ª Caparó *(Isabel Conti)*, sr.ª Gasso *(a Bruxa)*. O scenário, de grande efeito, foi pintado pela casa *Madalena*. A peça obteve um êxito notável. «Durant tots els actes, l'interès ha auat creixent è a cada acabament l'ováció més entusiasta esclatava» (*Poble Catala*, 6 de dezembro, 1914). «El drama, que dejò profundamente emocionado al auditorio, obtuvo un exito ruidoso» (*El Progresso*, 7 de dezembro). «La nueva produccion del autor de *La cena de los Cardenales* conmovió hondamente al público y logró adueñarse del espiritu del espetador de forma tal, que cada escena, cada parlamento, fué objeto de un murmullo de aprobacion» (*El Liberal*, 6 de dezembro). A versão castelhana do sr. Ribera y Rovira foi impressa em 1915 pela Biblioteca «Teatro Mundial», de Barcelona.

OS EDITORES.

FIGURAS

Figura	Intérprete
Cardeal Inquisidor Geral	Augusto Rosa
Mícer António Gaspar, *mercador*	Alexandre Azevedo
Frei Marcos, *dominicano*	João Silva
D. João	Carlos de Oliveira
Rui, *escolar de Coimbra*	Henrique Alves
Mossém Judas Navarro, *joalheiro do Rei, cristão novo*	José Ricardo
Frei Plácido de Jesus, *franciscano*	Rafael Marques
Curvo Semmedo, *familiar do Santo Ofício, médico da câmara do Rei*	António Pinheiro
Braschi-Onesti, *gentil-homem da Nunciatura*	António Sarmento
Don Brisco, *titereiro espanhol*	Chaby pinheiro
O Estalajadeiro	Rafael Marques
O Notário	Lopo Pimentel
O Litereiro	Francisco Sena
Frei Promotor, *dominicano*	António Sarmento
Frei Procurador, *bento*	Franciso Sena
O Mordomo	Manuel Pina
Mulato, *estribeiro*	António Montenegro
Belchior, *criado*	Manuel Pina
O Filho, *criança de seis anos*	Guilhermina
A Filha, *criança de quatro anos*	N. N.
Isabel Conti, *mulher de* Micer António.	Angela Pinto
A Bruxa	Jesuina Saraiva
A Flamenga, *rameira*	Luz Veloso
Rosal, *idem*	Júlia de Assumpção
Inês, *aia*	Elvira Costa
Dorotéa, *criada*	Alexandrino Quádrio
Raquel, *idem*	N. N.
Sílvia, *bailarina italiana*	Margarida Gomes
Lorenza, *idem*	Leonor Faria
La Gioconda, *idem*	Emília Sarmento

Inquisidores, deputados do Santo Ofício, familiares, quadrilheiros, meirinhos, porteiros, frades de S. Domingos, alabardeiros, suissos, músicos, titereiros espanhóis, franciscanos pedintes, povo.

EM PORTUGAL, NO SÉCULO XVII

PRIMEIRO ACTO

Em casa de MICER ANTÓNIO GASPAR, *mercador rico do século* XVII. — *Aposento servindo de guarda-roupa e de oratório.* — *Á D., duas janelas de rótulas com postigos. Entre as janelas, o oratório: tríptico enorme, flamengo, em talha e pintura; um crucifixo; lâmpada de prata, acesa. Em frente, banco de rezar, com a sua almofada de damasco vermelho.* — *A meio, um cravo pequeno ou espineta de xarão; tamboretes.* — *Ao F., porta larga dando para a alcova: leito de colunas, gôsto holandês; perto, um berço; ao alto, lâmpada. Armários.* — *Noite.*

ISABEL, *em roupas, ajoelhada no banco do oratório, tem nos braços um pequeno de cinco anos, risonho, apenas envolvido numa camisa ligeira.* — *Na alcova,* INÊS *embala o berço, onde se entrevê, muito loira, outra criança dormindo.*

ISABEL, *ensinando o* FILHO *a rezar*

Não nos deixeis, Senhor, caír em tentação...

O FILHO, *repetindo, na sua vozinha infantil*

Não nos deixeis, Senhor, caír em tentação.

ISABEL

Livrai-nos de todo o mal.

O FILHO

Livrai-nos de todo o mal.

ISABEL

Amen, Jesus.

O FILHO

Amen, Jesus.

ISABEL

Põe as mãosinhas, anda. — Pede a Nosso Senhor. *(Juntando-lhe as mãos)* Que o pai seja sempre muito amigo da mãe...

O FILHO, *repetindo, num sorriso*

Muito amigo da mãe.

ISABEL

Que Deus proteja a nossa casa com a sua misericórdia.

O FILHO

Misericórdia.

ISABEL

E nos livre das perseguições dos nossos inimigos.

O FILHO

Dos nossos inimigos.

ISABEL, *beijando-o e apertando-o ao peito*

Meu amor! meu tesouro! minha vida! — Se tu soubesses como a mãe é feliz!

A FILHA, *chamando, da alcova*

Mãe!

ISABEL

Que é, meu amor?

INÊS, *da alcova*

Minha ama, é a menina que não dorme com o sentido no irmãozinho.

ISABEL

Já vou, minha jóia. — O mano já vai. *(Ao* FILHO) Vamo-nos deitar, sim?

O FILHO

Quero esperar pelo pai.

ISABEL, *sentando-se no banco que está junto do cravo, com o* FILHO *nos joelhos*

Não tens sono?

O FILHO

Toca, mãe.

ISABEL

É muito de noite, minha vida. — Acorda os passarinhos que estão a dormir.

O FILHO

Porque é que o pai não vem?

ISABEL

O pai já vem. Está na côrte, com os mercadores que chegaram da Holanda.

O FILHO

Que está êle a fazer?

ISABEL

Está a ganhar dinheiro para a mãe, para ti e para a tua irmãzinha. *(O* FILHO *bate com as mãos sôbre o teclado)* Não é assim, meu amor. — As mãozinhas põem-se assim, vês? — As tuas não chegam, são muito pequeninas... *(tocando)* É assim.

INÊS, ***vindo do F., pé ante pé,***
emquanto ISABEL, ***com o*** FILHO ***no regaço, toca no cravo***
um prelúdio de Bach

Minha ama, a menina já dorme.

ISABEL, ***num sorriso, deixando de tocar***
e mostrando o FILHO

Adormeceu.

INÊS

Benza-o a Virgem.

ISABEL

Tome-o lá. *(Ouvem-se as esquilas duma liteira)* Espere. — Parece que é já a liteira.

(INÊS *corre à janela)* Não abra as rótulas. Veja ao postigo.

INÊS, *olhando para fora*

É o meu amo. — Conheço as guiseiras dos machos.

ISABEL, *com estranheza*

Tão cedo hoje! — E tão depressa! *(Dando o* FILHO *a* INÊS) Tome o menino. *(Correndo à janela)* Parou. *(Abrindo as rótulas)* Entrou já. *(Correndo à porta da E. alta)* António!

ANTÓNIO, *cuja voz se ouve, fora*

Belchior! — Dorotéa! — Depressa! — As azêmolas! As duas liteiras! — Todos os machos para mudas!

ISABEL

António! Que foi?

ANTÓNIO, *entrando pela E. alta*

Minha Isabel, coragem!

ISABEL

Vens tão pálido! — Que tens tu? — Que aconteceu?

ANTÓNIO

Temos de saír já desta casa. — Chama as criadas. Entrouxa as roupas, as pratas, as jóias. — Não há tempo a perder.

ISABEL

Meu Deus! — E os nossos filhos?

ANTÓNIO

Vão connosco. — Embrulham-se em mantas.

ISABEL, *chamando*

Ama! — Dorotéa! — Raquel! *(a* ANTÓNIO) Mas para quê? Uma jornada a estas horas da noite! — António! Que vamos nós fazer?

ANTÓNIO

Fugir!

ISABEL

Fugir? *(Precipitando-se para a alcova)* Filhos da minha alma!

INÊS, *que tem deitado o pequeno no leito, ampara* ISABEL *nos braços*

Minha ama!

ANTÓNIO, *a* BELCHIOR, *criado velho, que entra trazendo pratas e roupas*

Arcas, baús, sacos da ração do gado! — Depressa!

DOROTÉA, *entrando com* RAQUEL *pela E. baixa*

Senhor Deus, valei-nos!

ANTÓNIO, *para* BELCHIOR, *que vai a saír*

Emquanto não saímos, aferrolha os portões, tranca as janelas e aperra as clavinas, — para o que der e vier!

ISABEL

Que mal fizemos nós para fugir assim, António?

ANTÓNIO, *às* CRIADAS, *emquanto atafulha uma arca*

Essas pratas! Depressa! *(a* ISABEL) Não há tempo para lágrimas. Não me perguntes mais nada. — As tuas jóias!

ISABEL

As minhas jóias?

ANTÓNIO, *a* BELCHIOR, *que volta trazendo um baú de couro pregado*

Leva! — Carrega os machos! — Mas dentro do pátio! — Ninguém sai sem nós!

INÊS, *apontando a* ISABEL *as crianças que dormem*

Estão a dormir tão bem!

ANTÓNIO, *ajudando* BELCHIOR *a carregar uma arca*

Os liteireiros são de confiança?

BELCHIOR

São, mícer António.

ANTÓNIO

Um dêles que se vá embuscar no ferregial, na volta da estrada. Ao menor ruído do lado de Lisboa, corra a prevenir-me.

ISABEL, *que tira um cofrezinho de prata de dentro de um armário holandês*

António! — Nós fugimos da justiça?

ANTÓNIO, *carregando um baú*

Não.

Ouve-se, fora, correr o ferrolho do portão

ISABEL

Tu escondes-me a verdade. — Estas jóias queimam-me as mãos. — António, nós roubámos!

ANTÓNIO

Isabel! Tu enlouqueceste!

ISABEL

Pela vida dos nossos filhos?

ANTÓNIO

Antes tivéssemos roubado! *(Uma das* CRIADAS *desprende a lâmpada de prata do oratório)* As lâmpadas! — Depressa! — Aquela roupa!

ISABEL, *pondo o cofre das jóias sôbre o oratório*

Então, se estamos inocentes, de quem fugimos nós?

ANTÓNIO

De Deus!

ISABEL

Que mal fizemos nós a Deus? — Fugir para onde? Não temos família, não temos amigos em Portugal!

ANTÓNIO

Atravessamos a Espanha, — e, já a salvo, ganharemos a Holanda. *(A* BELCHIOR, *que traz duas clavinas)* Estão aperradas? — Bem. *(Sobraçando um capotão de dozeno)* O ferragoulo! *(Ás* CRIADAS) Carreguem tudo. *(A* ISABEL) Vamos. Encapuza o rebuço. Traze as crianças.

ISABEL, *numa súplica*

António! — Não tenho fôrça para deixar esta casa! Eu fui tão feliz aqui, António! Foi aqui que nasceram os nossos filhos! Tudo isto está cheio do nosso amor! *(Ajoelhando)* Suplico-te! Por piedade! Não me leves!

ANTÓNIO, *terminante*

Se fico, estou morto. — Escolhe.

ISABEL

Morto?

ANTÓNIO

Desde manhã que me perseguem.

ISABEL

A ti?

ANTÓNIO

A mim.

ISABEL

Quem?

ANTÓNIO

A Inquisição.

ISABEL, *num grito*

Virgem Santíssima!

ANTÓNIO, *apurando o ouvido*

Escuta.

ISABEL, *desvairada, correndo à alcova*

Filhos! Meus filhos!

ANTÓNIO

Cala-te! *(Aproximando-se das janelas)* Parecem vozes.

INÊS

É o vento nos pinheiros.

ANTÓNIO, *às* CRIADAS, *que conduzem um baú de couro*

Dorotéa! — Não saiam. — Ouvi vozes, distintamente.

BELCHIOR, *entrando pela E. alta*

Mícer António!

ANTÓNIO

Belchior! — É alguém?

BELCHIOR

O liteireiro entrou. — Diz que vem gente.

ANTÓNIO

Que gente?

BELCHIOR

Não sei.

ANTÓNIO

Chama-o aqui. *(Ás* CRIADAS) Fechem os postigos. Diminuam as luzes. *(Ao* LITEIREIRO, *que entra pela E. alta)* Leonardo! — Que foi?

LITEIREIRO, *rolando o chapéu nas mãos*

Mícer António... — É um frade com uma lanterna, e uns homens de negro. — Apearam-se dos machos, na volta da estrada. Parece que veem para cá.

ANTÓNIO, *com desespêro*

Malditos! Caminharam depressa!

ISABEL

Meu Deus!

INÊS

Santo breve da marca!

DOROTÉA, *transida, junto a* RAQUEL, *que chora*

Misericórdia, Senhor!

ANTÓNIO, *às* CRIADAS

Silêncio! Fora daqui! *(Ao* LITEIREIRO) Quantos são êles?

LITEIREIRO

Para mais de seis, mícer António.

ANTÓNIO, *tomando uma das clavinas, ao* LITEIREIRO

Tens boa vista, mão firme? *(Entregando-lha)* Toma. *(A* BELCHIOR, *que lança mão dum arcabuz)* Belchior, aperra o teu arcabuz.

BELCHIOR, *espreitando dos postigos*

Veem para cá. — É um frade de S. Domingos. — Parecem a modo de quadrilheiros da Santa Inquisição. *(Ouve-se, fora, bater uma pesada aldraba de bronze).* São êles.

DOROTÉA *e* RAQUEL, *na porta da E. baixa*

Virgem Santa!

ISABEL

Olha os nossos filhinhos. Tem prudência. — Como vais tu recebê-los, António?

ANTÓNIO, *agarrando uma clavina*

Com tôdas as honras. — A tiro!

ISABEL, *correndo para diante da janela, num grito*

Não! — Tu desgraças-te! — Não!

ANTÓNIO, *querendo afastá-la, violentamente*

Arreda daí, mulher!

ISABEL

Matas os nossos filhos, António! — Repara... É o Santo Tribunal!

LITEIREIRO, *pousando a arma sôbre a espineta de xarão*

Sôbre a Santa Inquisição não atiro, mícer António.

ANTÓNIO

Covardes! *(Correndo à janela)* Pois atiro eu

ISABEL, *arrebatando o* FILHO *aos braços de* INÊS, *e correndo para diante das rótulas*

O teu filhinho! — Tem piedade dêle, ao menos!

O FILHO, *chorando*

Pai!

INÊS

Meu amo!

BELCHIOR, *travando do braço de* ANTÓNIO

Mícer António!

ANTÓNIO, *deixando-se caír sôbre o banco do oratório*

Mataste-me, meu filho. — Está tudo acabado. *(A* BELCHIOR, *quando a aldraba sôa novamente)* Manda entrar os corvos!

BELCHIOR, *levantando a rótula da janela da D. alta e debruçando-se*

Quem vem?

UMA VOZ, *fora*

Da parte da Santa inquisição.

ANTÓNIO, *numa lágrima, abraçando* ISABEL, *quando* BELCHIOR *e o* LITEIREIRO *sáem para abrir*

Isabel! — Meu filho! — Adeus.

ISABEL

Não! Não pode ser, António! É engano. Verás que é engano. — Nós estamos inocentes. Não fizemos mal a ninguém. Não ofendemos a Deus. — Verás que não é a ti que êles procuram, que não é o teu nome que êles dizem...

Entram, pela E. alta, os ministros da Inquisição. Á frente, FREI MARCOS, *dominicano ósseo, hercúleo, enorme, cogulado de um capuz escuro; em seguida, o* NOTÁRIO, *de lôba e óculos verdes redondos; dois* FAMILIARES *do Santo Ofício, com imensos chapéus holandeses, capas negras, golas brancas derrubadas; seis quadrilheiros com chuços e saltimbarcas; por fim, um leigo de S. Domingos, trôpego, com uma lanterna na mão. — Um momento de silêncio.*

FREI MARCOS, *numa voz dura e nítida, encarando* ANTÓNIO

Mícer António Gaspar.

ISABEL, *num grito estrangulado*

Ah!

DOROTÉA *e* RAQUEL *desaparecem;* BELCHIOR *e o* LITEIREIRO *não voltam.*

ANTÓNIO, *com nobreza, medindo o* FRADE

Sou eu.

NOTÁRIO, *lendo um papel*

Mercador que foi na Holanda e é agora neste reino e côrte. — De trinta anos. Casado.

ANTÓNIO

O que quer de mim a Santa Inquisição?

FREI MARCOS, *tirando o papel das mãos do* NOTÁRIO *e apresentando-o ao mercador*

Assine.

ANTÓNIO, *lendo*

Preso à ordem do eminentíssimo Cardeal Inquisidor Geral...

ISABEL, *caindo de joelhos diante do oratório*

Piedade, meu Deus!

ANTÓNIO

Mas preso porquê? Qual é o meu crime? De que me acusam?

FREI MARCOS

Sabel-o-há no cárcere, quando o frade Promotor ler o seu libelo.

ANTÓNIO

É-me permitida a contestação?

FREI MARCOS

Nos termos que entender de sua justiça.

ANTÓNIO, *assinando, com o cálamo do* NOTÁRIO

Estou às ordens do Santo Tribunal.

ISABEL, *precipitando-se*

Não! — Hão-de matar-me para te levarem!

ANTÓNIO

Larga-me, mulher! *(Apontando o oratório)* Se aquele Deus não é um Deus iníquo, —

voltarei. — Deixo nas tuas mãos tudo quanto me resta no mundo: a minha honra e os meus filhos. — Guarda-os bem. *(Num soluço, sem olhar as crianças)* Filhos da minha alma! *(Com energia, a* FREI MARCOS) Frade, vamos!

ISABEL, *querendo seguir* ANTÓNIO, *que sai pela E. alta com três quadrilheiros*

António! (FREI MARCOS *interpõe-se, detendo-a num gesto;* ISABEL *cai sôbre o banco do oratório, numa profunda expressão de dôr)* O que vai ser de mim!

1.º FAMILIAR, *baixo, a* FREI MARCOS

Levamos o criado e os liteireiros?

FREI MARCOS, *baixo*

Carregados de ferros.

2.º FAMILIAR, *ao* FRADE, *a meia voz, indicando* ISABEL

E a mulher?

FREI MARCOS

Fica à minha conta.

Os FAMILIARES *sáem pela E. alta, seguidos do leigo portador da lanterna.*

FREI MARCOS, *a* ISABEL, *passado um momento*

O seu nome?

ISABEL, *defendendo o* FILHO *e a* FILHA, *que* INÊS, *cheia de pavor, deixa sôbre a almofada de damasco vermelho*

Filhos do meu coração!

FREI MARCOS, *insistindo e aproximando-se*

O seu nome?

ISABEL

Levaram-me o marido! Que mais querem de mim?

FREI MARCOS, *mais perto*

O seu nome?

ISABEL, *estremecendo*

Isabel.

NOTÁRIO, *que se instalou, a escrever, sôbre o cravo de xarão*

Só?

ISABEL

Isabel Conti.

FREI MARCOS

Italiana?

ISABEL

Criada em Portugal. — Deixem-me, por compaixão!

NOTÁRIO, *cujo cálamo arranha sôbre o papel*

Amancebada com mícer António Gaspar?

ISABEL, *numa súbita revolta*

Á face de Deus! Mulher dêle.

FREI MARCOS

Quantos filhos tem?

ISABEL

Dois.

INÊS, *cheia de terror, atravessa a scena e sai pela E. alta*

NOTARIO, *escrevendo, impassível*

De seu marido, ou doutro homem?

ISABEL

Covardes! — Também é em nome de Deus que insultam uma mulher?

FREI MARCOS, *vendo a clavina que está sôbre o tampo da espineta*

Foi seu marido que aperrou esta clavina?

ISABEL

Fora da porta! — Não teem nada mais que fazer aqui! — *(Chamando)* Inês! — Dorotéa!

FREI MARCOS, *insistindo*

Foi seu marido?

ISABEL

Não sei.

FREI MARCOS, *concluindo*

Foi seu marido.

ISABEL

Por misericórdia, deixem-me!

FREI MARCOS

Para nos fuzilar das janelas.

ISABEL

Não sei, não sei. *(Chamando, de novo, cheia de terror)* Inês!—As minhas criadas?

FREI MARCOS

Inútil chamá-las. Fugiram.

ISABEL

Não! Não pode ser!—Inês! *(dolorosamente)* Desampararam-me todos!

FREI MARCOS, *ao* NOTÁRIO, *quando os quadrilheiros trazem uma arca*

Pode começar o arrolamento dos bens.

NOTÁRIO, *a* FREI MARCOS

Há lá em baixo mais seis baús de couro pregado, carregados em azêmolas.

FREI MARCOS, *aos quadrilheiros*

Façam-lhes saltar os ferrolhos. — Revolvam tudo.

ISABEL, *vendo os quadrilheiros revolvêr a arca*

Mas...

FREI MARCOS, *a* ISABEL

Onde estão as pratas e as jóias que seu marido trouxe de Hamburgo e da Holanda?

ISABEL

Mas que é isto?

FREI MARCOS

Estão naquele armário?

ISABEL

Roubam-me o marido e veem devassar-me a casa?

NOTÁRIO

Estão nesta arca. *(Aos quadrilheiros)* Para esta banda, tudo quanto forem pratas.

ISABEL

Não! — Êstes bens são de meu marido, são dos meus filhos. Não consinto que lhes toquem!

FREI MARCOS

Os bens de seu marido pertencem desde hoje à Inquisição.

ISABEL

Quê? Os meus bens?

FREI MARCOS

Sequestrados.

ISABEL, *instintivamente, avançando a mão para o cofre que está sôbre o oratório*

As minhas jóias?

FREI MARCOS, *detendo-a, num gesto*

Tudo.

ISABEL, *num olhar de ansiedade*

A minha casa...?

FREI MARCOS

Seladas as portas com o sêlo do Santo Ofício.

ISABEL

E então eu?

FREI MARCOS

O Santo Tribunal usa de misericórdia e concede-lhe a liberdade. — Pode ir em paz.

ISABEL

Mas para que quero eu a liberdade, se vou morrer de fome?

NOTÁRIO, *inventariando*

Lâmpadas de prata, — uma.

ISABEL

Então eu hei-de ir pedir esmola, com os meus filhos? Hei-de ir por aí, a monte com a ninhada, como uma lôba? — Á fome! Ao frio! *(Com horror)*. Ah, não! *(Suplicando)* Tenham

piedade destas crianças! Tenham dó de mim! — Ao menos, as minhas jóias... Deixem-me levar alguma coisa... É o pão dos meus filhos! *(Esboçando um movimento para o cofre de prata, que está sôbre o oratório)* Só as minhas jóias!

NOTÁRIO

Gomís de prata, — dois.

FREI MARCOS, *cuja face se aproxima da face de* ISABEL, *a meia-voz, a mão em garra sôbre o cofre*

Um sorriso, — e são tuas.

ISABEL, *com repugnância e horror*

Ah, miserável! — *(Arrastando as crianças)* Filhos! Esta casa já não é nossa. Roubaram-nos tudo. Já não temos nada que fazer aqui. *(A* FREI MARCOS, *que a olha, impassível)* Mas em nome de que tribunal vens tu? Que Deus é o teu? Onde está êsse Deus que manda roubar, frade? Que é dêsse Deus de ignomínia, que vive de sangue e de pilhagem? *(Apontando o oratório)* Se é aquele, eu o amaldiçôo e renego de tôda a minha alma! Se é outro, seja maldito quem o inventou! *(Recuando, para o* FRADE) Maldito o hábito que

tu vestes! Maldita a cruz que tens no peito! *(Saindo com os filhos, pela E. alta, numa imprecação, a face convulsa, as mãos crispadas para* FREI MARCOS) Maldito! Maldito! Maldito!

NOTÁRIO, *a* FREI MARCOS *tranqüilamente, encolhendo os ombros*

Continue o inventário.

Cai o pano.

SEGUNDO ACTO

O pátio duma estalagem portuguesa do século XVII. — Ao F., estrada: longes de paisagem ribatejana. — Á D., casa velha: varanda de gelosias, praticável; painel de azulejos; duas portas alpendradas, com degraus; poiais de tijolo. — Á E., estrebaria: uma só porta; poial; argolões de ferro em cunhais de pedra; fardos de palha. — Na estrada, meio encoberto pelas cavalariças, um côche, ou estufa espanhola de viagem, empoeirado, de que se vêem as estribeiras, o jôgo trazeiro, e as portas, armoriadas de uma cruz florida de vermelho em campo de prata. — Banco de pedra, a meio da scena. — Dia claro.

D. JOÃO, *vestido de preto, como o Filipe IV de Velasquez, desce do côche, cuja porta é aberta por um estribeiro mulato. — Na estalagem ouvem-se violas, vozes de mulher. — Sentada no poial da E. baixa, uma velha judia, tipo de bruxa, embrulhada nos restos dum chiote de burel, reza numas contas.*

D. JOÃO, *falando para o cocheiro e sota-cocheiro, que não se vêem*

Vê êsses cavalos! — Êsses correões! *(Batendo as palmas)* Ó da estalagem!

ESTALAJADEIRO, *surgindo da D. alta e derrubando o sombreiro*

Fidalgo!

D. JOÃO

Pousada. — Ração para o gado. — Depressa!

ESTALAJADEIRO, *correndo à porta da E. e falando para fora*

Eh, Brás! — Recolhe os cavalos dêsse côche!

D. JOÃO

Quantas léguas até Lisboa?

ESTALAJADEIRO

Dez, fidalgo. *(Para dentro da cavalariça)* Leva as mantas e os cabrestos. *(Arredando a* BRUXA, *que desaparece pelo F., e saindo pela E.)* Tira-te, bruxa!

D. JOÃO, *ao* MULATO, *que o segue com a espada e a capa*

Dá-me a espada. *(Metendo-a nas braçadeiras de couro do talabarte)* Vê quem canta, ali dentro.

RUI, *de dentro da estalagem, chamando*

Ó da estalagem!

ESTALAJADEIRO, *de dentro da cavalariça*

Aí vai!

MULATO

São rameiras, senhor D. João.

D. JOÃO, *à porta da E., falando para fora*

Olha êsses cornozelos. — O urco da mão vem desferrado. — Amanta-os bem.

RUI, *aparecendo na porta da D. baixa*

Então que é dos espanhóis? Que é dos títeres? Onde está essa gente?

ESTALAJADEIRO, *ainda fora*

Lá vai, fidalgo!

RUI, *atirando uma moeda, que vai caír aos pés de* D. JOÃO

Uma pataca de prata, — e traze-mos depressa!

D. JOÃO, *voltando-se e levando a mão à espada*

Eh, lá! — Mais cortezia!

RUI, *reconhecendo-o e descendo, de braços abertos*

João!

D. JOÃO

Rui!

Abraçam-se. — O ESTALAJADEIRO *atravessa a scena e sái pelo F.*

RUI

Tu aqui!

D. JOÃO

De passagem.

RUI

Donde vens?

D. JOÃO

De correr mundo. — Espanha, Itália...

RUI

Vais para a côrte?

D. JOÃO

Morreu meu pai.

RUI, *com alegria*

Estás rico!

D. JOÃO

E tu?

RUI

Para Coimbra.

D. JOÃO

Estudar leis?

RUI

Ler cánones.

D. JOÃO, *sorrindo*

Divertes-te?

RUI, *apontando à D.*

Um Baltazar.

D. JOÃO

Mulheres?

RUI

Três. — Chegam para os dois.

D. JOÃO

Obrigado.

RUI, *querendo conduzi-lo*

Entra.

D. JOÃO

Vai tu. Logo falamos.

RUI

Vem ver as mulheres.

D. JOÃO, *olhando a estrebaria*

Fico a ver os cavalos.

RUI

Vale a pena. — Há uma flamenga.

D. JOÃO

Não me interessa. É caça morta.

RUI

Preferes caça viva?

D. JOÃO

A que dá trabalho a matar.

RUI

D. Juan Tenório! — A tua lista?

D JOÃO

Só na jornada, vinte e duas!

RUI

Palavra de honra?

D. JOÃO

Por esta cruz. — Oito casadas e duas freiras.

RUI

Que tu seduziste?

D. JOÃO

E que abandonei.

RUI

Uma flor que se colhe...

D. JOÃO

Uma flor que se mata.

RUI

Mas como abriste tanta alcova?

D. JOÃO

Com um sorriso.

RUI

Quando o sorriso não bastava?

D. JOÃO

Com a bôlsa.

RUI

Se não bastava a bôlsa?

D. JOÃO, *batendo na taça de ferro da espada*

Com a espada! — Mas a bôlsa basta sempre. Não há mulher que não sucumba ao dinheiro.

RUI

Nem tôdas.

D. JOÃO

As que não caem por três florins de ouro, caem por trinta.

RUI

E as que não caem por trinta?

D. JOÃO

São as que já caíram por três.

RUI

Não crês na virtude da mulher?

D. JOÃO

Creio nas mulheres de virtude.

RUI

Nunca nenhuma te resistiu?

D. JOÃO

Uma só.

RUI, *com ironia*

A rainha de Espanha?

D. JOÃO, *sorrindo*

Essa, não me resistiria.

RUI

Diana caçadora?

D. JOÃO

Uma rapariga italiana.

RUI

Em Roma?

D. JOÃO

Em Portugal.

RUI

Há muito tempo?

D. JOÃO

Há seis anos.

RUI

Que tu amavas?

D. JOÃO

Que hoje odeio.

RUI

Meteu-se freira?

D. JOÃO

Casou.

RUI

Casou?

D. JOÃO

E partiu para a Holanda. — Foi por causa dela que eu saí de Portugal.

RUI

Para a seguir?

D. JOÃO

Para a esquecer.

RUI

Sofreste?

D. JOÃO

Sofreu o meu orgulho.

RUI

Já vês que, para essa, não bastou a bôlsa!

D. JOÃO

Há-de bastar um dia! — É sempre tempo. — As mulheres são como as jóias: parecem mais belas quando mudam de dono. — Espero a minha vez.

RUI

Quê? Se tornasses a vê-la...

D. JOÃO

Vingava-me.

RUI

Não te merece respeito, a honra duma mulher?

D. JOÃO

O respeito que me merece uma flor: colho-a — e passo.

RUI, *com sentimento*

Bem se vê que não tens irmãs, João!

D. JOÃO

Se as tivesse, matava-as. Para ninguém lhes fazer o que eu faço às outras. *(Estendendo-lhe a mão)* Vai à tua caça, — e bom apetite!

RUI

Anda comigo.

D. JOÃO

E os cavalos?

ROSAL, *cuja voz se ouve, fora, cantando, acompanhada de pandeiro*

Madre, unos ojuelos vi,
Verdes, alegres e bellos:
Ay, que me muero por ellos
Y ellos se burlan de mi!

RUI, *a mão sôbre o ombro de* D. JOÃO, *apontando para o interior da estalagem*

Aquela é sevilhana. A que está cantando.

ESTALAJADEIRO, *tornando a aparecer, ao F., e falando para uma figura que não se vê*

Não dou pousada sem dinheiro. — Vá com Deus, mulher! *(Gritando, do F., para* RUI) Fidalgo! Os titereiros já aí veem.

RUI, *voltando-se*

Trazem os fantoches?

ESTALAJADEIRO

Só por uma pataca de prata dizem que não armam o teatro.

D. JOÃO, *atirando uma moeda de prata*

Pois que o armem por duas! *(Ao* MULATO*)* A minha capa! *(Ao* ESTALAJADEIRO, *que desce)* Que se come?

ESTALAJADEIRO

Pombos doirados, perús de salsa real, fricassé à romana, galinhas com cidrão, picatostes, olhos de chicória recheados, tijelada mourisca...

RUI

Dá-nos, por cima, a sevilhana!

D. JOÃO, *pondo a capa e saindo com* RUI, *pela D.*

E venha um frade, — para a extrema-uncção!

Ouvem-se risos, tinir de escudelas de cobre, vozes de mulher, pandeiros, violas. — A BRUXA *tem voltado a sentar-se no poial da E., com uma gamela de caldo nas mãos deformadas.*

ESTALAJADEIRO, *à porta da D. baixa, falando para dentro da estalagem*

Rosal! — Serve bem os fidalgos! *(Voltan-*

do-se e vendo ISABEL, *que entra pelo F., a mêdo, muito pálida, os olhos desvairados, coberta de poeira, encapuzada no rebuço dum mantéu negro)* Escusa de cá vir, mulher. — Não dou pousada, já lhe disse. — Vá com Deus.

ISABEL

Ao menos, alguma coisa de comer. Um pedaço de pão...

ESTALAJADEIRO

E dinheiro?

ISABEL

Não tenho.

ESTALAJADEIRO, *brutalmente, encaminhando-se para a E.*

Andar!

ISABEL, *numa súplica*

Por caridade...

ESTALAJADEIRO

Isto não é portaria.

ISABEL

Por esmola...

ESTALAJADEIRO

O convento de S. Francisco é lá adiante. — Lá é que há esmola de caldo. — São duas léguas.

ISABEL

Não tenho fôrças para me arrastar duas léguas.

ESTALAJADEIRO

Aqui, quem não paga, não come.

ISABEL

Eu não peço para mim.

ESTALAJADEIRO

Então para quem é?

ISABEL

Para os meus filhos.

ESTALAJADEIRO

Que é dêles?

ISABEL

Deixei-os dormindo.

ESTALAJADEIRO

Aonde?

ISABEL

No palheiro, lá em baixo. Quando acordarem, pedem-me pão. E eu não tenho coragem... *(Suplicando, a chorar)* Pelo amor de Deus!

ESTALAJADEIRO

Vá arranjar dinheiro.

ISABEL

Como hei-de eu arranjá-lo?

ESTALAJADEIRO

Trabalhe.

ISABEL

Não posso.

ESTALAJADEIRO

Querem as mãos para enfiar pérolas? — Vá roçar mato!

ISABEL

Com dois filhos nos braços?

ESTALAJADEIRO

Então, faça o que fazem as outras. Passam aí muitos homens na estrada. Mêta-se com êles.

ISABEL, *cambaleando*

Meu Deus!

ESTALAJADEIRO

Os viajantes pagam bem. — *(Apontando a estalagem, onde os risos redobram)* Pergunte àquelas que lá estão dentro. — Ganham-se bons dobrões de oiro, estendida pelos almadraques das liteiras!

ISABEL, *numa expressão de dor profunda, deixando-se caír sôbre o banco de pedra*

Dai-me resignação, Virgem Santíssima!

MULATO, *ao* ESTALAJADEIRO

Dê-lhe alguma coisa. A mulher tem fome.

ESTALAJADEIRO, *ao* MULATO, *que entra para a estalagem*

Se não as enxoto, não me largam a porta. — São umas cabras! *(A* ISABEL*)* Bem. Entre aí para a cavalariça.

ISABEL

Para mim não quero nada. Com a minha fome posso eu...

ESTALAJADEIRO

Então, quer ou não quer?

ISABEL, *erguendo-se*

É para levar aos meus filhos.

ESTALAJADEIRO

E que é do pai? Êles não teem pai?

ISABEL

É como se o não tivessem.

ESTALAJADEIRO

Engeitou-os?

ISABEL

Não.

ESTALAJADEIRO

Fugiu?

ISABEL

Prenderam-no.

ESTALAJADEIRO

Ah! Prenderam-no?

ISABEL

Tenham dó de mim!

ESTALAJADEIRO

Morte-de-homem?

ISABEL

Antes fosse.

ESTALAJADEIRO

Ladrão? — Que foi que êle roubou?

ISABEL

A mim é que me roubaram!

ESTALAJADEIRO

Quem?

ISABEL

Era rica, feliz... — Devassaram-me a casa, levaram-me o marido, roubaram-me tudo.

ESTALAJADERO

A justiça?

ISABEL

A Inquisição.

ESTALAJADEIRO, *recuando, num movimento brusco*

A Inquisição?

ISABEL

Só me deixaram os filhos, — para mos matarem à fome...

ESTALAJADEIRO, *com terror supersticioso, abatendo o sombreiro e olhando fixamente* ISABEL

Tu foste perseguida pelo Santo Tribunal?

ISABEL

Fui.

ESTALAJADEIRO, *brutal*

De largo! — Fora da porta!

ISABEL

Tenham compaixão!

ESTALAJADEIRO

Rua daqui, cadela tinhosa!

ISABEL

Piedade!

ESTALAJADEIRO

Não te quero debaixo dos meus telhados, peste!

ISABEL, *de joelhos*

Salvem os meus filhos!

ESTALAJADEIRO

Atira-os a um poço. — Quero lá que o Santo Tribunal me suspeite por te albergar! Rua!

ISABEL

Misericórdia!

ESTALAJADEIRO, *fazendo o sinal da cruz*

T'arrenego! — De largo, excomungada!

D. JOÃO, *de dentro da estalagem*

Ó da estalagem!

ESTALAJADEIRO, *a* ISABEL, *num gesto de ameaça*

Ainda tu queres pão? — Fogueira! Fogueira!

MULATO, *aparecendo, de novo, na porta da D. alta*

Ó da estalagem!

ESTALAJADEIRO

Aí vai!

D. JOÃO, *fora*

Atrela os urcos ao côche. — Não me demoro.

ESTALAJADEIRO

Pronto, fidalgo. *(A* ISABEL*)* Rua! Se torno a vêr-te cá, mando-te açoitar ao alcaide! Leprosa! *(Saindo pela E. baixa, a gritar)* Eh, Brás! Êsses cavalos!

ISABEL, *soluçando*

Que mal te fiz eu, meu Deus? — Porque me desamparas tu?

A BRUXA, *o chlote em farrapos, encapuzada nos restos dum capeirete roxo, arrastando-se até junto de* ISABEL, *trôpega, e oferecendo-lhe a gamela de caldo*

Tome. Era o que eu havia de comer... — Leve aos seus filhos.

ISABEL, *erguendo-se, num grito, ao vêr a* BRUXA

Deus de piedade!

A BRUXA

Não tenha mêdo de mim... Não fuja. — Aceite a minha esmola. — Consola-me tanto poder dar uma esmola a alguém!

ISABEL, *recuando, com horror*

Não! Não!

A BRUXA

Eu também fui rica e feliz. — Comia em escudelas de oiro, tinha aias que me vestiam de sêda... Mas, um dia, vieram os frades de S. Domingos... Marcaram uma cruz de sangue na minha porta, levaram-me o marido, selaram-me a casa...

ISABEL, *olhando-a, desvairada*

Ah!

A BRUXA

E eu fugi de noite, pelos campos, com dois filhos nos braços...

ISABEL, *tapando a cara com as mãos*

Senhor!

A BRUXA

Era inverno. Geava. Os lôbos vinham à estrada. Eu apertava os meus filhos ao seio... Nem uma gota de leite! — E morreram-me de frio e de fome...

ISABEL, *indo a precipitar-se para o F.*

Filhos da minh'alma!

A BRUXA, *detendo-a*

Os teus ainda vivem... — Aceita a minha esmola. *(Põe a gamela sôbre o poial)* Se mendigares e não te ouvirem, — rouba. *(Acercando-se de* ISABEL, *em segrêdo, e apontando o F. direita)* Os taboleiros do pão saíram agora do forno.

ISABEL, *cujo olhar se ilumina*

Pão!

A BRUXA

Não os deixes morrer como os meus. — Rouba! — Mas nunca mais digas que a Inquisição te persegue. — Nunca mais. — Cala-te, bem calada!

ISABEL, *seguindo uma idea*

Filhos!

A BRUXA, *perto de* ISABEL, *quási em segrêdo*

Aqueles que o Santo Tribunal condena, são malditos para sempre. Ninguém os quer à porta. Negam-lhes lume e água. Enxotam-n'os como leprosos. A sua sombra é peçonhenta. — Não, nunca mais o digas! — Rouba, — mas silêncio! — Também a mim me quebraram os ossos na polé... Vi o meu marido, de mitra e samarra, a uivar na fogueira... Cega-me ainda

os olhos o clarão das chamas! E calo-me. *(Recuando, com o rosário enleado nos dedos convulsos)* Finjo que rezo nas contas, com vontade de as morder, e amaldiçôo-os, baixinho... — Cala-te bem calada! *(Desaparecendo, ao F., por detrás do côche, num gesto de silêncio)* Nunca mais fales na Inquisição... Nunca mais!

Ouvem-se ao fundo vozes confusas, rumor de povo, música de tambor, flauta e rabeca

ISABEL, *esboçando um movimento para a gamela que ficou sôbre o poial, recuando numa expressão de nojo, e saindo pelo F., no gesto de quem sùbitamente se decide*

Meus filhos!

ESTALAJADEIRO, *surgindo da porta da estrebaria*

Fidalgos! Aí veem os titereiros!

VOZES *de mulher, dentro da estalagem*

Los titiriteros! — Los titiriteros!

VOZES *do povo, fora*

Na estalagem! — É na estalagem! — Os títeres! — Venham ver!

Garotos, mendigos, povo, passam ao F., na estrada, da E. para a D.

RUI, *saindo da estalagem, pela porta da D. baixa, com um pandeiro na mão*

Tragam Xerez! — Biscoitos de Génova! — Depressa! *(Ao* ESTALAJADEIRO) Tu, recebe-os com tôdas as honras! *(Chamando e atirando uma pequena pedra à varanda de gelosias)* João!

A FLAMENGA, *de dentro da estalagem, chamando*

Señorito! — Señorito! *(Aparecendo na porta da D. alta, vasquinha vermelha, garavim de fio de oiro nos cabelos negros)* Mi pandereta!

RUI, *oferecendo-lho, de longe*

Toma!

A FLAMENGA, *atravessando a scena e indo cair, num beijo, nos braços de* RUI

Estoy borracha!

ESTALAJADEIRO, *ao F., erguendo os braços e falando para os titereiros, que ainda não se vêem*

Eh, Don Brisco! — Para aqui! — Duas patacas de prata!

VOZES *do povo, fora*

Viva Don Brisco! — Viva!

A música de tambor, flauta e rabeca aproxima-se

D. JOÃO, *debruçado, ao alto, na varanda da D.*

Que é?

RUI

São os titereiros espanhóis. — Desce.

D. JOÃO

Não posso. *(Indicando* ROSAL, *sevilhana loira, com sinais postiços na face, que surge a seu lado na varanda e cujos braços nus o enlaçam)* Estou em Sevilha! *(Erguendo uma taça de estanho)* Mais vinho!

ROSAL, *atirando a taça fora e beijando-o*

Echa la copa y toma mi boca!

RUI

Galinha andaluza?

D. JOÃO

Faisão doirado!

A FLAMENGA, *cantando, dançando ao som do pandeiro em volta de* RUI, *e acabando a cantiga num beijo*

Echame una mardicion
Una mardicion gitana:
Que los ángeles me lleven
En procesion á tu cama...

Surgem ao F. os titereiros, rodeados de povo. — São cinco figuras: à frente, caminha o maioral do bando, DON BRISCO, *espanhol truculento, duma grandiosidade cómica, feltro largo, gibão de veludo côr-de-musgo, pêra de chibo, espada de ferro, exuberância de gestos, que entra sobraçando quatro enormes fantoches; segue-se uma mulher, tipo de cigana, coberta de soalhas doiradas, tocando rabeca; depois, um garoto, tocando tambor; um velho decrépito, tocando flauta; e, por fim, um cigano robusto, lenço espanhol atado na cabeça, pernas ligadas com correias, um «guignol» aos ombros, um molho de títeres debaixo do braço livre.*

VOZES *do povo, ao F.*

Viva Don Brisco! — Vivam os titereiros!

ESTALAJADEIRO, *conduzindo os titereiros*

Para aqui! — Para o pátio! *(Ao povo, que quer romper)* É só para os fidalgos! — Não entra ninguém!

VOZES, *protestando*

Fora! — Fora!

D. JOÃO, *da varanda, ao* ESTALAJADEIRO

Deixa entrar! *(A* ROSAL) Nós vemos de palanque.

RUI, *gritando, para o F.*

Entre todo o povo!

VOZES *do povo, que entra, de sombreiros derrubados*

Vivam os fidalgos! — Vivam! — Viva Don Brisco!

RUI, *dispondo as figuras*

O teatro, além. — A música, para êste lado. — É a estalagem de Don Quixote! *(Fazendo sentar a* FLAMENGA *num banco)* Maritornes! Senta-te aqui. — Surja maestro Pedro com a sua companhia de bonifrates! — Que é do titereiro-mor?

DON BRISCO, *avançando em largos passos, gesto grandioso, com os fantoches multicolores debaixo do braço*

Yo soy!

RUI, *falando-lhe em castelhano*

Eres tu?

DON BRISCO

Don Juan Brisco, maestro de los títeres españoles, gran bailador de chuchumecos en

Madrid, hidalgo como las mulas d'el-rey, titiritero de Su Magestad.

RUI

Me estás hablando, y no te quitas el chambergo?

DON BRISCO, *enterrando-o mais na cabeça*

Ni me lo quitaré! — Mi padre era grande de España!

RUI

Hidalgo, tu padre?

DON BRISCO

Ni yo me dejara engendrar en el vientre de mi madre, si no fuera de un hidalgo!

D. JOÃO, *ainda da varanda*

Olha lá: que peças representam os teus fantoches?

DON BRISCO

Todo el teatro español, el resto del teatro de todo el mundo, — pero en particular las comedias de mi primo Lope de Vega, de mi compadre Miguel de Cervantes, y de mi pariente Calderon de la Barca! *(Diante do «guignol» que o cigano coloca na E. baixa, cravando no*

chão um poste com um letreiro onde se lê o nome duma peça) Va a empezar la función! *(Apontando o letreiro)* Señores! — "El desafío de Juan Rana„, — entremés famoso de Don Pedro Calderón, ya representado por mis monigotes delante de Su Santidad el Papa! *(Para os músicos)* La rabeca y el tamboril!

A FLAMENGA, *protestando, no meio da música que rompe*

No! No! No!

VOZES

Outro! — Outro!

ROSAL, *da varanda, gritando para* DON BRISCO

La "Casa Holgona„! — Quiero la "Casa Holgona„!

A FLAMENGA

El "Hablador de Sevilla„! — La "Vida es Sueño„! — *(Batendo os pés)* Eso no! — No! No!

VOZES *do povo, ao F.*

Fora! — Fora!

RUI, *erguendo-se*

Silêncio! — Venga el entremés que ha hecho reír al Papa!

A representação começa. — Os primeiros fantoches surgem no teatro. — A música toca.

UMA VOZ, *gritando, fora*

Aqui del-rei! — Aqui del-rei!

OUTRA VOZ, *também fora, mais perto*

Ao alcaide! — Ao alcaide!

OUTRA VOZ

Aqui del-rei!

DON BRISCO, *cheio de mêdo, com um fantoche em cada mão*

Mala sangre! — Qué es esto?

FLAMENGA, *erguendo-se, a tremer*

Valga-me el cielo!

RUI

Não te assustes. *(Arrancando a espada)* Arreda daí!

ESTALAJADEIRO, *ao F., entre o povo*

Há-de ir ao alcaide! — Cordas, para lhe amarrar as mãos! — Ladra!

D. JOÃO, *aparecendo, de feltro e capa, na D. baixa*

Que alvorôço é êste? — Que é lá?

ESTALAJADEIRO, *apontando* ISABEL, *que vem presa, agarrada brutalmente por dois eguariços*

Esta ladra, que roubou um pão do taboleiro! *(Para os eguariços)* Tragam-na aqui! — Há-de ir ao alcaide, que a levo eu!

ISABEL, *debatendo-se*

Deixem-me ir buscar os meus filhos! — Pelo amor de Deus!

D. JOÃO, *aproximando-se, vendo* ISABEL, *recuando surpreendido e derrubando respeitosamente o sombreiro*

Isabel Conti!

ISABEL, *que os eguariços largam*

D. João! *(Numa súplica)* Tenha compaixão de mim! — Tenho dois filhos com fome. A Inquisição persegue-me. Roubei para lhes dar de comer... Prenderam-me. — Se alguma vez me quis bem, tenha piedade, seja generoso, — salve-me agora!

D. JOÃO, *ao* ESTALAJADEIRO, *que o olha, espantado*

Um dobrão de oiro pelo pão que esta mulher roubou! *(Ao povo, que os rodeia)* Arreda

daqui, titereiros, eguariços, — tudo! *(Respeitosamente, a* ISABEL) Minha senhora! — Espera-a um lugar no meu côche. — Disponha da minha bôlsa, — e da minha espada! *(Despedindo-se de* RUI, *num sorriso de triunfo)* Finalmente!

RUI, *baixo*

Caça morta?

D. JOÃO, *com intenção*

Caça viva!

ESTALAJADEIRO, *a* RUI, *emquanto*
D. JOÃO, *oferecendo galantemente o punho a* ISABEL,
entra com ela no côche

O fidalgo, está aqui, — está a contas com a Inquisição!

Cai o pano

TERCEIRO ACTO

Uma sala no palácio do CARDEAL INQUISIDOR. — *Sumptuosidade, severidade. — Grande chaminé Renascença, armoriada. — Ao F. D., arco resguardado por uma tapeçaria: num fundo de bosque, tecido de oiro, o corpo branco de Vénus. — Portas à D. e E. baixa; porta ao F., dando para uma ante-câmara; guarda-portas de Gobelins, com o escudo esquartelado dos Sousas sob o chapéu de cardeal. — Á E., tremó; bufete pequeno; cadeirão Luís XIII; almofada de damasco vermelho para os pés de Sua Eminência. — Perto, num tamborete, — uma capa, um chapéu, umas luvas brancas de manopla, uma espada de Toledo. — Á D., mesa larga de despacho: processos inquisitoriais com selos pendentes; um címbalo de cobre. — Pela scena, candelabros de prata; luzes. — Noite.*

O NOTÁRIO, *com os óculos verdes encavalados no nariz, escreve, sentado à mesa do despacho. — Ao levantar do pano, afasta-se a gurda-portá do F. — Entra o* MORDOMO, *introduzindo o velho médico* CURVO SEMMEDO, *o hábito de Cristo sôbre o gibão de veludo preto, um bastão de punho de oiro na mão. — Na ante-câmara reluz, por um momento, a alabarda dum suisso.*

O MÉDICO, *ao F., para o* MORDOMO

Sua Eminência o Cardeal Inquisidor?

MORDOMO, *indicando a E. baixa e descendo à D.*

Nos seus aposentos.

NOTÁRIO, *ao* MORDOMO, *que se aproxima da mesa do despacho para ver, à luz das velas, uma carta lacrada que traz na mão*

Quem é?

MORDOMO, *baixo, ao* NOTÁRIO, *que percute o címbalo de cobre, emquanto o* MÉDICO *se encaminha vagarosamente para a E. baixa*

Curvo Semmedo, médico da câmara de el-Rei, familiar do Santo Ofício.

FREI MARCOS, *surgindo da porta da E. baixa, ao* MÉDICO, *que vai ao seu encontro*

Sua Eminência espera-o.

O MÉDICO

Beijo as mãos de Vossa Paternidade. — Sua Eminência está só?

FREI MARCOS

Com Braschi-Onésti, gentil-homem da Nunciatura.

O MÉDICO

Negócios de Roma?

FREI MARCOS

Negócios de mulheres.

O MÉDICO

Com um gentil-homem do senhor Núncio?

FREI MARCOS

Empresário de cómicas italianas.

O MÉDICO

Qui non est tentatus, quid scit? (Beijando--lhe o escapulário e saindo pela E. baixa) Servo de Vossa Reverência.

MORDOMO, *a* FREI MARCOS, *que se dirige à mesa do despacho*

Uma carta para o senhor Cardeal. — Do reverendo guardião de S. Francisco.

FREI MARCOS, *recebendo-a*

Quem trouxe?

MORDOMO

Uma mulher.

FREI MARCOS

Que mulher?

MORDOMO

Diz que é mulher dum mercador da Holanda preso nos cárceres da Santa Inquisição. — Espera audiência.

FREI MARCOS, *ao* NOTÁRIO

Quantos processos prontos?

NOTÁRIO, *erguendo-se*

Quatro, reverendo Padre.

FREI MARCOS

Traga-os.

FREI MARCOS *sai pela D. baixa. O* NOTÁRIO *segue-o, sobraçando processos, o cálamo na orelha.*

BRASCHI-ONÉSTI, *saltitante, precioso, cabeleira loira, punhos de renda, mantéu de Génova, grandes tacões vermelhos, entrando pela E. baixa, de costas, misturando o português e o italiano, em mesuras e sorrisos para o* CARDEAL, *que se não vê*

Presto! — Prestissimo, Eminenza! — Vou num momento. — La più giovanetta è piccola, piccola, piccola, — como um breve do Papa! — Ho l'onore, Eminenza... *(Curvando-se numa grande mesura)* Ho l'onore... *(Voltando-se e chamando o* MORDOMO, *num gesto familiar)* — Veni qui.

MORDOMO, *aproximando-se*

Ilustríssimo.

BRASCHI-ONÉSTI, *calçando as luvas que estão sôbre o tamborete*

Quantas cadeirinhas há no palácio?

MORDOMO

Cadeirinhas?

BRASCHI-ONÉSTI

Portantine, — capisce? Quantas há?

MORDOMO

Duas, Ilustríssimo.

BRASCHI-ONÉSTI

Só? *(Contando pelos dedos)* Sílvia, Lorenza, La Gioconda, — una, due, tre... — Só duas?

MORDOMO

E o estufim doirado que serve ao senhor Cardeal.

BRASCHI-ONÉSTI

Tem cortinas? — Capisce? — Pode conduzir-se una donna, sem ser vista?

MORDOMO

Já conduziu a Duverger, — amante de Sua Majestade.

BRASCHI-ONÉSTI, *compondo os anéis da cabeleira*

Bravo, bravíssimo! — Mande-as sair a tôdas.

MORDOMO

As cadeirinhas?

BRASCHI-ONÉSTI

E o estufim.

MORDOMO

Á ordem de Sua Eminência?

BRASCHI-ONÉSTI

À minha ordem! — Vão comigo. — Presto! — La spada! Il mantello!

MORDOMO, *baixo, dando-lhe a espada*

São cómicas para o senhor Cardeal?

BRASCHI-ONESTI, *metendo a espada no talabarte e tomando uma atitude de dança*

Ballerine!

MORDOMO

Bailarinas? — Quantas, Ilustríssimo?

BRASCHI-ONÉSTI, *grandioso*

Tutto il corpo di ballo! *(Preocupado, continuando a contar pelos dedos)* Sílvia, Lorenza, La Gioconda, — una, due, tre... *(Traçando solenemente a capa que o* MORDOMO *lhe põe sôbre os ombros)* Andiamo!

MORDOMO, *afastando a tapeçaria da D. F.*

Pela porta secreta.

CARDEAL, *sibarita elegante e decrépito, face cruel de degenerado envelhecida pelo vício, batina, capelo e capa de púrpura, luneta de punho de oiro, assomando na porta da E. baixa e chamando num ligeiro acêno*

Braschi-Onésti.

BRASCHI-ONÉSTI, *descendo*

Eminenza...

CARDEAL, *em segrêdo*

As italianas ceiam comigo.

BRASCHI-ONÉSTI

Oh! — Certo, Eminenza! — Quantas vezes tem Vénus ceado com um cardeal! *(Curvando-se)* Ho l'onore... *(Ao* MORDOMO) Capisce? *(Subindo e cortejando exageradamente)* Eminenza! *(Saindo, com o* MORDOMO, *pelo F. D.)* Una, due, tre...

CARDEAL, *ao* MÉDICO, *depois dum curto silêncio*

Há três dias e três noites que não posso estar só.

O MÉDICO

Vossa Eminência?

CARDEAL, *sentando-se*

Não posso.

O MÉDICO

Mas Vossa Eminência que tem?

CARDEAL, *baixo*

Mêdo.

O MÉDICO

Mêdo?

CARDEAL

Foi por isso que te mandei chamar.

O MÉDICO

Ao médico ou ao familiar do Santo Ofício?

CARDEAL

A ambos.

O MÉDICO

Ambos servirão Vossa Eminência.

CARDEAL

Vê se alguém nos escuta. *(Indicando o F. D.)* Por detrás da tapeçaria.

O MÉDICO, *afastando a tapeçaria*

Eminência, ninguém.

CARDEAL, *olhando a D. baixa*

Nem Frei Marcos?

O MÉDICO

Nem Frei Marcos.

CARDEAL

Senta-te aqui.—Neste tamborete. *(O* MÉDICO *senta-se)* Olha bem para mim. O que vês tu na minha cara?

O MÉDICO

Eminência...

CARDEAL

Não hesites. — O que vês tu?

O MÉDICO

Majestade, nobreza.

CARDEAL

Só?

O MÉDICO

Só.

CARDEAL, *erguendo na mão convulsa um candelabro de prata aceso, e olhando-se no espelho do tremó da E.*

Não vês nada mais? — Nos meus olhos? Na minha face? — Aqui?

O MÉDICO

Eminência, — talvez uma certa palidez.

CARDEAL

Decrepitude?

O MÉDICO

Fadiga.

CARDEAL

O olhar apagado, os lábios trémulos?

O MÉDICO

Apenas fadiga.

CARDEAL, *pousando o candelabro*

Mas tu disseste palidez.

O MÉDICO

Efeito da púrpura, Eminência.

CARDEAL

Disseste palidez, — e querias dizer morte. *(A um gesto do* MÉDICO) É o que eu vejo há três dias na minha cara. A morte. — Por isso não posso estar só.

O MÉDICO, *serenamente*

Vossa Eminência tem o espírito fatigado. Precisa repousar.

CARDEAL

Preciso viver! Viver! Dá-me a vida que eu tinha! Restitui-me a minha mocidade! — *(Mais baixo)* Ouvi dizer que tu fabricavas a essência de âmbar. — Mete-te no meu côche. Vai buscar-ma. Traze-ma esta noite ainda!

O MÉDICO

A essência que eu fabrico, Eminência, não remoça.

CARDEAL

Não remoça?

O MÉDICO

Envenena.

CARDEAL

Mas tu deste-a, em França, ao Cardeal de Richelieu.

O MÉDICO

Dei-a.—Sabe Vossa Eminência quanto custou ao Cardeal cada instante de mocidade?

CARDEAL, *com exaltação*

Mil ducados!

O MÉDICO

Anos de vida!

CARDEAL, *caindo, abatido, sôbre a cadeira*

É caro de mais.

O MÉDICO, *tomando o chapéu*

Se Vossa Eminência ordena...

CARDEAL, *detendo-o*

Não. *(Depois dum silêncio)* Há quanto tempo me conheceste tu em Roma?

O MÉDICO

Dez anos, Eminência.

CARDEAL

Se eu pudesse, ao menos, voltar dez anos atrás! Ser o que era nesse tempo! — Recordas-te de mim?

O MÉDICO

Vossa Eminência recebeu-me algumas noites no Vaticano. — Sentou-me à sua mesa.

CADDEAL

As nossas ceias com o Cardeal Ottoboni! — Que mulheres! *(A expressão iluminada, recordando)* Lembras-te do corpo branco de Monna Lisa, estendido sôbre o meu manto de púrpura? — Parece que estou a vê-lo! — E a taça de oiro que eu mandei modelar pelo seio duma florentina! Quando bebia por ela, uma só gota de vinho embriagava-me!... *(Dolorosamente)* E agora, nem todo o vinho de Chipre, nem todo o amor da Itália! — Não. Digo-to eu. A obra de Deus é imperfeita. — Ao menos, os cardeais não deviam envelhecer!

O MÉDICO

Eminência, — envelhecem mais depressa.

CARDEAL

Para que és tu sábio?

O MÉDICO

Para lho poder dizer.

CARDEAL

A tua sciência não me rejuvenesce.

O MÉDICO

Quem sabe?

CARDEAL

Tentei os meios todos.

O MÉDICO

Ainda não.

CARDEAL, *vivamente*

Há mais algum?

O MÉDICO

Talvez.

CARDEAL

Sim. Rodear-me de mulheres muito moças.

Beber-lhes o hálito, como os antigos patriarcas... — Braschi-Onésti traz-me italianas esta noite.

O MÉDICO

Outro meio ainda, Eminência.

CARDEAL

Qual?

O MÉDICO

Vossa Eminência é o santo Cardeal Inquisidor... Porque não faz o que fazia em Espanha o Cardeal Cisneros? Vá ao palácio da Inquisição, desça à câmara dos tormentos, mande torturar mulheres, — e assista.

CARDEAL, *num desalento trágico*

Curvo Semmedo! Qantas centenas delas tenho eu mandado torturar!

O MÉDICO

Vossa Eminência?

CARDEAL

É êsse, — é êsse, precisamente, o mais terrível sinal da minha decrepitude. — Agora é que tocaste a fundo a ferida. — Dantes, quando torturava alguém, — o prazer que eu sentia!

Era como um vinho capitoso que me corria nas veias. Não deixava isso aos Inquisidores; ia eu. E quando os corpos nus se torciam no potro e na polé, — com que voluptuosidade eu seguia, pela minha luneta de oiro, tôdas as contracções, tôdas as atitudes, tôdas as crispações de dor! — Embriagava-me, alucinava-me, — crescia dentro de mim a alma de artista dum Médicis! — Passado um instante, — já não eram criaturas vivas que eu tinha diante dos olhos: eram os nus das grandes obras de arte de Roma e de Florença, os quadros do Vaticano, os retábulos de S. Marcos, as estátuas do Palazzo Vecchio. E emquanto os gritos ressoavam, e a nudez humana resplandecia ao clarão das tochas, e os frades levantavam nas mãos descarnadas a cruz dos tormentos, — do fundo da minha cadeira de Inquisidor eu via claramente, e gritava, e apontava: — Olha, além! Ticiano! — Ali, Murillo! — Rafael! — Giovanni da Bologna! — Miguel Ângelo! *(Com entusiasmo, como se as obras de arte lhe surgissem em volta)* Belo! Belo! Belo!

O MÉDICO

Eminência!

CARDEAL

Hoje, não. — É a minha face que eu vejo

na face dos torturados. É a minha palidez. É a minha decrepitude. *(Olhando-se no espelho e recuando)* É esta imagem da morte que eu tenho estampada na cara! — E cubro-me com o manto, e fujo, — e tenho mêdo! — Mêdo!

FREI MARCOS *entra pela D. baixa, dirige-se à mesa do despacho e percute o címbalo de cobre para chamar alguém.*

O MÉDICO, *baixo, ao* CARDEAL

Frei Marcos...

CARDEAL, *a* FREI MARCOS, *com brilho*

Ah! Os processos. — Despacho antes da ceia.

FREI MARCOS, *curvando-se*

Quando Vossa Eminência ordenar.

CARDEAL, *baixo, ao* MÉDICO

Nem uma palavra diante dêle.

FREI MARCOS, *que traz na mão, aberta, a carta que recebeu no princípio do acto, e a mostra ao* MORDOMO, *que aparece ao F.*

A mulher que trouxe esta carta?

MORDOMO

Na Sala dos Tudescos.

FREI MARCOS

Não sai sem minha ordem. *(Ao* NOTÁRIO, *que surge na D. baixa)* Os processos. — Sua Eminência dá despacho.

O MORDOMO *sai pelo F.; o* NOTÁRIO *pela D. baixa, voltando, em seguida, com os processos.*

CARDEAL, *baixo, ao* MÉDICO, *emquanto* FREI MARCOS *sobe até à mesa do despacho*

Que êles não suspeitem de que o Cardeal Inquisidor se sente decrépito. — Espera-me nos meus aposentos. Preciso de ti.

O MÉDICO, *baixo, ao* CARDEAL

Mas, se o espectáculo da tortura física deixa Vossa Eminência insensível, porque não experimenta a tortura moral?

CARDEAL

A tortura moral?

O MÉDICO

Conheci em Amsterdam um Inquisidor que, quando torturava o espírito de alguém, — rejuvenescia.

CARDEAL

Rejuvenescia?

O MÉDICO, *persuasivo*

Experimente Vossa Eminência. O interrogatório duma vítima... Sentir quebrar, estalar uma alma nas suas mãos... Vê-la palpitar de dor, fibra a fibra! O tormento do corpo é brutal, é grosseiro. Para uma alma de artista italiano, como a de Vossa Eminência, é no tormento moral que residem todos os requintes...

CARDEAL

Se eu pudesse tentar... *(Vendo* FREI MARCOS *e o* NOTÁRIO, *que se aproximam)* Silêncio.

O MÉDICO, *baixo, curvando-se para beijar o anel do* CARDEAL *e saindo pela E. baixa*

Lembre-se Vossa Eminência. — O Inquisidor de Amsterdam...

FREI MARCOS, *aproximando-se*

Quatro processos. — Vossa Eminência quer ler os sumários?

CARDEAL

Não. Bastam as notas teológicas.

FREI MARCOS

As provisões estão feitas, — para Vossa Eminência assinar.

CARDEAL

Quem são os réus?

NOTÁRIO, *lendo o rosto de um dos quatro processos que traz sobraçados e dos quais pende o sêlo do Santo Ofício*

Primeiro. — Licenciado Vasco Afonso. De cincoenta anos. Ao Arco do Oiro.

CARDEAL, *recebendo o cálamo que o* MORDOMO *lhe oferece de joelhos sôbre uma almofada de damasco vermelho*

Crime?

FREI MARCOS, *lendo a nota teológica no processo que o* NOTÁRIO *lhe passa às mãos, e apresentando-o ao* CARDEAL, *aberto na fôlha da provisão*

Heresia. — Suspeitoso veemente. — Confitente diminuto.

CARDEAL, *assinando*

Outro.

NOTÁRIO, *lendo, e passando a* FREI MARCOS

Segundo. — Frei Manuel do Sepulcro. Monge de S. Bento.

CARDEAL

Crime?

FREI MARCOS, *apresentando-lhe o segundo processo*

Coito danado.

CARDEAL

E a mulher?

FREI MARCOS

Já foi queimada viva no último auto-de-fé.

CARDEAL

Era bela?

FREI MARCOS

Era bela, Eminência.

CARDEAL, *assinando*

Outro.

NOTÁRIO, *lendo e passando a* FREI MARCOS

Terceiro. — Mestre Josué Zacuto. Cristão novo. Cirurgião. — No Hospital de Todos-os-Santos.

CARDEAL

Crime?

FREI MARCOS, *apresentando-lhe o terceiro processo*

Hereje formal. Penitente ficto. Relapso.

CARDEAL

Fogueira! *(Assinando)* Outro.

NOTÁRIO, *lendo e passando a* FREI MARCOS

Quarto. — Micer António Gaspar. De trinta anos. Mercador.

CARDEAL

Crime?

FREI MARCOS, *ao* CARDEAL, *baixo, apresentando-lhe o quarto processo*

É aquele mercador rico, que trouxe grandes pratas e jóias de Hamburgo e da Holanda.

CARDEAL

Rico? — Confiscados os bens. Cárcere *ad cautelam. (Assinando)* Adiante.

FREI MARCOS, *mostrando ao* CARDEAL *a carta já aberta*

Uma carta para Vossa Eminência. Vem assinada pelo reverendo Guardião de S. Francisco, confessor de El-Rei.

CARDEAL

Frei Estêvam? — Que diz?

FREI MARCOS

Pede a misericórdia de Vossa Eminência para o marido de Isabel Conti, preso nos cárceres do Santo Ofício.

CARDEAL

Quem é o marido de Isabel Conti?

FREI MARCOS

O mercador. Quarto processo. — A mulher suplica audiência e espera. — A carta parece-me falsa.

CARDEAL

Falsa?

FREI MARCOS

Não é do punho do reverendo Guardião de S. Francisco.

CARDEAL

Pode ser notada pelo frade escrivão do convento. — Veja a assinatura.

FREI MARCOS, *vendo a assinatura, emquanto o* NOTÁRIO, *que tem levado os processos para a mesa da D. alta, folheia apressadamente um dêles*

Também não é a assinatura do reverendo Frei Estêvam, Eminência.

NOTÁRIO, *passando a* FREI MARCOS *um dos processos*

O reverendo Guardião de S. Francisco é testemunha no processo de Frei Manoel do Sepulcro. Tem a assinatura nos autos.

FREI MARCOS, *apresentando ao* CARDEAL *o processo e a carta*

Aqui está. — Compare Vossa Eminência.

CARDEAL

Talvez Frei Estêvam não tivesse podido assinar.

FREI MARCOS

A carta, nesse caso, devia trazer o sêlo do convento.

CARDEAL, *arrebatando-lha das mãos*

Não traz o sêlo?

FREI MARCOS

Não, Eminência.

CARDEAL, *num pensamento súbito*

Essa mulher está aí?

PREI MARCOS

Na Sala dos Tudescos.

CARDEAL

Mande-a entrar.

NOTÁRIO, *ao* CARDEAL, *emquanto* FREI MARCOS *dá em voz baixa uma ordem ao* MORDOMO, *que sai pelo F.*

Remetem-se os processos?

CARDEAL, *absorto*

Ao Inquisidor de Amsterdam.

NOTÁRIO, *sem compreender*

De Amsterdam?

CARDEAL

Ao Inquisidor D. João de Melo. — Cuidava noutra coisa.

FREI MARCOS, *descendo, ao* CARDEAL, *emquanto o* NOTÁRIO *sobe*

Vossa Eminência quer que a interrogue?

CARDEAL

Não. Interrogo-a eu. — Vossa Paternidade fica.

O MORDOMO *afasta a guarda-porta de Gobelins. Surge do F.* ISABEL CONTI, *acompanhada dos dois* FILHOS. *Vem em roupas, com manto e véu. Nas mãos fulge uma jóia.*

NOTÁRIO

Isabel Conti.

ISABEL, *que tem avançado timidamente dois passos, estremece ao ouvir a voz do* NOTÁRIO, *reconhece-o, e recua num movimento instintivo de horror*

Ah!

FREI MARCOS

Aproxime-se. — O Eminentíssimo Cardeal Inquisidor concede-lhe audiência.

ISABEL, *reconhecendo* FREI MARCOS, *que sobe, e descendo até à D. baixa, como a fugir-lhe, no gesto de quem defende os* FILHOS

Deus de piedade!

CARDEAL, *a* FREI MARCOS, *baixo, assestando a luneta de punho de oiro e seguindo todos os movimentos da contra-scena de* ISABEL

A «Donna Velata» de Rafael! — Ainda é bela!

ISABEL

Não! Não o oiça, senhor Inquisidor! Não escute êsse frade maldito! Foi êle que me roubou, foi a sua mão de sangue que arrastou meu marido aos cárceres do Santo Ofício! Roubou-me em nome de Deus e de Vossa Eminência, — e nem Deus nem Vossa Eminência mandam roubar desgraçados! *(Caindo*

de joelhos) Justiça, senhor Cardeal! Salve o meu marido, restitua-me os meus bens, dê-me o pão dos meus filhos, — salve-me!

CARDEAL, *a* FREI MARCOS, *baixo, olhando-a sempre*

De que côr são os olhos?

FREI MARCOS

Verdes, Eminência.

ISABEL, *prostrada*

Virgem Santíssima! Virgem Santíssima!

CARDEAL, *a* FREI MARCOS

As mãos teem certa beleza. Já vi, não sei onde, aquelas mãos. *(A* ISABEL) Como se chama seu marido?

ISABEL

Micer António Gaspar. Preso nos cárceres há três meses. — Está inocente. Juro a Vossa Eminência que êle está inocente. Nunca deixou de comungar o sagrado corpo emquanto esteve na Holanda. Se lhe disseram o contrário, mentiram-lhe, senhor Cardeal! *(Com rancor, para* FREI MARCOS *impassível)* Mentiram-lhe! *(Quebrando o rancor numa súplica)* Piedade! Vai beijar os pés de Sua Eminência, meu filho. Pede-lhe que tenha dó do teu pobre pai.

— Êle é tão novo ainda! Na flor da vida! Éramos tão felizes! — Misericórdia, senhor Inquisidor! A minha última esperança está em Vossa Eminência. Pelas dores da Santa Virgem! Por essa cruz que tem no peito! Misericórdia!

O FILHO, *chorando e agarrando-se-lhe ao manto*

Mãe!

CARDEAL

Per Bacco! — Numa madonna de Guido Reni! São as mãos duma madonna de Guido Reni! *(A* ISABEL*)* Mais perto. Mais perto. *(Mostrando-lhe a carta)* Conhece esta carta?

ISABEL

Essa carta?

CARDEAL

Conhece-a?

ISABEL

Foi a carta que me trouxe aos pés de Vossa Eminência.

CARDEAL

Sabe de quem é?

ISABEL

Do reverendo Guardião do mosteiro de S. Francisco. — Disseram-me que era confessor e grande amigo de Vossa Eminência, e que só êle podia salvar meu marido. — Para obter essa carta fiz tudo o que uma mulher pode fazer. Tinha dado a vida por ela, se ma pedissem!

CARDEAL

Tem a certeza de que é do Guardião de S. Francisco?

ISABEL, *sem compreender*

Se tenho a certeza?

CARDEAL

Quem lhe deu esta carta?

ISABEL, *começando a perturbar-se*

Não me recordo.—Não me recordo bem.

CARDEAL

Foi o Guardião de S. Francisco que lha deu em mão própria?

ISABEL

Foi.

CARDEAL

Foi? — Aonde?

ISABEL

Não sei.

CARDEAL

No paço ou no convento? — Êle não sai do convento senão para ir ao paço, — e de côche fechado. — Por conseguinte, havia de ser no convento ou no paço.

ISABEL, *hesitando*

No paço.

CARDEAL

Está bem certa de que foi no paço?

ISABEL

No convento. Foi no convento.

CARDEAL

Entrou no convento?

ISABEL

Entrei.

CARDEAL

E o frade chaveiro deixou-a entrar?

ISABEL

O frade chaveiro não me viu.

CARDEAL

Entrou, então, clandestinamente?

ISABEL, *sem compreender o valor da sua resposta*

Sim.

CARDEAL

Num convento de frades? Uma mulher?

ISABEL, *caindo em si, numa perturbação crescente*

Não, não... — Filhos da minha alma! — Já não me lembro. — Foi na portaria. O reverendo Guardião deu-ma na portaria.

CARDEAL

Mente!

ISABEL, *apertando os filhos ao seio*

Jesus!

CARDEAL

Esta carta não é do Guardião de S. Francisco. — Esta carta é falsa!

ISABEL

Falsa!

CARDEAL, *atirando-lhe a carta*

Forjada ignobilmente. — E com a sua cumplicidade.

ISABEL

Esta carta? — Não! Não pode ser! *(Desdobrando-a, nas mãos convulsas)* Veja bem Vossa Eminência... Por piedade! — Esta carta não pode ser falsa! Não é falsa! *(Dolorosamente)* Se eu a paguei tão caro!

CARDEAL

Pagou-a caro? — A quem?

ISABEL

Oh! Meu Deus!

CARDEAL

A quem foi que a pagou?

ISABEL

Se Vossa Eminência soubesse por que preço!

CARDEAL

Quem foi que lhe deu essa carta?

ISABEL

Não me torturem!

CARDEAL

Responda. — Quem foi?

ISABEL

Um frade.

CARDEAL

Um frade?

ISABEL

Um frade do mosteiro de S. Francisco. — Já Vossa Eminência vê que não pode ser falsa!

CARDEAL

E onde encontrou o frade, para lha pedir? — Na cela?

ISABEL

Não entrei no convento.

CARDEAL

Em casa dalgum seu parente?

ISABEL

Não tenho parentes em Portugal.

CARDEAL

Onde foi, então, que o encontrou?

ISABEL

Em casa de Mossém Judas Navarro. *(Numa angústia)* Deixem-me! Deixem-me!

CARDEAL

Mossém Judas? — Um frade de S. Francisco em casa dum judeu?

ISABEL

Tinha obtido licença de ir a ares.

CARDEAL

E como se chama o frade?

ISABEL

Não sei. Não sei.

CARDEAL

Inútil esconder-lhe o nome. Mandarei sabê-lo. — Chama-se...?

ISABEL

Frei Plácido.

CARDEAL

Frei Plácido...?

ISABEL

Frei Plácido de Jesus. — Deixem-me! Não me atormentem mais!

FREI MARCOS, *baixo, ao* CARDEAL

É um frade moço, irmão natural da marqueza de Arronches.

CARDEAL, *a* FREI MARCOS

Tome nota. *(A um gesto de* FREI MARCOS, *o* NOTÁRIO *escreve)* E porque preço lhe vendeu êle a carta?

ISABEL, *sucumbindo*

Tenham dó de mim!

CARDEAL

Com que dinheiro lha comprou, se os seus bens foram sequestrados?

ISABEL

Meu Deus!

CARDEAL

Há quanto tempo está seu marido nos cárceres?

ISABEL

Três meses.

CARDEAL

De que recursos viveu nêsses três meses?

ISABEL

Dos meus parentes.

CARDEAL

Disse, ainda agora, que não tinha parentes.

ISABEL

Em Portugal. — Mas tenho-os na Itália.

CARDEAL

Na Itália?

ISABEL

Em Nápoles.

CARDEAL

Mandaram-lhe recursos de Nápoles? — Há quanto tempo?

ISABEL

Há dois meses.

CARDEAL

Mente! — Há quatro, que não veem náus da Itália, porque há lá peste. — *(Insistindo)* De que dinheiro tem vivido?

ISABEL

De esmolas.

CARDEAL

De esmolas, — e tem jóias nos dedos?

ISABEL, *escondendo as mãos*

Ah!

CARDEAL

Escondeu-as tarde. — Quem lhe deu essas jóias? Como viveu nestes três meses? — Diga. Não lhe faço mal. — Quer a liberdade de seu marido? Não é mentindo que a obtém. — Responda. Os seus bens foram sequestrados. A sua casa, selada pelo Santo-Ofício. Não tem parentes em Portugal. Não recebeu recursos da Itália. — Como viveu?

ISABEL, *numa profunda expressão de dôr*

Os meus filhos tinham fome, senhor Cardeal. Choravam-me nos braços... — E foi preciso... *(Num soluço, tapando a cara)* Oh! que vergonha! — Meu Deus!

CARDEAL

Prostituiu-se?

ISABEL

Não! Não! — Tenham compaixão de mim!

CARDEAL

Era o que eu queria que me confessasse. — Prostituiu-se. — E a quem?

ISABEL, *erguendo-se, hirta*

Mas... Deus do céu!

CARDEAL

A quem foi? — Os nomes. Diga-me os nomes.

ISABEL, *numa súbita revolta*

Ah! Não! — Não, senhor Cardeal! — Eu vim aqui suplicar piedade, não vim apregoar a minha desonra! — Miseráveis, que não respeitam o pudor duma mulher! Feras, que parece que não tiveram mãe! — Vendi-me, sim, vendi-me. Mas vendi-me, porque tu me roubaste! Vendi-me, porque Deus me roubou! E se me afundei no lôdo e no sangue, êsse sangue e êsse lôdo é na tua face que espirram! — Na tua face!

FREI MARCOS, *avançando para* ISABEL

Mulher!

ISABEL, *estreitando os* FILHOS, *num grito de angústia*

Filhos! — Meus filhos!

CARDEAL, *erguendo-se*

Frei Marcos! — Ordem imediata aos inquisidores para arrancar ao cárcere o marido de Isabel Conti e pô-lo a tormento!

ISABEL, *ganhando a porta, num movimento desvairado, a impedir a saída de* FREI MARCOS

Não! Por piedade, não! — Um momento! Um instante só!

CARDEAL, *a* FREI MARCOS

Ordem do Cardeal Inquisidor Geral!

ISABEL, *ao F., tomando a passagem*

Não! Espere Vossa Eminência... Eu digo tudo! Tudo! — Não lhe façam mal... — Misericórdia!

CARDEAL, *a* ISABEL

Os nomes?

ISABEL, *ofegante*

Sim, sim... — Um momento. — Mas que pode Vossa Eminência ganhar com a tortura duma pobre mulher? Que interêsse tem Vossa Eminência em despedaçar uma alma?

CARDEAL

Quem foi o primeiro?

ISABEL, *afastando os* FILHOS *de si*

Os meus filhos! — Que êles não oiçam! Que êles não suspeitem da minha vergonha!

CARDEAL

O primeiro, foi...?

ISABEL

D. João Pereira.

CARDEAL, *repetindo, para o* NOTÁRIO, *que escreve*

D. João Pereira.

ISABEL

Tinham-me prendido porque roubei um pão para os meus filhos. Ofereceu-me o seu côche, a sua bôlsa... *(Tapando a face, num soluço)* Meu Deus!

CARDEAL

O segundo?

ISABEL

Rui de Sousa, escolar de Coimbra. — Por me ter salvo do primeiro.

CARDEAL

Escolar de Coimbra. — E depois?

ISABEL

Ninguém mais! Ninguém mais!

CARDEAL

Que ia fazer a casa de Mossém Judas Navarro, judeu velho e rico?

ISABEL

Que tortura! Que vergonha!

CARDEAL, *ditando, ao* NOTÁRIO

Mossém Judas Navarro. *(A* ISABEL) E, depois de se ter vendido por dinheiro, vendeu-se a Frei Plácido por uma carta falsa.

ISABEL, *entre dentes*

Infame!

CARDEAL, *ao* NOTÁRIO

Frei Plácido de Jesus.

ISABEL

Ó Mãe Santíssima!

CARDEAL

Basta. — Não preciso de mais. *(Baixo, a* FREI MARCOS, *e ao* NOTÁRIO, *que vai sentar-se, escrevendo, à mesa da D. alta)* Ordem de prisão, já, contra êsses quatro homens. *(A* ISABEL)

Seu marido sairá reconciliado com o Santo Tribunal.

ISABEL, *num grito*

Livre?

CARDEAL

Sim.

ISABEL

Meu marido? — Vossa Eminência dá a liberdade a meu marido? *(Numa exaltação)* Quando? Quando?

CARDEAL

Imediatamente. A ordem vai ser expedida. *(Ao* NOTÁRIO, *que escreve, à mesa do despacho)* Lavre a provisão do costume, a respeito de Isabel Conti.

NOTÁRIO

A provisão do costume?

ISABEL

Virgem do Amparo, que não me abandonaste! — António! Meu António! *(Ao* CARDEAL, *numa alegria febril)* Vossa Eminência dá-me a ordem para a minha mão? Dá-ma já? Posso levá-la eu?

FREI MARCOS, *baixo, ao* CARDEAL

Previno os familiares e os quadrilheiros?

CARDEAL, *a* FREI MARCOS, *para que* ISABEL *o oiça*

Ela própria a levará ao palácio da Inquisição.

ISABEL

Filhos da minha alma! *(Apertando o* FILHO *ao seio)* Filho! Vão dar a liberdade ao teu pobre pai! Foi Sua Eminência que mandou. Vais beijá-lo, vais vê-lo outra vez! *(Ao* NOTÁRIO, *que lavra a provisão)* Que o soltem já... Que lhe restituam todos os bens, não é verdade? — Sim, escreva... Que mo dêem imediatamente! *(Vacilando)* Oh! Meu Deus! Meu Deus!

CARDEAL, *depois de assinar, de bater o sêlo do anel sôbre o lacre e de dar a provisão a* FREI MARCOS

Aqui tem a ordem.

ISABEL, *arrebatando o papel das mãos de* FREI MARCOS, *nervosamente*

Livre! *(Recuando com os* FILHOS, *num sorriso de infinito júbilo, atirando, com as crianças, beijos ao* CARDEAL, *emquanto fora se começam a ouvir, num alaúde, os pizicatos duma sarabanda)* Que as bênçãos do céu caiam

sôbre Vossa Eminência! — Que debaixo dos seus pés nasçam rosas! — Que cada sorriso dos meus filhos seja para Vossa Eminência um ano de vida! — Abençoado o dia que o viu nascer! *(Saindo, num último beijo)* Abençoado!

BRASCHI-ONÉSTI, *afastando a tapeçaria da D. F., e entrando, de alaúde em punho*

Eminenza, — as italianas!

CARDEAL, *ao* MEDICO, *que surge da E. baixa, emquanto* FREI MARCOS *e o* NOTÁRIO *sáem pela D.*

Curvo Semmedo! — Voltei dez anos atrás! *(Desprendendo o manto e atirando-o, num grande gesto)* Vais tornar a ver o corpo de Monna Lisa sôbre o meu manto de púrpura!

BRASCHI-ONÉSTI, *apresentando ao* CARDEAL, *numa mesura, as bailarinas italianas que entram, mosqueadas de sinais, toucadas de oiro, vestidas de sêda, amparadas a bastões de punho de Limoges*

Silvia... — Lorenza... — La Gioconda...

Cái o pano

QUARTO ACTO

I QUADRO

No palácio da Inquisição. — Uma velha e profunda casa com abóbada de ogivas e arcos mestres espessos moldados; pilares maciços em cujos socos se enroscam brutescos de pedra. Um dos pilares, em vulto, ocupa o meio da scena. — Chão de lajedo, com argolões de ferro. — Portas aturracadas, de castanho, com grossa pregaria de bronze, na E. baixa, na D. alta e no F. — Na parede da E., a tôda a altura, uma formidável cruz negra com a imagem de Cristo crucificado. Em baixo, de perfil, arquibancada semelhante às estalas dum côro, destinada aos inquisidores e deputados do Santo Ofício. Junto dela, ao fundo e de frente, a estante de arquibanco do NOTÁRIO *e do* PROMOTOR, *com os processos pendentes e o Evangelho; no chão, a meio, diante da estala presidencial, um brazeiro de cobre. — Á D., escano de espaldar alto, encostado à parede: numa tapeçaria, surge a espada flamejante da Inquisição, vermelha, entre as palavras «Justitia et Misericordia». — Numa polé, suspensa dum fecho-de-abóbada, passa uma corda de linho cânhamo: uma das pontas pende até ao lajedo do chão; a outra vai enrolar-se num cabrestante dissimulado ao F., por detrás do banco do* NOTÁRIO. *— A luz entra por quatro frestas altas de esbarro, e bate no Cristo e na arquibancada dos inquisidores. — O resto da scena fica na sombra.*

Quando o pano sobe, a estala presidencial está deserta. As estalas laterais são ocupadas por três dominicanos, deputados do Santo Ofício; na extrema esquerda, o PROCURADOR, *frade bento, obeso, dorme com o breviário sôbre os joelhos; no arquibanco da frente, o frade* PROMOTOR, *dominicano, e o* NOTÁRIO, *de lôba*

negra, folheando processos. — Ao F. esquerda adivinha-se a murça vermelha dum carrasco. — No escano da D. baixa, aguardam três leigos hercúleos de D. Domingos, com a testeira do capuz sôbre os olhos. — Ao F., porteiros, empunhando a maça de prata, meirinhos de mantéu holandês e vara, quadrilheiros de saltimbarca negra. — Ouvem-se as badaladas vagarosas dum sino. — A porta do F. abre-se: entra FREI MARCOS, *curva-se diante da imagem de Cristo e dirige-se à estala mais alta, onde toma assento.*

FREI MARCOS, *erguendo-se quando acaba de soar a última badalada, as mãos cruzadas sôbre o peito, a face dura, e recitando a oração ritual do Espírito-Santo*

Deus, qui corda fidelium Sancti Spiritus ilustractione docuisti: da nobis in eodem Spiritu recta sapere, et de ejus semper consolatione gaudere. — Per Christum Dominum nostrum.

PROMOTOR, *sentando-se ao mesmo tempo que* FREI MARCOS

Amen.

FREI MARCOS

Audiência para inquirição de testemunhas. — Processo número 502.

PROMOTOR, *levantando-se e lendo*

Processo número 502. — Feito crime contra Isabel Conti, casada, de vinte e seis anos, por adúltera e barregã de clérigo. — Apenso ao processo de micer António Gaspar, mercador neste reino e côrte, preso nos cárceres do Santo Ofício.

NOTÁRIO, *folheando o processo que o* PROMOTOR *lhe passa ao sentar-se, e lendo, de pé*

Inquirição dos co-réus no feito crime contra Isabel Conti. — Primeiro, D. João Pereira, de trinta anos, fidalgo de linhagem. — Segundo, Rui de Sousa, de vinte e sete anos, escolar de Coimbra. — Terceiro, Frei Plácido de Jesus, no século D. Lopo de Menezes, religioso no mosteiro de S. Francisco. — Quarto, Mossém Judas Navarro, cristão-novo, joalheiro d'El-Rei Nosso Senhor. — Todos presos nos cárceres desta Santa Inquisição.

FREI MARCOS, *ao* PROCURADOR, *que dorme*

O reverendo padre Procurador tem alguma alegação a fazer da parte da ré Isabel Conti?

PROCURADOR, *a quem o* DEPUTADO *mais próximo puxa a manga do hábito, acordando estremunhado*

Vossa Paternidade diz?

FREI MARCOS

Se Vossa Reverência, como defensor *ex-oficio*, tem alguma alegação a fazer.

PROCURADOR

A ré faz judiciais as testemunhas citadas, com protestação de vir em tempo com suas contraditas e reprovas. — Nos termos de justiça.

FREI MARCOS, *vendo surgir o* CARDEAL *na porta do F., e erguendo-se*

Sua Eminência o Cardeal Inquisidor Geral.

Todos se levantam.—Entra pelo F. o CARDEAL, *acompanhado do médico* CURVO SEMMEDO, *que veste a lôba de familiar do Santo Ofício, com a cruz de Cristo, vermelha, sôbre o peitoral esquerdo. Precedem-no dois alabardeiros, de veludo negro, à Fraz Hals, que ficam junto da porta. – Um familiar moço, com a cruz branca de Malta sôbre a lôba, traz uma almofada de damasco carmezim e coloca-a sôbre o chão de lajedo diante da arquibancada dos Inquisidores. – Seguem-no frades de S. Domingos. –* FREI MARCOS *desce a receber Sua Eminência e beija-lhe o anel; o* CARDEAL *ajoelha na almofada, e, voltado para o Cristo, reza um momento, em silêncio.*

CARDEAL, *baixo, ao* MÉDICO, *que o ajuda a erguer-se*

Curvo Semmedo.—Há dez anos viste representar no Vaticano uma tragédia de Giorgio Trissino. Vais ver representar outra, aqui. No tormento das almas, há, com efeito, mais arte. *(Encaminhando-se para a estala presidencial, onde se assenta)* Podem Vossas Paternidades dar começo aos interrogatórios.

FREI MARCOS, *tomando logar ao lado do* CARDEAL, *e ordenando a um* MEIRINHO, *que está junto da porta da D. alta*

Mande entrar o primeiro co-réu, D. João Pereira.

O MEIRINHO, *abrindo a porta da D. alta e repetindo o nome*

D. João Pereira.

PROCURADOR, *ao* DEPUTADO *mais próximo, baixo*

Se eu adormecer, Vossa Reverência acorde-me.

Entra pela D. alta D. JOÃO, *altivo, os braços cruzados, uma cicatriz bem visível na face esquerda, vestido de veludo negro, sem espada. — O* CARDEAL, *pela sua luneta de punho de oiro, observa-o, atentamente. — O frade* PROCURADOR *adormece sôbre o breviário. — Um instante de silêncio.*

FREI MARCOS

O seu nome?

D. JOÃO

D. João Pereira de Nápoles e Bourbon.

FREI MARCOS

Estado?

D. JOÃO

Solteiro.

FREI MARCOS

Idade?

D. JOÃO

Trinta anos.

PROMOTOR, *apresentando-lhe o Evangelho*

Jura verdade e silêncio?

D. JOÃO, *estendendo a mão*

Juro.

FREI MARCOS

Sofreu alguma condenação ou pena pelo Ordinário?

D. JOÃO

Não.

FREI MARCOS

Sabe porque foi chamado à mesa do Santo Ofício?

D. JOÃO

Ignoro.

CARDEAL, *baixo, a* FREI MARCOS, *olhando sempre* D. JOÃO

Tem uma cicatriz na face.

FREI MARCOS, *a* D. JOÃO

Donde provém a cicatriz que tem na face?

D. JOÃO

Bati-me.

FREI MARCOS

Em duelo?

D. JOÃO

Em duelo.

FREI MARCOS

Há quanto tempo?

D. JOÃO

Ha três meses.

FREI MARCOS

Com quem?

D. JOÃO

Com um amigo.

FREI MARCOS

Porquê?

D. JOÃO

Pelo eterno motivo porque se batem fidalgos: por uma mulher.

FREI MARCOS

Conhece o alvará d'El-Rei que proíbe os duelos?

D. JOÃO

Conheço a divisa de Toledo aberta na minha espada: — «No la saques sin razon, no la embaines sin honor». — Tirei-a com razão. Embaìnhei-a com honra. — Não devo nada a El-Rei.

FREI MARCOS

Quem era essa mulher?

D. JOÃO

Uma mulher casada.

FREI MARCOS

Bela?

D. JOÃO

Tôdas as mulheres são belas quando são desejadas.

FREI MARCOS

Virtuosa?

D. JOÃO

A mais virtuosa das minhas amantes: resistiu-me seis anos.

FREI MARCOS

Forçou-a?

D. JOÃO

Paguei-a. Nunca possuí mulheres contra vontade delas.

FREI MARCOS

Como a pagou?

D. JOÃO

Comprando um pão por uma moeda de oiro. — O pão mais caro que tenho comprado. A mulher mais barata que tenho possuido.

FREI MARCOS

Deu-lhe dinheiro?

D. JOÃO

Jóias.

FREI MARCOS

Teve-a na sua companhia?

D. JOÃO

Poucos dias.

FREI MARCOS

Abandonou-a?

D. JOÃO

Fugiu-me.

FREI MARCOS

O nome dessa mulher?

D. JOÃO

Isabel Conti.

FREI MARCOS

Casada com micer António Gaspar, mercador que foi na Holanda?

D. JOÃO

A própria.

CARDEAL, *intervindo*

Sabe onde está essa mulher, agora?

D. JOÃO

Ignoro, Eminência.

CARDEAL

Nos cárceres do Santo Ofício.

D. JOÃO, *depois dum instante de perturbação, com veemência*

Se foi por denúncia de Isabel Conti que Vossas Reverências me chamaram a êste santo Tribunal, desde já, perante o reverendo padre Promotor, oponho suspeição contra ela, nos termos de justiça.

FREI MARCOS

O reverendo Promotor inquirirá da suspeição oposta.

PROMOTOR

O que alega?

D. JOÃO

Alego que essa mulher é minha inimiga provada.

PROMOTOR

Porquê?

D. JOÃO

Porque a tratei como nós outros, fidalgos de sangue, costumamos tratar as nossas amantes.

PROMOTOR

Exerceu violências sôbre ela?

D. JOÃO

Obriguei-a a cear à minha mesa, com vinte dos meus amigos, e a beber diante dêles, sentada nos meus joelhos. — Uma amante é como um anel: traz-se para os outros verem. — Corri mundo, Espanha, França, Itália, e nunca vi tratar com honra mulheres perdidas. — Tive-a nos meus joelhos, diante de vinte homens, à

luz de cem velas acesas, com uma taça na mão, a tremer e a chorar de vergonha. — Tinha-me resistido: vexei-a. — Mas, meus Padres, as lágrimas das mulheres perturbam como vinho. Houve quem protestasse. Um dos convivas, fidalgo moço e escolar de Coimbra, ergueu-se para me insultar em nome do pudor ultrajado duma mulher que era minha! — Perguntei-lhe há quanto tempo lera o Dom Quixote. Repetiu o insulto: esbofeteei-o. Tirámos as espadas: feriu-me na cara. — Nessa mesma noite, Isabel Conti fugia com o escolar. — Vossas Reverências, meus Padres, julgarão da suspeição alegada.

FREI MARCOS

A alegação fica nos autos. — Como se chama o escolar que o feriu?

D. JOÃO

Rui de Sousa.

FREI MARCOS, *ao* CARDEAL

Vossa Eminência deseja interrogar o preso? *(Depois de um gesto negativo do* CARDEAL, *dirigindo-se pelo olhar a um dos* MEIRINHOS*)* Conduza-o à sala do despacho. *(Ao preso, que se curva respeitosamente e sai pelo F., com dois quadrilheiros)* O notário irá ler-lhe as suas declarações.

NOTÁRIO, *levantando-se e lendo*

Segundo co-réu. — Rui de Sousa.

FREI MARCOS

Mande entrar.

O MEIRINHO, *abrindo a porta da D. alta e chamando*

Rui de Sousa.

FREI MARCOS, *quando* RUI *entra, nobre e simples, com a capigorra e a volta branca dos escolares*

O seu nome?

RUI

Rui de Sousa Albuquerque. Da casa do Arco.

FREI MARCOS

Escolar de Coimbra?

RUI

Escolar de cánones. — Vinte e sete anos.

FREI MARCOS

Foi já condenado pelo Ordinário?

RUI

Não.

PROMOTOR, *apresentando-lhe o Evangelho*

Jura verdade e silêncio?

RUI, *estendendo a mão*

Juro.

FREI MARCOS

Sabe porque foi chamado à mesa do Santo Ofício?

RUI

Espero ouvi-lo de Vossas Reverências.

FREI MARCOS

Conhece uma mulher de nome Isabel Conti?

RUI, *depois de um instante, olhando os* INQUISIDORES *e respondendo com firmeza*

Não.

FREI MARCOS

Não a conhece?

RUI

Não a conheço.

FREI MARCOS

E bateu-se por causa dela?

RUI, *sem se perturbar*

Bati-me várias vezes por mulheres que nunca vi.

FREI MARCOS

Mas viu esta.

RUI

Porque o afirma Vossa Reverência?

FREI MARCOS

Porque se sentou com ela à mesma mesa.

RUI

Tenho-me sentado à mesma mesa com mulheres cujo nome ignoro.

FREI MARCOS

Também ignora o nome das mulheres com quem foge?

RUI, *encarando* FREI MARCOS, *com dignidade*

Meu padre, — eu nunca fugi!

FREI MARCOS

Sabe que êste Tribunal tem meios para arrancar as confissões que se ocultam?

RUI

As que importam à defesa da nossa santa Fé.

FREI MARCOS

Tôdas.

RUI

Não aquelas que ofendem a honra e o pudor alheio.

FREI MARCOS

Há quanto tempo ceou em casa de D. João Pereira de Bourbon?

RUI

Ha três meses. — Pela última vez.

FREI MARCOS

Não assistiu à ceia uma mulher?

RUI

Não me recordo.

FREI MARCOS

Não se recorda de ter arrancado a espada para defendê-la?

RUI

Se assim foi, cumpri o meu dever de fidalgo.

FREI MARCOS

O que entende pelo seu dever de fidalgo?

RUI

O contrário do que Vossa Reverência entende pelo seu dever de padre.

CARDEAL, *bruscamente, intervindo*

Porque feriu D. João Pereira pelas costas?

RUI

É falso, senhor Cardeal! — Mente quem o afirmou! — Êsse homem foi provocado cara a cara. Feri-o na face. — Juro-o pela Ave Maria da minha espada!

CARDEAL

Confessa então que o feriu?

RUI

Confesso.

CARDEAL

Para defender Isabel Conti?

RUI

Para me defender a mim.

CARDEAL

Porque não confessa também que essa mulher lhe pagou, entregando-se?

RUI, *com dignidade*

Se essa moeda corre, — desconheço-a!

CARDEAL

Nega que viveu com ela em mancebia?

FREI MARCOS

Que lhe deu jóias que herdou de seu pai?

CARDEAL

Que Isabel Conti foi sua amante?

RUI, *com veemência*

Nego.

FREI MARCOS

Perante Sua Eminência? Perante êste Tribunal? Contra o que declarou a própria Isabel Conti?

RUI

Nego! — Não há Tribunal nenhum, humano ou divino, que me obrigue a apregoar a desonra duma mulher!

FREI MARCOS

Pela última vez, — ou será pôsto a tormento!

RUI, *de quem os leigos hercúleos e o homem da gualteira vermelha se aproximam*

Não! — Podem mandar-me atormentar, em nome duma Igreja que é mãe de misericórdia! Não se abrirá a minha bôca! — Ainda que eu tivesse possuido essa mulher, ainda que ela fôsse um monstro de impureza, — o seu nome e o seu pudor eram sagrados para mim. — Tenho irmãs que adoro, e que são puras como a neve mais pura. Sei quanto vale a honra duma mulher! — Vamos, senhores Inquisidores! Desçam as cordas! Ponham-me a tormento! *(Estendendo os braços)* Aqui estão os meus pulsos!

CARDEAL, *a* FREI MARCOS, *emquanto os frades e executores, descendo a corda da polé, rodeam* RUI

Suspenda.

FREI MARCOS, *aos* MEIRINHOS

Levem o preso.

RUI

Foi pena, senhor Cardeal! *(Saindo, com altivez, pelo fundo)* Senhores Inquisidores, — até breve!

FREI MARCOS, *ao* NOTÁRIO

Quem se segue?

NOTÁRIO, *erguendo-se e lendo*

Terceiro, Frei Plácido de Jesus, religioso no convento de S. Francisco.

FREI MARCOS, *baixo, ao* CARDEAL

O frade que forjou a carta.

NOTÁRIO, *continuando a ler*

Quarto, Mossém Judas Navarro, cristão-novo, joalheiro de El-Rei nosso Senhor.

FREI MARCOS, *ao* MEIRINHO

Mande entrar Frei Plácido de Jesus.

CARDEAL

Não. — Mande entrar primeiro Mossém Judas Navarro. *(A* FREI MARCOS) Foi em casa do judeu que o frade conheceu Isabel Conti.

O MEIRINHO, *abrindo a porta da D. alta e chamando*

Mossém Judas Navarro.

JUDAS, *velho decrépito, ricamente vestido, dando a impressão do David Ryckaert de Van Dyck, tabardo castanho forrado de peles sôbre roupeta de setim pardo, gôrra também de peles, entra, a tremer, pela porta da D. alta, quási arrastado pelos* MEIRINHOS

Meus Padres! — Pelas divinas chagas do Nosso Salvador! — Não me façam mal...

FREI MARCOS

O seu nome?

JUDAS

Mossém Judas Navarro. — Cristão, muito fiel cristão. — Joalheiro de El-Rei. *(Trémulo, enclavinhando as mãos)* Padre Nosso, Ave Maria.

FREI MARCOS

Idade?

JUDAS

Setenta anos de pobreza, meus Padres.

FREI MARCOS

Professa a lei evangélica e a fé católica de Nosso Senhor Jesus Cristo?

JUDAS, *olhando de revez*

Missa todos os domingos, senhor Inquisidor. E jejuns a pão e água na Quaresma, Advento, sextas-feiras de todo o ano, vigílias dos Apóstolos e alguns santos meus advogados.

PROMOTOR, *apresentando o Evangelho*

Jura verdade e silêncio?

CARDEAL, *observando* JUDAS *e percebendo-lhe um gesto de hesitação*

A mão sôbre o Envangelho!

JUDAS, *pondo as pontas dos dedos sôbre o livro, a mêdo*

Juro.

EREI MARCOS

Sofreu alguma condenação pela cúria secular?

JUDAS

Nunca! — Assim Deus me enriqueça, como eu nunca vi a vara de prata dum juiz! — Nunca!

FREI MARCOS

Onde é a sua joalharia?

JUDAS

Ao Arco dos Pregos.

FREI MARCOS

Onde vive?

JUDAS

Na minha quinta de Odivelas.

FREI MARCOS

Com quem?

JUDAS

Com três criados.

FREI MARCOS

Ninguém mais?

JUDAS

Mais ninguém.

FREI MARCOS

Recebia algum frade na sua casa?

JUDAS, *abrindo muito os olhos*

Um frade de S. Francisco?

FREI MARCOS

De nome Frei Plácido de Jesus.

JUDAS, *num grito*

Roubou-me! — Aqui d'El-Rei! Êsse frade roubou-me!

FREI MARCOS

Roubou-lhe, o quê?

JUDAS

Jóias! — Jóias e uma mulher! — Era um franciscano. Estava a ares ali perto, na quinta dos marqueses de Arronches. — Roubou-me, senhores Inquisidores!

FREI MARCOS

Vivia na sua casa, essa mulher?

JUDAS

Mil cruzados! Valiam mil cruzados!

FREI MARCOS

Como se chamava?

JUDAS

Diamantes do Brasil, meus Padres!

CARDEAL, *insistindo, enervado*

O nome dela?

JUDAS

Jóias cravadas em Flandres, como as que eu vendo a El-Rei nosso Senhor!

CARDEAL

Não lhe pergunto pelas jóias. Pergunto-lhe pela mulher.

JUDAS

A mulher pouco importa. O que eu queria era as jóias.

FREI MARCOS

Chamava-se Isabel Conti?

JUDAS, *desconfiado*

Vossas Reverências conhecem-na?

FREI MARCOS

Porque razão vivia Isabel Conti na sua casa?

JUDAS

Recolhi-a por caridade quando chegou a Lisboa.

FREI MARCOS

Há quanto tempo?

JUDAS

Há mais dum mês.

FREI MARCOS

Já a conhecia?

JUDAS

De pequenina. — Era amigo do pai.

FREI MARCOS

De onde vinha essa mulher, quando a recebeu em sua casa?

JUDAS

De Coimbra, onde viveu teúda e manteúda de um escolar rico.

FREI MARCOS

Que a abandonou?

JUDAS

Ela é que lhe fugiu.

FREI MARCOS

Porquê?

JUDAS

Para vir a Lisboa, salvar o marido.

FREI MARCOS

Foi êsse escolar que lhe deu as jóias?

JUDAS

Jóias de família, meus Padres! Anéis e cruzes de diamantes, marcadas pelos melhores lavrantes de Hamburgo! — Ela levou-me tudo!

Roubou-me, — e ainda me cravou as unhas na cara!

CARDEAL

Mas as jóias eram dela.

JUDAS

Eram dela, — mas estavam de penhor na minha mão. E, com o dinheiro que eu gastei para a manter, a ela e aos filhos, já deviam ser minhas. Já eram minhas, com certeza! — Aqui d'El-Rei, senhores Inquisidores! Ordem para o Guardião! Ordem para o reverendo Provincial! Metam aquele frade no Tronco!

CARDEAL

Mas quem lhas levou? Foi a mulher, ou o frade?

JUDAS

Não sei. Não vi. Tinha a cara a escorrer sangue... *(Com um risinho diabólico)* Mas, ao menos, dela estou eu vingado! *(As mãos trémulas, a face contraída, no gesto de quem domina alguém)* Tive-a, senhores Inquisidores! Tive-a!

CARDEAL

Isabel Conti foi sua amante?

JUDAS

Tive-a. — Paguei-me. — Valia as jóias.

CARDEAL

Aos setenta anos!

JUDAS, *esquecendo-se de dissimular, no calor da paixão que o anima*

Aos cento e três, o nosso patriarca Abraão... *(Caindo em si e fazendo o sinal da cruz)* Pater Noster! Pater Noster!

FREI MARCOS, *aos leigos e ao* MEIRINHO

Á sala do despacho! — Carreguem-no de ferros!

JUDAS

Mea culpa! Mea maxima culpa! (Aos INQUISIDORES, *saindo, arrastado pelo F.)* Pelas divinas chagas do Nosso Salvador! Não me façam mal...

CARDEAL

O frade! — Já!

NOTÁRIO, *lendo, emquanto o* MEIRINHO *abre a porta da D. alta*

Frei Plácido de Jesus, religioso no mosteiro de S. Francisco.

CARDEAL, *mais baixo, ao* FAMILIAR *da cruz de Malta, que chamou num gesto e que se aproxima*

Mande buscar ao cárcere micer António Gaspar.

FREI MARCOS, *a* FREI PLÁCIDO, *frade moço, robusto, sobrancelhas negras e espessas, que entra pela D. alta, vestido com o chiote de burel, o capelo e as sandálias da regra*

O seu nome?

FREI PLÁCIDO, *altivo, um pouco rude*

Frei Plácido de Jesus.

FREI MARCOS

No século?

FREI PLÁCIDO

Lopo de Menezes. — Filho bastardo do marquês de Arronches.

FREI MARCOS

Idade?

FREI PLÁCIDO

Vinte e cinco anos.

PROMOTOR, *apresentando-lhe o Evangelho*

Jura verdade e silêncio?

FREI PLÁCIDO, *estendendo a mão*

Juro.

FREI MARCOS

Há quanto tempo entrou na religião de S. Francisco?

FREI PLÁCIDO

Aos quatorze anos.

FREI MARCOS

Foi alguma vez castigado pelos ministros da Ordem?

FREI PLÁCIDO

Fui.

FREI MARCOS

Com que penas?

FREI PLÁCIDO

Cárcere de penitência. Proibição de levantar, no côro, psalmo ou antífona.

FREI MARCOS

Porquê?

FREI PLÁCIDO, *baixando os olhos*

Porque me acusaram de meter mulheres na minha cela.

FREI MARCOS

Porque razão estava fora do seu convento?

FREI PLÁCIDO

Obtive do reverendo Provincial licença de ir a ares.

FREI MARCOS

Para onde?

FREI PLÁCIDO

Para a quinta de meu pai, em Odivelas.

FREI MARCOS

Morava perto de si um joalheiro, de nome Judas Navarro?

FREI PLÁCIDO

Morava.

FREI MARCOS

Vivia em casa dêle uma mulher?

FREI PLÁCIDO

Vivia. A mulher dum mercador preso nos cárceres do Santo Ofício.

FREI MARCOS

Sabe o nome dela?

FREI PLÁCIDO

Isabel Conti.

FREI MARCOS

Conhecia-a?

FREI PLÁCIDO

Via-a, quando passava.

FREI MARCOS

Falava-lhe?

FREI PLÁCIDO

Atirou-se um dia aos meus pés, a beijar-me o escapulário e a pedir-me que lhe salvasse o marido.

FREI MARCOS

O que levou essa mulher a pedir-lhe o seu valimento?

FREI PLÁCIDO

Soube que o Prelado do meu mosteiro era confessor d'El-Rei e do Eminentíssimo Cardeal Inquisidor.

FREI MARCOS

Que passos deu para valer-lhe?

FREI PLÁCIDO

Procurei o reverendo Guardião, pedi-lhe uma carta para Sua Eminência, supliquei, implorei. Negou-ma.

CARDEAL

Como lha negaram, forjou a carta que está junta aos autos. — Com que fim?

FREI PLÁCIDO, *perturbando-se*

Julguei que poderia ser útil a essa mulher.

CARDEAL

Como, — se êsse documento se reconheceria falso?

FREI PLÁCIDO

O reverendo Guardião raras vezes escreve pelo seu punho.

CARDEAL

E a assinatura?

FREI PLÁCIDO

Raras vezes assina.

CARDEAL

E o sêlo do convento?

FREI PLÁCIDO

Podia tê-lo obtido, se quizesse.

CARDEAL

Vossa Paternidade, forjando esta carta, só teve um fim: iludir Isabel Conti, fazendo-lhe crer que tinha nas mãos a salvação do marido.

FREI PLÁCIDO

Com que interêsse, senhor Cardeal?

CARDEAL

Com o interêsse da concupiscência. — Para comprar favor com favor. *(A um gesto negativo de* FREI PLÁCIDO) Não o negue! — Os antecedentes de Vossa Paternidade comprometem-no. Foi condenado a cárcere e privação do côro por meter mulheres na sua cela. As informações dos ministros da Ordem dão-no como mau frade, relaxado e sensual.

FREI PLÁCIDO

Para que me vestiram êste hábito aos quatorze anos?

CARDEAL

Para servir a Deus, — não para o ultrajar!

FREI PLÁCIDO

Antes me tivessem estrangulado no berço! — Amortalharam-me vivo neste burel e deixaram-me tôdas as paixões e tôdas as fraquezas dum homem!

CARDEAL

Não tem à cabeceira do seu catre as pontas de ferro das disciplinas?

FREI PLÁCIDO

A mocidade é bela demais, para que eu a afogue em sangue!

CARDEAL

Confessa que foi com a falsa promessa do valimento do Prelado do seu mosteiro, que Isabel Conti se lhe entregou?

FREI PLÁCIDO

Não o confesso nesses termos.

CARDEAL

Confessa que forjou uma carta falsa para comprar com ela a posse dessa mulher?

FREI PLÁCIDO, *com sinceridade*

Quando a escrevi, não foi essa a minha intenção. *(Estendendo a mão para o cruxifixo)* Protesto-o perante aquele Cristo crucificado! — Tive a carta guardada muito tempo, sem pensar, sequer, em entregá-la a Isabel Conti.

CARDEAL

E o que foi que o determinou a fazê-lo?

FREI PLÁCIDO

Um acontecimento súbito, — e uma brusca turbação dos sentidos, que é da natureza humana, e de que me arrependo à face de Deus. — Uma noite, assentei-me no arquibanco da minha estante, precisamente para rasgar essa carta. — Ouvi gritos. Corri à porta. Entrou-me pelo quarto, desgrenhada, as mãos tintas de sangue, Isabel Conti. — Perguntei-lhe o que era. Contou-me, a tremer, em gritos dilacerantes, que Mossém Judas a fizera agarrar pelos criados para abusar dela. Transida de pavor, abraçou-se a mim, suplicou-me que lhe valesse, que lhe fosse buscar os filhos, as jóias, — que a levasse para longe daquele homem. O seio arfava-lhe de encontro ao meu escapulário; o sangue, que lhe manchava as

mãos, turbou-me a vista; cresceu dentro de mim um ímpeto de fera... — A carta estava sôbre o arquibanco. Ela viu-a. Era a salvação do marido... *(Numa voz abafada)* Foi a minha condição. Foi o meu preço.

CARDEAL

Atirou-a para os cárceres do Santo Ofício!

FREI MARCOS, *aos* MEIRINHOS, *indicando* FREI PLÁCIDO

Levem-no.

FREI PLÁCIDO, *saindo pelo F., com os quadrilheiros que o arrastam*

Possuí-a desmaiada. — Essa mulher está inocente. — O sacrílego fui eu!

PROCURADOR, *que acorda, deixando cair o breviário*

Requeiro, como Procurador da ré, a publicação das provas de justiça.

CARDEAL, *ao* FAMILIAR *da cruz de Malta, que volta*

Mande entrar o marido de Isabel Conti, — micer António Gaspar.

NOTÁRIO, *levantando-se e lendo*

Micer António Gaspar, de trinta anos, mercador neste reino e côrte.

O MEIRINHO, *abrindo a porta da D. alta*

Micer António Gaspar.

PROMOTOR, *levantando-se, ao* CARDEAL

Êste réu já foi interrogado. — Não contestou o libelo de justiça. — Já sôbre o feito se pronunciaram Vossa Eminência e o reverendo Conselho Geral.

CARDEAL, *a* MICER ANTÓNIO GASPAR, *que entra pela D. alta, pálido, os braços cruzados, numa atitude nobre de sofrimento*

É o réu micer António Gaspar?

ANTÓNIO

O próprio.

CARDEAL

Casado com uma mulher de nome Isabel Conti?

ANTÓNIO

De quem tenho dois filhos. — Peço a piedade de Vossa Eminência, para êles e para mim.

CARDEAL

Leia o reverendo Promotor os nomes dos presos que acabam de ser interrogados.

PROMOTOR, *levantando-se e lendo um papel sôlto*

D. João Pereira de Nápoles e Bourbon, fidalgo de linhagem. — Rui de Albuquerque, da casa do Arco, escolar de Coimbra. — Mossém Judas Navarro, cristão-novo, joalheiro d'El-Rei nosso Senhor. — Frei Plácido de Jesus, no século D. Lopo de Menezes, religioso no mosteiro de S. Francisco.

CARDEAL, *a* ANTÓNIO

Conhece algum dêstes quatro homens?

ANTÓNIO

Não conheço.

CARDEAL

Nunca ouviu falar dêles?

ANTÓNIO

Apenas de Mossém Judas, vagamente.

CARDEAL, *recostando-se voluptuosamente na estala*

Sabe se sua mulher os conhecerá?

ANTÓNIO

Não sei, senhor Cardeal. — Não eram da minha casa, nem da minha privança. *(Num tom de nobreza e de sinceridade)* Se são novas testemunhas no meu processo, suplico a Vossa Eminência, pelas chagas de Cristo, que me despache com brevidade e me restitua a minha honra. Acusaram-me de ter feito, perante os síndicos dos mercadores de panos da Holanda, proposições heréticas contra o dogma. Que podem saber, do meu pretenso delito, homens criados em Portugal? E a que veem mais testemunhas, meus Padres, se eu não contestei o libelo da justiça, se eu peço a abjuração de leve e as penas espirituais que Vossas Reverências quizerem dar-me? — Já vai para quatro meses que estou preso nestes cárceres, com perda de saúde e desamparo da minha família e dos negócios de minha fazenda. — Peço a Vossa Eminência, por caridade, que ordene despacho ao meu processo e que me deixe voltar para minha casa, beijar os meus filhos, abraçar minha mulher.

CARDEAL

Sua mulher não está em sua casa.

ANTÓNIO, *sem compreender bem*

Minha mulher?

CARDEAL

Saiu na própria noite da sua prisão. — Nunca mais lá voltou.

ANTÓNIO

Para onde? — Saiu para onde, se eu não tenho outra família, se eu não tenho mais ninguém?

CARDEAL

Está presa há vinte dias nos cárceres da Inquisição.

ANTÓNIO

Nos cárceres? *(Num grito)* Isabel! — Não bastava torturarem-me a mim! Também a ela a torturam! — Mas porquê? — E os meus filhos! — Onde estão os meus filhos?

CARDEAL

Ao cuidado dêste Santo Tribunal. — São levados, de três em três dias, ao cárcere da mãe.

ANTÓNIO, *num soluço*

Mas que mal fêz ela? Que culpa teve ela do meu delito? — Juro a Vossa Eminência, juro a Vossas Paternidades. Está inocente de tôda a culpa! — Atormentem-me a mim, que sou homem e forte, mas poupem-na a ela!

CARDEAL

O crime de Isabel Conti é diferente do seu.

ANTÓNIO

O crime? Mas que crime? — De que crime a acusam?

CARDEAL

Dum ultraje contra Deus e contra a sua honra!

ANTÓNIO

Contra a minha honra?

CARDEAL

Isabel Conti está processada por adúltera e barregã de judeu e de clérigo.

ANTÓNIO, *num grito de dor*

Ah! *(Com profunda revolta, estalando as palavras)* Não! — É falso! Falso! — Não pode ser! *(Apertando a cabeça nas mãos, desvairado)* Não me enlouqueçam, pela divina misericórdia! — Não me enlouqueçam! Ela é virtuosa e honesta, senhor Cardeal! Não me esfaqueava pelas costas! — Calúnia! Calúnia! — Mas quem foi que a caluniou? — Os no-

mes! Venham os nomes, senhores Inquisidores! — Quem foi, que os quero marcar com um ferro em braza?

CARDEAL

Foi sua própria mulher que o confessou perante a justiça.

ANTÓNIO, *com a voz estrangulada*

Confessou?

CARDEAL

Ela e os seus cúmplices na infâmia e no sacrilégio! — Já lhes ouviu os nomes. Pode lê-los. *(Indicando o banco do* NOTÁRIO) Aí os tem.

ANTÓNIO

Confessou, porque a torturaram! — Como eu! Como todos!

CARDEAL

E vai confessá-lo, mais uma vez, na sua frente! *(Ordenando, aos* MEIRINHOS *e ao* FAMILIAR *da cruz de Malta, que sáem pela porta da E. baixa)* Mandem entrar Isabel Conti.

NOTÁRIO, *lendo*

Isabel Conti, de vinte e seis anos, casada.

ANTÓNIO, *a quem o* PROMOTOR *passa o papel com os nomes dos presos*

Ah, covardes! *(Amarfanhando o papel nas mãos crispadas)* Não! Isto é um embuste! — Isabel! Isabel! — *(Desdobrando-o, numa agonia, e querendo ler)* Mas que nomes são êstes? — Eu não vejo! Eu não vejo senão sangue! *(Com desespêro)* Padres! Antes a polé, antes a fogueira, antes a tortura, mil vezes, do que êste horror! Queimem-me vivo — uma samarra, depressa! — mas tirem-me êste inferno da alma!

ISABEL, *entrando pela E. baixa, em passos vacilantes, e amparando-se à coluna do meio da scena*

Os meus filhos! — Dêem-me os meus filhos! — Senhor Inquisidor! *(Vendo o marido e atirando-se, num grito, para êle)* António! António!

ANTÓNIO, *repelindo-a brutalmente para a D.*

De largo!

ISABEL

Virgem Santíssima!

ANTÓNIO

Que fizeste tu da minha honra?

CARDEAL

A ré confessa, perante seu marido, os crimes de adultério e sacrilégio?

ISABEL, *num rugido*

Ah, não! — António! Não acredites! Aquele homem mentiu! — Pela luz que nos alumia! Pela vida dos nossos filhos! *(Para o* CARDEAL, *os punhos cerrados)* Mentiu! Mentiu!

CARDEAL, *a* FREI MARCOS, *que faz sinal aos* MEIRINHOS

Mande entrar os quatro presos.

ISABEL, *ao* CARDEAL, *crescendo para a arquibancada*

Carrasco! Que a púrpura que tu vestes seja tinta no teu sangue! — Ministros do Crucificado! — Assassinos! — Ladrões!

CARDEAL, *levantando-se, a* ISABEL, *quando os quatro presos surgem ao F.*

Agora, nega perante os teus cúmplices!

ISABEL, *erguendo os braços, num grito, e caindo desamparada*

Inferno!

ANTÓNIO, *querendo arremessar-se para* ISABEL, *as mãos convulsas no gesto de a estrangular, mas sendo dominado pelos quadrilheiros e pelos leigos de S. Domingos, que, a um sinal de* FREI MARCOS, *o arrastam pela D. alta*

Cadela!

FREI MARCOS, *erguendo-se*

Está encerrada a audiência, reverendos Padres. — *Laus Deo.*

Os Deputados levantam-se e começam a sair pelo F., curvando-se diante da imagem de Cristo. — Ouve-se, de novo, o sino do paço dos Estáos. ISABEL *fica estendida no lajedo. O* PROCURADOR *dorme na sua estala.*

CARDEAL, *ao* MÉDICO,
que ajoelha junto de ISABEL *e lhe coloca a mão sôbre o coração*

Vive?

O MÉDICO

Vive. *(Baixo, ao* CARDEAL, *quando dois leigos se aproximam para levar o corpo)* Para os aposentos de Vossa Eminência?

CARDEAL, *junto de* ISABEL,
olhando-a pela sua luneta de oiro, e ordenando, depois de um gesto de hesitação

Para o cárcere do marido.

Desce o pano talão com as armas do Santo Ofício.

II QUADRO

Sobe o pano talão. — Um cárcere. Ao F., porta esconsa. Á E. e ao alto, fresta gradeada por onde entra luz. — Mesa de castanho, tôsca; banco. Ao F. direita, uma enxêrga. — Ouvem-se ainda, no sino, as últimas badaladas.

ANTÓNIO, *gritando, num desespêro, os braços erguidos de encontro à porta do F.*

A tortura! — Antes a tortura! — Abram-me esta porta! — Covardes! *(Num soluço)* Isabel! *(Vindo cair sôbre o banco, num chôro convulsivo)* E eu não enlouqueço! — E eu vivo! — E o sangue lateja nas minhas veias!

VOZES, *fora, depois dum momento de silêncio, emquanto se ouve correr os ferrolhos da porta do F.*

Neste cárcere. — Por ordem de Sua Eminência.

O MEIRINHO, *aparecendo ao F., com dois leigos, no corredor de abóbadas, e atirando* ISABEL, *como um farrapo, para dentro do cárcere*

Para aí.

ISABEL, *caindo*

Piedade!

ANTÓNIO, *avançando para* ISABEL, *num rugido, quando a porta se fecha e o* MEIRINHO *desaparece*

Ah!

ISABEL, *depois dum silêncio, erguendo-se e olhando* ANTÓNIO

Mata-me!

ANTÓNIO

Santos Inquisidores! Foram caridosos contigo. — Tiveram a misericórdia de te poupar à fogueira. Mandaram-te morrer às minhas mãos! *(Crescendo para ela, no gesto de a estrangular)* Mas não. Quero ouvir-te primeiro. — Antes de te estrangular, quero ouvir-te. *(Baixo, numa voz rouca)* Porquê? Porque foi? Porque desonraste tu as minhas lágrimas? Porque me mataste? Porquê? — Pois nem os ferros dêste cárcere te moveram à piedade? Não me achavas já bastante desgraçado?

ISABEL, *numa expressão quási tranquila*

Mata-me, pelo amor de Deus.

ANTÓNIO

Foi por devassidão que rolaste de leito em leito? — Dize! — Como poude enganar-me seis

anos a mentira da tua virtude? *(Agarrando-a, sacudindo-a violentamente e atirando-a para o lajedo do cárcere, como um corpo morto)* Olha para mim. — Responde-me. — Rameira!

ISABEL, *prostrada, num murmúrio*

Os nossos filhos tinham fome.

ANTÓNIO

Mentes! — E os nossos bens, e as minhas fazendas, e tôdas as riquezas que te deixei nas mãos? Não bastavam para lhes dar de comer?

ISABEL, *dolorosamente*

Meu pobre António!

ANTÓNIO

Era preciso venderes-te para os nossos filhos terem pão?

ISABEL

Tu ainda não sabes todo o mal que nos fizeram.

ANTÓNIO

Não confundas na tua vergonha a inocência de duas crianças!

ISABEL

Roubaram-nos tudo, António.

ANTÓNIO

Mentes!

ISABEL

Os nossos bens foram sequestrados.

ANTÓNIO

É falso! — Sequestrados por quem?

ISABEL

Pelo Santo Ofício.

ANTÓNIO

Pelo Santo Ofício? *(Numa angústia)* Não! Não pode ser!

ISABEL

Na noite da tua prisão. — Roubaram-nos tudo, sim, António...

ANTÓNIO

Os meus bens!

ISABEL

Depois de te levarem, disseram-me que já nada era nosso, que os nossos bens pertenciam à Inquisição. — Selaram-nos as portas...

ANTÓNIO, *caíndo sôbre o banco*

Deus do céu!

ISABEL, *de rastos, aos pés de* ANTÓNIO

Enxotaram-me de casa, com os nossos filhinhos, como se enxota uma leprosa. — Tudo, roubaram-nos tudo. — Pedi, supliquei. Nem uma jóia para comprar pão. — O que eu passei, António! — De noite, na escuridão, a fugir como uma doida, a ensanguentar-me nos tojos, a cair nas pedras, a sufocar com beijos o chôro dos meus filhos... *(Num soluço)* Ah! Se tu soubesses que horror é ver chorar um filho com fome, senti-lo estremecer de frio, enregelado, de encontro ao nosso peito! — Pedi esmola... Escorraçaram-me. — Roubei. Prenderam-me. — Os meus filhos choravam... Vendi-me. *(Cobrindo a cara com as mãos)* Oh, meu Deus! — Vendi-me.

ANTÓNIO

Porque não os mataste, antes? — Eu sofria menos!

ISABEL

Não tive fôrça. Não tive coragem. — Depois, fui de miséria em miséria, de violação em violação... Não houve afronta que o meu pudor de mulher não sofresse. — Não há burel

de mortalha que esconda a minha vergonha. — Estou perdida, António! *(Numa súplica)* Pelo amor que me tiveste, pelo primeiro beijo que nós démos, — mata-me. Morrerei a abençoar-te, a beijar as mãos que me estrangularem. — Se há alguma compaixão por mim na tua alma, sufoca-a, pelo amor de Deus. — Não tenhas pena. — Que outra doçura posso eu sentir ainda, senão a de morrer por ti? — Isto é lôdo, meu amor. — Deixo-te os nossos filhos. Se êles perguntarem pela mãe, dá-lhes o meu último beijo, dize-lhes que morri para os salvar, depois de ter morrido mil vezes de vergonha...

ISABEL *chora, a face sôbre os joelhos de* ANTÓNIO, *que soluça, numa convulsão. — A porta do F. abre-se durante as últimas palavras de* ISABEL: *aparece na soleira* FREI MARCOS, *o capuz descido sôbre os olhos, seguido do* NOTÁRIO *e do* FAMILIAR *cavaleiro de Malta, que traz as duas crianças.*

O FILHO, *ouvindo a voz da mãe e correndo para ela*

Mãe! — Mãe!

ANTÓNIO

Filho! — Meu filho!

FREI MARCOS

O preso micer António Gaspar.

ANTÓNIO, *apertando o* FILHO *ao peito, cobrindo-o de beijos e de lágrimas, emquanto a* FILHA, *a tremer, se abraça à mãe*

Filhos da minha alma!

FREI MARCOS

Por ordem de Sua Eminência o Cardeal Inquisidor, são-lhe entregues os seus filhos e vai ser-lhe lida a sua sentença.

O FILHO, *estremecendo à voz de* FREI MARCOS *e aconchegando-se ao pai*

Pai! Tenho mêdo!

NOTÁRIO, *desenrolando e lendo um papel com o sêlo do Santo Ofício*

«Acordam os Inquisidores e Deputados do Santo Ofício que, vistos os autos e culpas dos réus micer António Gaspar, de trinta anos, mercador, e Isabel Conti, de vinte e seis anos, sua mulher, acusado o primeiro de ter feito, na Holanda, proposições contrárias aos dogmas da Santa Igreja de Roma, e a segunda de ter consumado adultério com judeu e clérigo; sendo o réu micer António suspeito de heresia com suspeita leve e pura contrição e arrependimento de seus pecados; e havendo-se, por conclusão das provas de justiça, que a ré

Isabel Conti foi compelida à pratica de seu crime e escândalo por fôrça e violência: o que tudo bem visto, e querendo usar de suma misericórdia: *Cristi Jesu nomine invocato:* julgamos e declaramos os réus restituidos à sua liberdade, depois de feita pelo primeiro abjuração de leve, e com confiscação para a justiça e câmara real de todos os bens que lhe foram sequestrados. — Dada em Lisboa, aos XII de março, sob nosso sinal e sêlo. — Ego, Laurentius, notário, a escrevi. — Frei Marcos. — Frei Jerónimo. — Ambrosius, doctor.»

ISABEL

Livre!

FREI MARCOS, *a* ANTÓNIO

Tem alguma alegação a fazer, a bem da justiça e da sua consciência?

ANTÓNIO, *com o* FILHO *estreitado ao peito*

Tenho de pedir a Deus contas da minha honra! — Tenho de perguntar a Vossa Reverência em que texto sagrado está escrito que Deus manda roubar! — Tenho de pedir-lhe a esmola do seu escapulário negro para amordaçar a fome dos meus filhos!

ISABEL

António! — Salva-te ao menos tu! — Que há de ser destas crianças!

ANTÓNIO, *quando* FREI MARCOS *sai com o* NOTÁRIO *e o* FAMILIAR

Se eram só os meus bens que a Inquisição pretendia, porque me torturaram tanto? — Nas florestas de Espanha não há púrpuras de cardeal, não há murças de S. Domingos, — e rouba-se com mais caridade!

ISABEL

Deram-nos a liberdade e a vida, porque era o maior tormento que nos podiam dar! *(Numa profunda expressão de dor)* O nosso lar é um montão de ruínas. Estamos perdidos um para o outro. — Que vamos nós fazer agora?

ANTÓNIO

Viver.

ISABEL, *emquanto* ANTÓNIO *caminha para o F.*

Para quê, na miséria e na desonra?

ANTÓNIO

Para nos vingarmos da maldade humana.

ISABEL

Como, se estamos oprimidos e pobres?

ANTÓNIO, *abraçando o* FILHO, *numa expressão ao mesmo tempo de rancor e de esperança*

Criando êste filho — para Inquisidor!

Cai o pano.

JÚLIO DANTAS

O Primeiro Beijo

PORTUGAL BRASIL L.DA
SOCIEDADE EDITORA
LISBOA

O PRIMEIRO BEIJO

Peça em um acto, em prosa, do repertório permanente do Teatro Nacional Almeida Garrett

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 2.ª edição.
Sonetos (1916) — 4.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 2.ª edição, ampliada.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 4.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) – 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 5.ª edição.
Êles e Elas (1918) — 3.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 4.ª edição.
Como elas amam (1920) – 3.ª edição.
Abelhas doiradas (1920) – 2.ª edição, no prelo.
Os galos de Apollo (1921).
Arte de amar (1922).
As Grandes Batalhas – No prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) – 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) – 2.ª edição.
A Severa (1901) – 4.ª edição.
Crucificados (1902) – 2.ª edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) – 24.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) – 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) – 3.ª edição.
Um serão nas Larangeiras (1904) – 4.ª edição, no prelo.
Rei Lear (1906) – 2.ª edição, no prelo.
Rosas de todo o ano (1907) – 9.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) – 5.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) – 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) – 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) – 5.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) – 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) – 2.ª edição.
1023 (1914) – 2.ª edição.
Sóror Mariana (1915) – 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) – 3.ª edição, no prelo.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920).
Romeu e Julieta – no prelo.

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisbôa
Da Academia Brasileira de Letras

O Primeiro Beijo

QUINTA EDIÇÃO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 -- RUA GARRETT — 60

Á EX.^{MA} SENHORA

DONA MARIA INÁCIA DE FARIA ROBY

FIGURAS (*)

A Morgada da Rosa	MARIA PIA
O Morgado de Amarais	CARLOS SANTOS
O Guardião de S. Francisco	ANTÓNIO PINHEIRO

Dois frades franciscanos. — Dois criados de cadeirinha

ENTRE DOURO E MINHO. — SÉCULO XVIII

(*) Esta peça foi representada pela primeira vez, em 13 de abril de 1909, no Teatro de S. Geraldo, de Braga, com a seguinte distribüição: *Morgada da Rosa,* Ex.ma Sr.a D. Maria Inácia de Faria Roby; *Morgado de Amarais,* dr. Ernesto de Magalhães; *Guardião de S. Francisco,* Barão de S. Lázaro. Representou-se pela segunda vez no Teatro de S. Carlos, de Lisboa, em 10 de abril de 1911, encarregando-se do desempenho dos papéis os seguintes artistas: Lucinda Simões, *Morgada da Rosa;* Cristiano de Sousa, *Morgado de Amarais;* Cesar de Lima, *Guardião de S. Francisco.* Incluída no repertório permanente do Teatro Nacional Almeida Garrett, teve a distribüição descrita acima. Representada, em 18 de novembro de 1920, no Teatro Català-Romea, de Barcelona, foram seus intérpretes: Maria Morera, *Morgada;* Enrique Giménez, *Morgado;* Ramon Viñas, *Guardião.* Na versão francesa, faz parte do repertório do grande actor Signoret.

O PRIMEIRO BEIJO

Parte do claustro de um convento de franciscanos. — À direita baixa, uma capela de azulejo resguardada por uma grade de ferro forjado, aberta. Na capela, a meio, uma arca tumular sôbre cachorros, com as armas dos Malafaias e dos Albuquerques. Sôbre o túmulo, rosas ainda frescas. Perto, um banco de rezar forrado de damasco carmesim. Pendente e acesa, uma lâmpada de cobre. — Ao fundo, o jardim do claustro, com o seu poço. — Dia de sol.

Entram pelo F. O MORGADO DE AMARAIS *e o* GUARDIÃO *do convento. Seguem-nos dois frades. Vêem-se passar as quatro figuras por detrás das arcadas do claustro. —* O MORGADO, *velho de sessenta anos, veste de sêda negra, redingote, calção, véstia, sapatos de grande fivela de prata, chapéu holandês, grilhão de oiro, bastão de punho de Limoges. Face rapada. Antigo regime.*

GUARDIÃO, *indicando o caminho*

Por aqui, senhor morgado.

MORGADO

Não se moleste mais vossa Paternidade. Beijo-lhe as mãos por tudo quanto lhe devo. O

meu coração me ensinará onde repousa o meu filho.

GUARDIÃO

Se a minha presença não pesa a vossa senhoria, consinta-me que eu mesmo o guie à sepultura onde êle dorme. — Perdôe vossa senhoria a um pobre velho, que muito amou a casa dos senhores morgados — e não menos a dos senhores padroeiros —, êste preito de ternura prestado à memória de duas crianças. Não quis Deus que eu os unisse em vida; mas ainda me foi dado, antes de ser cinza e terra, uni-los na morte. *(Parando junto do túmulo, com dolorosa gravidade)* Senhor morgado de Amarais, é esta a sepultura do seu filho.

MORGADO, *tirando o chapéu,*
profundamente comovido, e querendo beijar a mão do frade,
depois de um silêncio de recolhimento
e de oração

Obrigado. *(Num soluço, amparando-se ao ombro do* GUARDIÃO*)* Meu pobre filho! Meu querido filho!

GUARDIÃO

Dizer que já pelo S. Silvestre faz três anos! — Há já três anos, senhor morgado!

MORGADO

Na flor da vida! — Tão môço, tão valente, tão cheio de nobreza d'alma, frei Estêvão! — Eu não tinha outro filho... Êle era a minha alegria, a minha mocidade, a minha glória... *(Com veemência)* Ah, frade, frade! — Que Deus faça cair tantas maldições sôbre aqueles que o assassinaram, como lágrimas de sangue eu tenho chorado sôbre a sua memória!

GUARDIÃO

Deus cobre da sua infinita misericórdia aqueles que sabem perdoar. *(Mostrando o túmulo)* Como vossa senhoria vê, é uma sepultura humilde. Nem outra poderia ser, dentro desta claustra de S. Francisco. Apenas uma laje, com o nome dêle e o nome dela. — Padre Nosso, Ave Maria. — Dois cachorros tumulares e as pedras d'armas das duas casas. — Quem me diria, senhor morgado, que se haviam de juntar ainda, na mesma sepultura, a asa vermelha dos Albuquerques e o castelo de prata dos Malafaias! *(Depois de um silêncio, em que o* MORGADO DE AMARAIS *parece orar, gravemente)* Não aguardou esta comunidade a presença de vossa senhoria e a dos senhores padroeiros, pais da pobre menina, — porque os meus oitenta anos,

senhor morgado, já não me deixavam esperar muito tempo. Depois da desgraça que feriu ambas as casas, tanto vossa senhoria como os senhores morgados da Rosa, nossos padroeiros, cerraram os seus Paços e abalaram daqui. Os senhores morgados, para a côrte. Vossa senhoria, para fora dêstes Reinos. Cuidámos que não voltariam mais. Não foi pequeno trabalho e canseira, para o senhor Provincial e para o senhor Arcebispo, colherem de vossa senhoria e dos senhores padroeiros licença para unir numa só as duas sepulturas. Durante um ano, senhor morgado, foi êste o sonho da minha velhice. *(Com ternura, enxugando uma lágrima na manga do hábito)* Aqui os tenho agora, juntos na mesma mortalha, os meus queridos meninos que eu baptisei e que Deus não tinha feito para êste mundo. — Ficaram de mãos dadas, num sorriso, como se estivessem dormindo.

MORGADO

No seio de Deus, as suas almas hão de abençoar vossa Paternidade, por ter-lhes dado na morte o que o ódio dos pais lhes negou na vida. *(Depois de um silêncio)* Quanto a mim, é quási tenção formada, frei Estêvão. Pede-me a alma a consolação dêsse hábito.

GUARDIÃO

Deus o ilumine da sua graça, meu irmão.

MORGADO

Gostava de acabar aqui os meus dias. — Tive um filho: assassinaram-mo. Ficou-me a mulher: matou-a a dor e a saüdade em terra estranha. — Que me resta, senão uns côvados de burel e esta sepultura? — Adeus. Faça-me vossa Paternidade a esmola de me deixar só com o meu filho. Quero dar-lhe o último beijo da mãe. — Deus lhe pague, frei Estêvão. Foi sempre um grande amigo da nossa casa. Obrigado. *(Comovido, a voz abafada por um soluço)* Sabe o que eu lhe agradeço, mais do que tudo? São estas flores. — Êle gostava tanto de rosas! — Vossa Paternidade não se esqueceu.

GUARDIÃO

As flores, senhor morgado, não são do convento.

MORGADO

Mas foi vossa Paternidade que as depôs sôbre êste túmulo.

GUARDIÃO

Não fui eu.

MORGADO

Ou algum dos seus bons frades. Agradeça-lhes por mim, frei Estêvão. — Serão em breve meus irmãos.

GUARDIÃO

Também não foi nenhum frade dêste convento.

MORGADO

Quem foi então, — se meu filho não tem mais ninguém no mundo?

GUARDIÃO

Vossa senhoria esquece que não é apenas seu filho que repousa nesta sepultura.

MORGADO, *compreendendo, num sobressalto*

Ah!

GUARDIÃO

A pobre menina também tem quem a chore.

MORGADO, *bruscamente*

Voltaram? Essa gente voltou? Diga-mo vossa Paternidade. Diga-mo, por misericórdia! Mandarei aparelhar a minha liteira! Fugirei outra vez para cem léguas daqui!

GUARDIÃO, *com simplicidade*

Mas não voltaram ambos. — O senhor morgado da Rosa chamou-o Deus à sua presença. Voltou apenas a senhora morgada padroeira, nas mortificações da saüdade e da viüvez.

MORGADO

Viúva? *(Depois de um silêncio)* E vem aqui rezar sôbre êste túmulo?

GUARDIÃO

Com o mesmo direito de vossa senhoria.

MORGADO

Todos os dias?

GUARDIÃO

Todos os dias.

MORGADO, *quási com ternura*

Foi ela, então, quem trouxe estas flores? *(Carregando novamente a expressão)* Mas trouxe-as para a filha.

GUARDIÃO

Quem o afirma a vossa senhoria?

MORGADO

Ela era lá capaz de se lembrar do meu filho, — senão com ódio!

GUARDIÃO, *apontando o túmulo*

É porventura com ódio que vossa senhoria se lembra daquela pobre menina?

MORGADO

Mas eu sou pai!

GUARDIÃO

E ela é mãe, senhor morgado. — Vou jurar que, quando eu sair daqui, as orações de vossa senhoria e a sua saüdade irão tanto para seu

filho, como para a inocente menina a quem êle amou.

MORGADO

Quem o disse a vossa Paternidade?

GUARDIÃO

O que eu conheço do coração humano. — Muitas vezes o ódio, senhor morgado, não é senão orgulho. Quem trouxe estas flores, trouxe ametade para o seu filho. *(Ouve-se um sino chamando para o côro)* Estão tangendo vésperas. É a hora do côro. — Perdôe-me vossa senhoria.

O GUARDIÃO, *seguido dos dois frades, sái pelo fundo.*

MORGADO, *só*

Viúva! Ela está viúva! *(Ajoelhando junto da sepultura, numa profunda comoção)* Ó memórias da minha mocidade, desfolhai-vos sôbre êste túmulo!

O sino continúa tocando a vésperas.—O MORGADO *reza silenciosamente, apoiado ao banco de damasco carmesim.—Ao fundo do claustro, pára uma cadeirinha doirada com as armas dos Malafaias nas portas. Apeia-se uma senhora de cêrca de cincoenta anos, extremamente distinta, cabelos brancos dos polvilhos de França, tôda envolvida num amplo luto de veludo roxo, Luís XVI. Traz um grande ramo de rosas frescas na mão.*

A MORGADA, *para o criado, que a ajuda a descer*

Traga a almofada. *(Vendo que alguém reza junto do túmulo)* Ah!

MORGADO, *levantando-se ao ouvir-lhe a voz, e encontrando-se frente a frente com a* MORGADA

Ah!

A MORGADA, *reconhecendo-o, vacilando, e deixando cair as rosas quási aos pés do* MORGADO

Perdão...

MORGADO, *levantando o ramo, a mêdo, e indo entregar-lho*

Perdão. (A MORGADA *recebe as flores, corteja sêcamente, e faz menção de se retirar)* Não é vossa senhoria que deve afastar-se. Sou eu.

A MORGADA

Como quiser.

MORGADO, *cortejando e encaminhando-se para o fundo*

Minha senhora...

A MORGADA

Perdôe-me, se perturbei com a minha presença a sua oração. — Não teria vindo aqui, se pudesse adivinhar que encontraria alguém.

MORGADO

Encontrou apenas uma sombra do seu passado, minha senhora. As sombras esvaem-se e desaparecem. *(Voltando-se para a capela)* Permita-me que diga o último adeus à sepultura do meu filho. *(Envia de longe um beijo ao túmulo, num gesto lento e grave)* De hoje em diante, pode vossa senhoria entrar sem receio neste claustro. Nenhum mau encontro a afrontará.

A MORGADA, *ao* MORGADO, *que vai a sair pelo fundo e se esqueceu do bastão sôbre o banco de rezar*

É de vossa senhoria êste bastão?

MORGADO, *tomando o bastão e encaminhando-se de novo para o fundo do claustro*

Beijo as suas mãos.

A MORGADA, *depois de um instante de íntima luta*

Fique.

MORGADO

É uma ordem?

A MORGADA

É um pedido.

MORGADO

Vejo que vossa senhoria não me reconheceu.

A MORGADA

Porque o diz?

MORGADO

Porque os pedidos só se fazem entre pessoas que se estimam.

A MORGADA

Nós conhecemo-nos ambos muito bem.

MORGADO, *olhando-a, frente a frente*

Muito bem. — Somos os representantes de duas famílias que se odeiam.

A MORGADA, *docemente*

Somos, apenas, os pais de duas crianças que se amaram. — Eu não sei odiar, senhor morgado. Nunca soube, em tôda a minha vida, senão sofrer. — Perdôe-me se o molestei pedindo-lhe que ficasse. Nós temos ambos o direito de chorar sôbre êste túmulo. — Se Deus quis que se unissem as duas sepulturas, porque não hão de unir-se as duas orações?

MORGADO

A minha saüdade nada tem de comum com o seu remorso.

A MORGADA

A minha consciência está tranqüila. — Fiz pela vida da minha filha, até ao último instan-

te, tudo quanto pode fazer a ternura de uma mãe. — Deus bem o sabe.

MORGADO

E pela vida do meu filho, que fêz vossa senhoria?

A MORGADA

Se pudesse, tê-lo ia defendido com as minhas lágrimas.

MORGADO

Para o mandar depois assassinar pelas costas? — Não valia a pena.

A MORGADA, *levantando-se, numa atitude de dignidade e de dor*

Senhor morgado de Amarais!

MORGADO, *numa excitação crescente*

O assassino não é só aquele que mata; é também aquele que deixa matar. *(Dominando-a, num grande gesto)* Senhora morgada padroeira! As suas mãos estão tintas de sangue! Não as levante a Deus nesta capela!

A MORGADA, *deixando-se cair de novo sôbre o banco de rezar, num soluço*

Pode continuar a insultar-me. — Eu estou sòzinha.

MORGADO, *caindo em si*

Esqueci-me. — Perdão. — *(Depois de um curto silêncio)* Era a seu marido que eu devia ter pedido contas. Era êle que devia pagar-me, gota a gota, o sangue do meu filho. — Mas já está respondendo pelo seu crime diante de Deus.

A MORGADA

Não, senhor morgado. — Se os meus sentimentos de mãe e de cristã podem merecer algum respeito, juro-lhe sôbre esta sepultura, juro-lhe pela alma desta pobre criança, pelas lágrimas que tenho chorado, por tôda a minha vida de sofrimento... Nem eu nem meu marido fomos culpados da morte do seu querido filho. Se pudéssemos, com o sacrifício da nossa vida, restituir-lhe a dêle, — tê-lo íamos feito. Bem sabe como as coisas se passaram. Meu sobrinho foi desafiado por seu filho. Era noite escura. Viu luzir uma espada diante dos olhos. Defendeu-se. E, para não morrer, matou. — Se tivesse sido êle a vítima, ninguém no Paço da

Rosa — afirmo-lho, senhor morgado! — levantaria a voz para tratar de assassino vossa senhoria.

MORGADO

Não era de crer que o morto fôsse seu sobrinho. — Os covardes sabem fazer-se acompanhar.

A MORGADA, *num protesto veemente*

Mentiram-lhe, senhor morgado!

MORGADO

Então, como explica a existência de duas espadas no lugar onde meu filho caíu?

A MORGADA

Eram dois a bater-se. Era natural que as espadas fôssem duas.

MORGADO

Em nenhuma delas havia sinais de sangue. Meu filho estava ferido mortalmente. Foi, portanto, uma terceira que o feriu. — Não há sair daqui.

A MORGADA

E quem lhe diz —tudo se passou junto ao arco do seu palácio... — que uma dessas espadas não era de algum criado seu?

MORGADO

A arma dos meus criados é a clavina. É com ela que êles dão caça aos lobos. — Dessa vez, não a aperraram a tempo.

A MORGADA, *numa angústia*

Como saber-se! Como provar-se! — Seu filho era nobre e digno. Se êle pudesse falar! Se ao menos, antes de morrer, tivesse dito uma palavra só... *(Chorando)* Veria que nós estávamos inocentes!

MORGADO

Disse.

A MORGADA

Uma palavra de denúncia?

MORGADO

Não. Uma palavra de amor. — Ah, senhora

morgada! Mil vezes tôda a sua dor de mãe, não iguala o que eu sofri nessa noite. Nessa horrível noite! Embranqueceram-me os cabelos. Envelheci vinte anos. *(Depois de um silêncio)* Meu filho tinha estado ao pé de nós, muito alegre, a falar nos potros que andava ensinando. A mãe — Deus a tenha em glória! — tocava no cravo da sala a cavatina de Jomelli. Tínhamos acendido mais luzes. O senhor capitão-mor vinha jogar o gamão. Lembro-me como se fôsse hoje. — De repente, demos pela falta do Rui. Onde está, onde não está — bacorejava-me o coração desgraça! — corremos a casa tôda. Foi a mãe dar com êle no oratório, de joelhos, rezando. Perguntei-lhe o que tinha. — "Nada, senhor pai„. — Sorriu para mim, com os seus grandes olhos azúis muito tranqüilos — êle nunca mentia! — e pediu-me a bênção. Que ia fora, à cavalariça, ver se estavam bem amantados os potros. Foi, e eu fiquei ao gamão. *(Silêncio curto, em que se lhe transforma a fisionomia)* Não se passou meia hora. — Os gritos atroaram o pátio, os criados subiam a escada de tropel: — "Mataram o morgadinho! Mataram o morgadinho!„ — E eu vi entrar — ó senhora morgada! — vi entrar pela sala, amparado a um eguariço, desfalecido, pálido como a cera, a camisa aberta e empapada de sangue, — o meu filho, o meu único filho, o meu que-

rido filho... — Chamei-o, falei-lhe, apertei-o nos braços, beijei-lhe a ferida, praguejei, uivei, chorei... Abriu ainda os olhos, sorriu, e disse-me: — "Morro sem a ter beijado. Dê-lhe um beijo meu, pai...„ — Pronunciou um nome — o nome da sua filha — e, numa golfada de sangue, morreu-me nos braços. *(Dolorosamente)* Não pude cumprir a sua última vontade.

A MORGADA, *que tem ouvido, com profunda comoção, resvala, de joelhos, do banco de rezar para o lajedo da capela, numa súplica*

Ó meus Deus! Aconchega bem no teu seio as almas destas crianças, — e se a minha mortificação é precisa à sua glória, mortifica-me ainda mais, pela tua misericórdia infinita!

MORGADO

Não eram dêste mundo. Por isso os chamou Deus para si.

A MORGADA

Êle amava-a, morreu sem a ter beijado, — mas esperou pouco tempo por ela... — Dobravam os sinos do convento para o entêrro do seu filho, e ela ouvia-os sorrindo, num enlêvo, como quem diz: "Até já, meu amor„. —

Parece-me ainda que estou a vê-la, no seu leito de morte, abraçada a um crucifixo, a repetir baixinho: — "Rui, meu Rui...„ — E o pai, na sala ao lado, gritando: — "Um convento! Levem-na para um convento! Maldita! Maldita!„ — Era a ruína de todo o seu sonho. Meu sobrinho homiziado por morte de homem; desfeito o casamento; a filha sem poder partir para a Inglaterra... — Já ela estava morta, muito branca, no seu leito estreitinho, sôbre um travesseiro de flores, ainda a mesma voz se ouvia ao lado: — "Maldita! Maldita!„

MORGADO

Foi o ódio dêle que os matou a ambos!

A MORGADA

Se fôsse só por nós, — como êles seriam felizes agora!

MORGADO

Casados, num ninho muito tranqüilo, muito cheio de sol...

A MORGADA

Já éramos avós...

MORGADO, *num sorriso de enlêvo*

Um neto! — A brincar-me nos joelhos... — Um neto!

A MORGADA

Devia ser parecido com êle.

MORGADO

Com ela. — Ela era tão linda!

A MORGADA, *com ternura*

E êle! — Tão novo, tão gentil, tão alegre! — Quantas vezes eu o via passar no seu cavalo, muito firme nas estribeiras de prata, galopando ao sol, numa nuvem de poeira... E pensava comigo: — Como deve ser bom ter um filho assim!

MORGADO

Quem não havia de gostar dela! — Um domingo, vi-a descer da liteira, na portaria do convento, à hora da missa. Estava um dia de inverno, muito triste. Pois quando ela saíu do seu ninho doirado, a brincar, num sorriso, como uma nuvem côr-de-rosa, — pareceu-me tudo

primavera... — Foi aí que o meu filho a viu pela primeira vez.

A MORGADA

Numas férias de Coimbra.

MORGADO

Aos quinze anos!

A MORGADA, *sorrindo*

Crianças!

MORGADO, *que a olha, há um momento, enlevado*

Como ela se parecia comsigo!

A MORGADA

Ainda se lembra de mim?

MORGADO

Se me lembro! — Uma daquelas figuras que dansam nos quadros franceses, ao som de flautas de marfim... — A mesma frescura, a mesma graça...

A MORGADA

E êle! Êle era o seu retrato. Muito loiro, muito esbelto, os olhos muito azúis... E então, a cavalo! Era tal qual... Tal qual como quando eu o esperava — lembra-se? — no mirante verde do Paço da Rosa...

MORGADO

Há trinta anos!

A MORGADA, *emendando*

Trinta e dois...

MORGADO

Como não haviam êles de se amar...

A MORGADA, *indo para tapar-lhe a bôca*

Oh! Cale-se...

MORGADO, *tomando-lhe as mãos*

Se nós nos tínhamos amado tanto!

A MORGADA

Pelo amor de Deus... Não diga...

MORGADO

Se foi o nosso amor que cantou e floriu na alma dos nossos filhos! — Não. Não foram êles, Maria. Fomos ainda nós que nos amámos através das suas lindas almas. A mocidade era dêles, — mas a ternura era a nossa. Naquele jardim, foram êles as flores, — nós o perfume eterno... — E dizer que se amaram sempre de longe!

A MORGADA, *num murmúrio*

Como nós...

MORGADO

Que não conheceram, sequer, a comunhão dulcíssima de um beijo...

A MORGADA

Como nós!

MORGADO

Dizer que as nossas almas tiveram, para se

beijar, a frescura das suas bôcas, — e que a deixaram crestar-se num túmulo!

A MORGADA

Separou-nos, a nós, o mesmo ódio que os matou a êles...

MORGADO

Quem nos diria que ainda havíamos de estar tão juntos diante de Deus! — Quando meu filho me morreu nos braços, deixou-me o primeiro beijo para a sua noiva... Nunca lho pude dar. Nunca pude cumprir a sua última vontade. — *(Aproximando-se da* MORGADA, *numa expressão de enlevada ternura)* Antes que êste túmulo se abra também para nós, antes que tudo quanto resta do nosso amor de crianças desapareça para sempre no gêlo da morte, — deixa-me sonhar um pouco... Repousa a tua cabeça sôbre o meu ombro... Ninguém nos perturbará na paz desta capela... *(A* MORGADA, *como num sonho, repousa a cabeça sôbre o ombro do* MORGADO) Maria! Minha pobre amiga... Minha doce amiga... — Compreendes-me? Não é verdade? Tu compreendes-me...

A MORGADA, *num murmúrio*

António... *(O* MORGADO *beija-a longamente na fronte; ela, como que acordando, num movimento brusco)* Meu Deus!

MORGADO

Os nossos filhos deram agora o seu primeiro beijo!

O GUARDIÃO *entra pelo fundo. — A* MORGADA, *ainda confusa, beija-lhe a mão*

GUARDIÃO

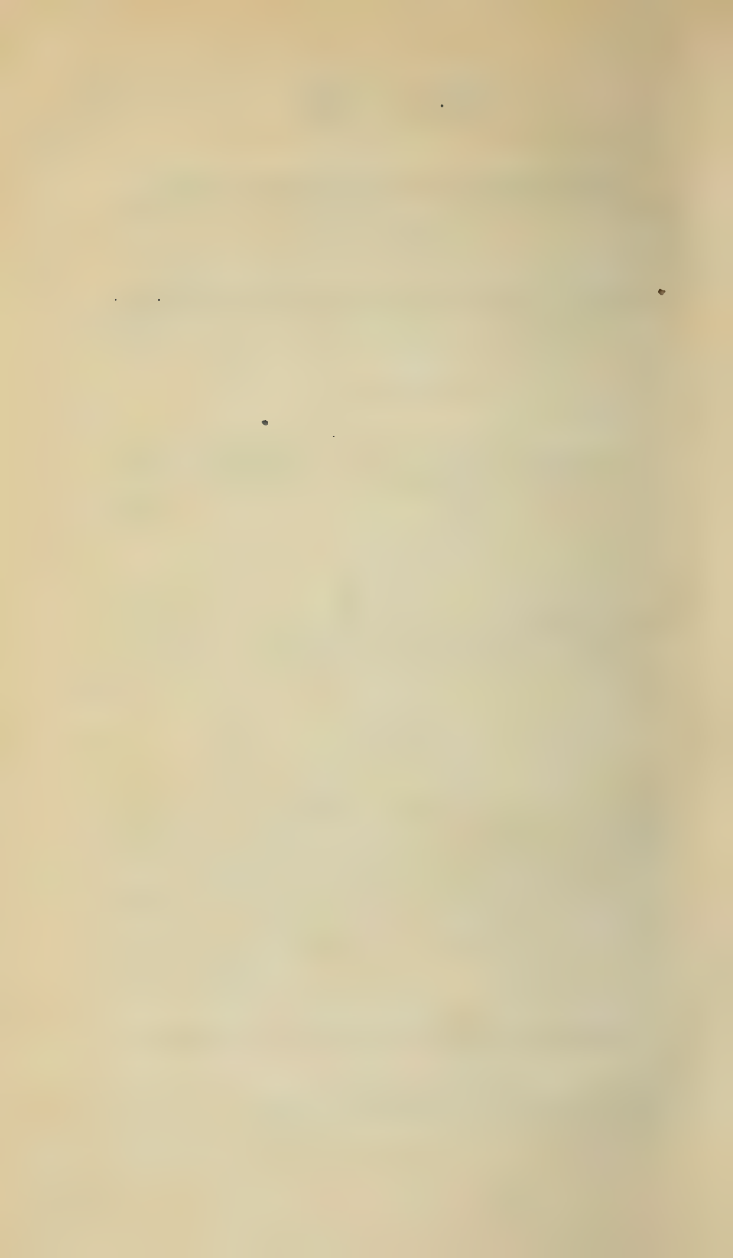
Senhora morgada padroeira... — Senhor morgado. — Resolveu a comunidade que se escrevesse ao reverendo frei Provincial, participando-lhe o desejo de vossa senhoria de tomar hábito neste convento. — Posso desde já escrever essa carta?

MORGADO, *depois de um momento, à* MORGADA

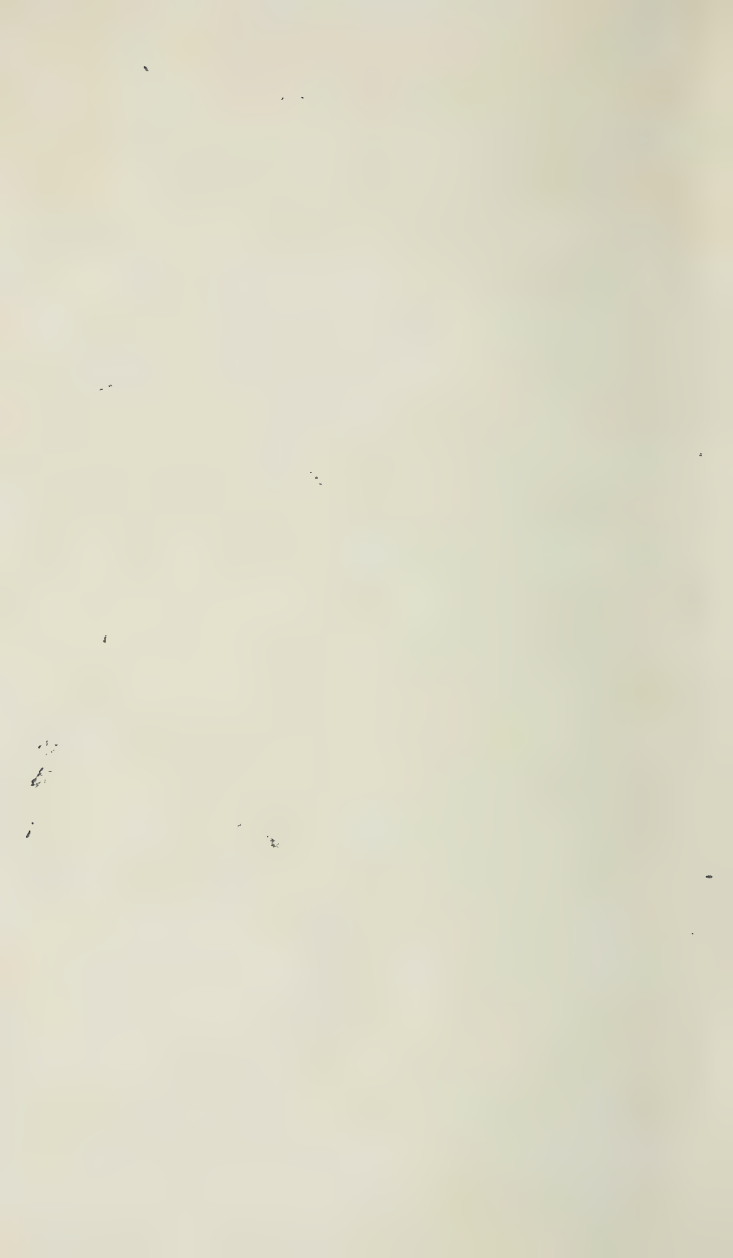
Peço à senhora morgada que responda por mim a frei Estêvão.

A MORGADA, *graciosamente, a* FREI ESTÊVÃO, *junto da porta doirada da cadeirinha onde o* MORGADO *a conduz pela mão*

Por ora, — não escreva vossa Paternidade ao frei Provincial.

Cai o pano.

JULIO DANTAS

DOM RAMON DE CAPICHUELA

COMPANHIA EDITORA PORTUGAL-BRASIL

DON RAMON DE CAPICHUELA

Sainete em verso sôbre um motivo castelhano,
representado pela primeira vês no Teatro do Pará,
na noite de 7 de Julho de 1911,
depois no Teatro da República, de Lisboa,
e incluido por fim no repertório permanente
do Teatro Nacional Almeida Garrett

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 3.ª edição, no prelo.
Sonetos (1916) — 5.ª edição, no prelo.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 2.ª edição, ampliada.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 5.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 5.ª edição.
Êles e Elas (1918) — 3.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 5.ª edição.
Como elas amam (1920) — 3.ª edição.
Abelhas doiradas (1920) — 2.ª edição.
Os galos de Apollo (1921).
Arte de amar (1922) — 2.ª edição, no prelo.
As Grandes Batalhas — No prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição.
Crucificados (1902) — 2.ª edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 25.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Larangeiras (1904) — 4.ª edição, no prelo.
Rei Lear (1906) — 2.ª edição, no prelo.
Rosas de todo o ano (1907) — 9.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 5.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) — 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 5.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 3.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914) — 3.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 3.ª edição, no prelo.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920).
Romeu e Julieta — No prelo.

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

Don Ramon de Capichuela

3.ª EDIÇÃO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

FIGURAS DO SAINETE

DON RAMON DE CAPICHUELA..........	*Chaby Pinheiro*
ROSAL.................................... ...	*Jesuina Saraiva*

ESPANHA. -- SÉCULO XVII.

Nota : — Quando esta peça foi incluida no repertório do Teatro Nacional Almeida Garrett, desempenharam os papeis de *Rosal* e de *D. Ramon* os artistas societários Maria Pia e Joaquim Costa.

DON RAMON DE CAPICHUELA

Interior castelhano do século XVII.—Janela de rótulas à E. baixa: craveiros sôbre o peitoril; poiais de tijolo.—Porta praticável ao F.—Mobiliário característico: à D., oratório; à E. alta, uma arca espanhola, sôbre a qual se vêem dois copos e uma garrafa de Xerez; mêsa holandêsa, pequena, ao meio, com tinteiro, pluma de pato, papel e uma escudela de estanho cheia de cerejas; sôbre um escabelo, um pandeiro; sôbre outro, uma almofada; sôbre o banco de resar, uma viola.—Dia de sol.

ROSAL, *cigana, muito viva, saia de veludo, chapins altos de madeira doirada, garavim de pérolas nos cabelos, comendo cerejas, cantando e dançando pela casa*

«Io soy, tiri ti ti tina,
Flor de la jacarandina...»

vai à janela, abre as rótulas, debruça-se e chama:

Mari Zarpa!

falando para a vizinha defronte:

Bien venida!
Está lá o teu fanfarrão?
Que lindos cravos, querida!
Que madrugada florida!

como respondendo ao que a vizinha lhe pergunta:

O meu? O meu também não.

sentando-se no poial superior.

Corri hoje sete igrejas.
Passou um frade por mim
E disse: «bemdita sejas!
Olhos mais lindos não vi!»

rindo:

O que é que eu como?

levantando-se e mostrando:

Cerejas.
De que é que eu rio? De ti.

escutando:

O meu homem? Inda estranhas!
Com os amigos, talvez,

Contando as suas façanhas
E apregoando às Espanhas
As mortes que nunca fêz.
Como o teu. Todo bravura,
Capa ao vento, crista erguida,
Aquela má catadura, —
E nunca vi criatura
Mais medrosa nesta vida!

fomando scena e imitando lhe as atitudes:

Êle é espada de Toledo,
Manoplas, gibão de pele,
Imagina — que arremêdo! —
Que mata todos de mêdo
E todos se riem dêle!

apurando o ouvido:

Quê?

rindo:

Ah, ah! — O teu também?
Um Velasquez! Valentia,
Bigodes... Parece alguém!

repetindo, entre risos, o que lhe diz a vizinha:

Quizeram bater-lhe um dia?
E êle gritou pela mãe?

Ah, ah, ah! Tal qual o meu,
Que não há maior poltrão!
Mari Zarpa, digo-te eu
Que tanto o meu como o teu
Precisam duma lição.

vivamente:

Tens uma idea?

com interêsse, escutando:

E depois?
Não há ciumentos eguais —
Ou não fôssem espanhóis!

quási a dançar de alegria:

Metê-los à bulha os dois?
Para ver qual foge mais!
Em vindo o meu, como um galo,
Pluma vermelha, voz forte,
Digo que o teu me faz côrte
E que tem de desafiá-lo
Para um duelo de morte!
E tu, que o meu te viu nua
E te chamou «minha bela...»

rindo muito:

Os dois — que partida a tua! —
Fugindo um do outro na rua,

E nós a ver da janela!
A comédia que há de ser!
Juro às pulgas que me comem
E às que inda me hão de comer,
Que p'ra arreliar um homem
Não há como uma mulher!

debruçando-se e olhando:

Ai, Jesus! Boa vai ela!
Lá vem o meu. Junto à ermida...
Ali!

rindo:

Que figura aquela!

a DON RAMON, *que vai passando na rua:*

Don Ramon de Capichuela!
Sobe, sobe, minha vida!

baixo, à vizinha:

Como vem mal assombrado!
Jogou e perdeu dinheiro.

correndo a abrir a porta do F.:

Sobe, sobe, meu cuidado!

voltando à janela, à vizinha:

Em vindo o teu — combinado? —
Dás sinal com o pandeiro!

RAMON, *tipo truculento de fanfarrão espanhol, coura, grande feltro d'abalrcar, calças de pano vermelho de Flandres, capa rôta, espada enorme de tijela, entrando pelo F.*

Rosal!

ROSAL

Estou amuada.
Se viram tamanha afronta!
Sempre p'ra aqui desprezada!

RAMON, *com solenidade cómica, desembainhando a espada e estendendo-a a* ROSAL

Vê se me limpas a espada,
Que traz aí sangue na ponta!

ROSAL

Deus do céu! Mas que foi isto?
Um duelo?

RAMON

Não te amofines.

ROSAL, *perdida de riso, tapando a cara*

Jesus!

RAMON, *grandioso*

Fui eu que, pl'o visto,
Mandei de presente a Cristo
Uns dois ou três malandrines!

ROSAL

Mas porquê?

RAMON

Por quási nada.

contando pelos dedos:

Quatro mulatos, um preto,
Dois fidalgos d'embaixada, —
Ficou-me tudo na espada
Como perdizes no espêto!

ROSAL

Duma estocada só?

RAMON, *pondo a espada sôbre a mêsa*

Sim;
Que eu estava com muita pressa.

ROSAL

E porque os mataste assim?

RAMON

Passaram por pé de mim
Com o chapéu na cabeça!

ROSAL, *pegando na espada*

Todos sete?

RAMON

Sim. Por grosso.

ROSAL

Mas disseste dois ou três.

RAMON

Não contei bem, no alvorôço.

solene, apontando o oratório:

Reza aí um padre nosso
Por alma de todos dez.

ROSAL, *maliciosa, passando a lâmina da espada no manto de* DON RAMON

Não estará a conta errada?

RAMON

Talvez ainda falte um.
Dez mortos duma estocada!

ROSAL

Toma lá a tua espada,
Que não tem sangue nenhum.

RAMON, *sem se desconcertar*

Não tem sangue?

ROSAL

Vê o manto.

RAMON

Quê?

ROSAL

Deixa que me remangue.

Arregaça a manga da camisa, passa sôbre o linho branco a lâmina da espada e mostra a DON RAMON

RAMON, *embainhando a espada*

O pavor dêles foi tanto,
Que ao morrerem — forte espanto! —
Não tinham pinga de sangue!

Ouve-se, fora, um pandeiro.

ROSAL

Ah!

RAMON

Que é?

ROSAL, *disfarçando*

É um pandeiro.

RAMON

Que tem?

ROSAL, *àparte*

Chegou o vizinho.

RAMON

Hein?

ROSAL, *num sorriso, aproximando-se da janela*

Nada, dom cavaleiro.

RAMON, *seguindo-lhe os movimentos*

Que estás vendo?

ROSAL

O meu craveiro.

colhe um cravo vermelho:

Queres um cravo?

RAMON

Quero vinho.

ROSAL *vai buscar a garrafa de Xerez e os copos.*

Depois de ter despachado
Tantas vidas, minha bela,
Vou refrescar a guela
Com êste Xerez doirado.

vendo ROSAL, *diante da janela, a dançar e a fazer sinais à vizinha:*

Que é lá isso, na janela?

ROSAL, *disfarçando*

Nada.

RAMON

Êsses passos de dança?

ROSAL

Eu?

RAMON

Dançaste, que eu bem vi.

ROSAL

Não gosto da vizinhança;
Quero mudar-me daqui.

RAMON, *bebendo, voluptuosamente*

Para onde? Para França?

ROSAL

Para onde houver menos gente.

RAMON

Eu, cá por mim, não me mudo.

ROSAL, *sentando-se-lhe nos joelhos*

Já que Deus foi imprudente
Em dar-me um homem valente,
Prefiro contar-te tudo.

mete-lhe uma cereja na bôca:

A minha honra corre p'rigo.

RAMON

Quê?

ROSAL

É isto que te digo.

RAMON, *sumptuoso*

Mas quem tenta contra ela,
Sabendo que é teu amigo
Don Ramon de Capichuela?

ROSAL, *muito natural*

O vizinho ali defronte.

RAMON

Gil Parrado?

ROSAL

Êsse vilão.

levanta-se do colo de RAMON:

Tu, que és um homem de brio,
Vais mandar-lhe um desafio
E matá-lo como um cão!

RAMON

Eu? Desafiar Gil Parrado?

depois dum momento, com banomia cómica:

Que te fêz êle, coitado?

ROSAL

O quê? Coitada de mim,
Que tôda a gente repara!
Se torna a olhar-me assim,
Arremango do chapim,
Dou-lhe com êle na cara.
Sempre a olhar, a arremeter!
Eu quero lá que me tomem
Por alguma má mulher!

RAMON, *muito pacífico*

Ora, coitado do homem!
É que gosta de te ver.

ROSAL

Êle tanto tem espreitado,
E mirado, e namorado,
Que me viu calçar as meias!

imitando-lhe a voz:

«Lindas pernas, meu cuidado...»

RAMON

É um homem delicado.
Outro fôsse êle, coitado,
Que as tivesse achado feias.

ROSAL

E não bastou vêr-me nua;
Inda fêz outra façanha:
Ontem, beijou-me na rua!

RAMON, *num ímpeto de ciúme*

Beijou-te?

dominando-se, num grande gesto:

Por vida tua,
Que inda há cortesia em Espanha!

ROSAL

Hás de matá-lo. Insolente!
Hás de o matar, como um cão!

RAMON, *com naturalidade*

Ó mulher, tu estás demente!
Então eu mato lá gente
Assim do pé para a mão!

ROSAL

Era o primeiro, talvez?
Tens mêdo de matar um,
E inda hoje mataste dez?

RAMON, *emendando*

Não foram dez, foram três.

ROSAL

Talvez nem fôsse nenhum!

RAMON

Bom. Acabe-se a contenda.
Matei três, — mas não mato êsse.

ROSAL

Ó homem! Deus me defenda!

RAMON, *cheio de razão*

Eu não mato de encomenda,
Mato, — quando me apetece.

ROSAL

Fura-lhe só o chapeu!

gesto negativo de RAMON:

Não o mates, Deus do céu!
Mas manda-o desafiar.

Não. Nessa não caio eu...

àparte:

Que êle é capaz de aceitar.

ROSAL, *gritando e fingindo que chora*

E a minha honra, que é dela?
Então eu fico na lama?
O que é que o mundo me chama?

RAMON

Êle comeu-te a panela?
Ou foi dar contigo à cama?

recostando-se, com bonomia:

Então, deixa-o à vontade.

bebendo:

Depois das mortes que fiz,
Resolvi, por caridade,
Dar tréguas à humanidade,
Deixá-la viver feliz.
Tomei êsse compromisso
Nas barbas de Belzebú.

Por conseguinte, meu viço,
Se tens muito gôsto nisso,
Olha, — desafia-o tu.

ROSAL, *furiosa*

Pois desafio!

RAMON, *zangarreando na viola*

Moda nova!

ROSAL

E chamo-lhe, em carta, tudo!
Tudo!

senta-se para escrever:

Vais ver.

RAMON, *sem se perturbar*

Meu veludo,
Se êle te der uma sova,
Eu, cá por mim, não te acudo.

ROSAL

Pois és tu que hás de assinar.

RAMON

Eu?

ROSAL, *repetindo as palavras que vai escrevendo*

«Biltre, infame, torpeza...»

RAMON, *interrompendo*

Lá isso, mais de vagar!
Que eu não costumo insultar
Senão com delicadeza!

pausa:

Ora põe lá:

ditando, com grande ar:

«Meu senhor».

ROSAL

Pois tu dás-lhe senhoria?

RAMON, *dobrando o papel*

Vê a margem que hás de pôr.

ROSAL

A margem ainda maior?

RAMON

Para maior cortesia.

continuando a ditar:

«Meu senhor Dom Gil Parrado...»

ROSAL

Dom?

RAMON

Sim,—que pode o homem tê-lo.

ROSAL, *continuando a escrever por sua conta*

«... por esta sois desafiado...»

RAMON

Não. Põe antes: «convidado».

ROSAL

Convidado para um duelo?

RAMON

È muito mais delicado.
Quando apanho um inimigo,
Trato-o melhor do que ao rei.
Té hoje — com honra o digo —
Está satisfeita comigo
Tôda a gente que eu matei!
— Põe lá:

ditando:

«Convidado» ...

Interrompendo-se e reflectindo:

Nada.

«Convidado ...»

coçando a cabeça, sem encontrar redacção:

Má vai ela.

ROSAL, *lendo, com ênfase, a carta que já escreveu por sua conta*

« ... a subir a minha escada,
A medir-me com a guela
O comprimento da espada,
E a sair pela janela.
Tantos de tal, assinada,
Don Ramon de Capichuela.»

RAMON, *aflito*

Não ponhas isso, malvada,
Que o homem vem por aí!

ROSAL, *dobrando a carta e levantando-se*

Pronto.

RAMON

Rosal!

ROSAL

Já escrevi.
E vai já ao seu destino.

RAMON, *ameaçando-a*

Dá-me a carta.

ROSAL, *fazendo-lhe negaças com o papel*

Está aqui.

RAMON

Não me importa. Não a assino.

ROSAL

Eu já a assinei por ti!

RAMON, *furioso, correndo para ela*

Tu?

ROSAL, *fugindo-lhe, a rir, à voltz da mêsa*

Surriada!

RAMON

Ó cadela!

ROSAL, *correndo, defendendo-se com os escabelos, e gritando para fora, as passar diante da janela de rôtulas*

Mari Zarpa! Abre a janela!

DON RAMON *persegue-a;* ROSAL *atira-lhe a escudela das cerejas.*

RAMON

Queres matar-me, danada?

querendo tirar-lhe a carta:

Dá cá, mulher dum judeu!

ROSAL, *atirando uma almofada a* DON RAMON, *para se defender, e gritando para fora*

Mari Zarpa!

RAMON

Ó excomungada!

ROSAL, *falando à janela, para fora*

É um desafio à espada!

atirando a carta:

Manda o meu homem ao teu!

RAMON, *correndo à janela, a gritar*

Mentira!

ROSAL, *para a vizinha*

Deixa falar!

a DON RAMON, *que recua:*

Poltrão! Covarde! Arremêdo!

RAMON, *caindo um pouco em si*

Não é por mim, juro ao Credo!
É que, se o estás a assustar,
O homem morre de mêdo
Mesmo antes de eu o matar!

ROSAL, *perdida de riso, invectivando-o*

Que é dela tanta façanha?

RAMON, *medroso, mas querendo manter a linha*

Dou-lhe dois palmos de ferro!

àparte, agarrando o chapéu:

Em casa é que não me apanha!

ROSAL, *mão na ilharga, ao vê-lo encaminhar-se para o F.*

Tu foges, glória de Espanha?

RAMON, *indeciso*

Eu?

saíndo, num grande gesto:

Antes que o homem venha,
Vou encomendar-lhe o entêrro!

ROSAL, *quando* DON RAMON *sái, correndo á janela e gritando para fora*

Mari Zarpa! Mari Suja!
Dize ao teu homem que fuja,
Que o meu homem já lá vai!

debruçada, olhando o que se passa na rua:

É Gil Parrado que sái!
Dão de cara! — Aí, agora!

VOZES, *fora, distinguindo-se em meio do borborinho*

Aqui do alcaide! — Deixai!

ROSAL, *entusiasmada, pandeiro na mão, gritando*

Eh, poltrões! Espadas fora!

VOZ DE RAMON, *fora*

Aqui d'el-rei!

ROSAL

Chama o pai!
Ah, capados de Toledo!
Fogem um do outro com mêdo!

VOZ DE RAMON, *cheia de aflição*

Á do alcaide!

VOZES

Aqui d'el-rei!

ROSAL, *batendo as palmas*

Que passo p'rá vizinhança!

RAMON, *entrando pelo F., espada fora, sem chapéu, os cabelos em pé*

Á do alcaide! Aqui d'elrei!

ROSAL, *emquanto* DON RAMON *se esconde atraz da mêsa, de cócoras*

Valentões! Queriam dança?
Pois foi a nossa vingança!

cantando e dançando ao som do pandeiro:

«Io soy, tiri ti ti tina,
Flor de la jacarandina...»

RAMON, *levantando-se a pouco e pouco, espreitando, cheio de mêdo, a ver se alguem entra a persegui-lo, e recobrando o seu ar grandioso de farfarrão*

Vai lá vêr se eu o matei!

Risos fora. ROSAL *dança. O pano cái.*

FIM

JVLIO DANTAS
O REPOSTEIRO VERDE.....
COMPANHIA EDITORA PORTVGAL-BRASIL

O REPOSTEIRO VERDE

Peça em 4 actos, em prosa, representada
pela primeira vez, em Lisboa, no Teatro Nacional Almeida Garrett,
em 5 de Dezembro de 1912,
e em Madrid, no Teatro de la Princesa, em 14 de Maio de 1915.

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 3.ª edição.
Sonetos (1916) — 5.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 3.ª edição.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 3.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 5.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) – 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 5.ª edição.
Êles e Elas (1918) — 4.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 5.ª edição.
Como elas amam (1920) – 3.ª edição.
Abelhas doiradas (1920) – 2.ª edição.
Os galos de Apollo (1921)—2.ª edição.
Arte de amar (1922) – 2.ª edição.
O heroísmo, a elegância, o amor (1923).
As Grandes Batalhas – No prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) – 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) – 2.ª edição.
A Severa (1901) – 4.ª edição.
Crucificados (1902) – 2.ª edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) – 26.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) – 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) – 3.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) – 4.ª edição.
Rei Lear (1906) – 2.ª edição.
Rosas de todo o ano (1907) – 10.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) – 5.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) – 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) – 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) – 5.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) – 3.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) – 3.ª edição.
1023 (1914) – 3.ª edição.
Sóror Mariana (1915) – 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) – 3.ª edição.
D. João Tenório (1920) – 2.ª edição.
A Castro (1920).

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira

O reposteiro verde

PEÇA EM QUATRO ACTOS

3.a EDIÇÃO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
COMPANHIA EDITORA
58 - RUA GARRETT - 60

NOTA DA 3.ª EDIÇÃO

A peça original do sr. dr. Júlio Dantas, O Reposteiro Verde, *subiu à scena pela primeira vez, em 5 de Dezembro de 1912, no Teatro Nacional Almeida Garrett; representada com grande sucesso em Madrid, depois em tôda a Espanha e Américas espanholas, mais tarde na Itália e na Grécia, faz hoje parte do reportório dalgumas actrizes célebres; convertida em cine-drama por uma poderosa empreza cinematográfica estrangeira, a* Royal Films, *tem sido projectada em quási todos os* écrans *da Europa e da América.*

A primeira representação do Reposteiro Verde *em Espanha, na versão do sr. D. Inácio de Ribera y Rovira e com o título de* La Cortina Verde, *realisou-se no «Teatro de la Princesa» de Madrid, pela companhia da notabilíssima actriz sr.ª Margarita Xirgu, na noite de 14 de Maio de 1915. Interpretaram os principais papeis os artistas sr.ª Margarita Xirgu* (Marta), *sr.ª Célia Ortiz* (Lolote), *sr. Ricardo Puga*

(Alexandre Botelho), *sr. José Rivero* (D. Miguel de Noronha), *sr. Francisco Barraycoa* (Chico Monfalim), *sr. Pedro Calré* (Barradas) *Foi tão considerável o êxito obtido que, quási simultaneamente (8 de Junho), outro teatro de Madrid, o «Teatro Eslava», fez representar a mesma peça na versão de D. Izequiel Endériz e com o título de* La Cortina Roja, *desempenhando os primeiros papeis o director da companhia, sr. Garcia Ortega* (Alexandre Botelho), *o sr. Paris* (D. Miguel de Noronha), *o sr. Mora* (Barradas), *a sr.ª Nestosa* (Marta), *a sr.ª Jimenez* (Lolote). *Transcrevemos algumas opiniões da imprensa de Madrid àcêrca das estreias do «Princesa» e do «Eslava»:* «La *Cortina Verde* tiene méritos evidentes y se apodera de la emoción del público intensamente, en especial desde que media el tercer acto: su éxito fué franco y entusiasta; los espectadores calmaron los nervios aplaudiendo.» *(La Mañana).* «La obra de Julio Dantas es de una emoción extraordinaria,

y durante los cuatro actos en que se desarrolla mantiene vivo el interés del espectador: son estás cualidades que hacen del drama de Dantas una obra modelo en su género.» *(Correspondencia de España)*. «Hay en la obra algo que en vano buscariamos, pongo por caso, en todo el repertorio del Sr. Martinez Sierra — ese Homero de la classe media que moja la pluma en natillas —: accion, nervio, interés, brio passional que denuncian la estirpe romantica del Sr. Dantas, ilustre poeta portugués, bien conocido en España.» *(Heraldo)*. «La obra que se estrenó es una obra de violencia e de interés: indudablemente, el autor portugués es hombre dominador de la técnica, capaz de triunfar siempre ante los públicos y capaz tambien, si se lo propone, de imponer los valores de su temperamento de artista.» *(El Pais)*. «En la *Cortina Verde*, cuatro actos rápidos, descarnados, conjunto de situaciones violentas, el vigoroso temperamento de Julio Dantas consigue cumplidamente

su propósito.» *(España Nueva).* «Obra de admirable simplificación sintética, que és la fuerza mayor para lograr un buen éxito.» (Alejandro Miguis, no *Noticero Universal).* «Enorme interés, técnica teatral perfecta, diálogo suelto y chispeante: es la unica obra de dinero que trae la compañia de la eximia trágica catalana.» *(El Debate).* «El ilustre Dantas possee el mas preciado don en todo buen dramaturgo: el de encadenar la atención del público á su capricho y voluntad.» *(El Liberal).* «No hace todavia un mes se estrenaba en el teatro de la Princesa esta hermosa producción teatral de Julio Dantas, el insigne dramaturgo portugués: anoche, al transplantarse á Eslava, *La Cortina Verde,* que asi fué titulada anteriormente, tornose en *roja;* pero la bella é interesante obra de Dantas triunfó en el tablado democrático, como antes triunfaba en el aristocrático.» (Alejandro de Quirós, em *El Pais).* «Al ser repuesta en el cartel de Eslava, la obra de Julio Dantas obtuvo

tan merecido y extraordinario éxito como en la Princesa.» *(A. B. C.). Desde então, o* Reposteiro Verde *tem sido incessantemente representado nos teatros de Espanha e da América, e ainda recentemente (1922), incluído no repertório da notável actriz Blanca Podestá, deu uma série de sessenta récitas consecutivas no Teatro Marconi, de Buenos Aires.*

A versão italiana é de Giulio di Medici; na versão grega, do sr. Nearchos, o Reposteiro Verde *teve como interprete a eminente trágica grega Kotolondi.*

Foi esta peça a primeira, e, até agora, a única obra dramática portuguesa cinematografada no estrangeiro. Executou a película do Reposteiro Verde *a grande manufactura espanhola* Royal-Films, *sob a direcção do sr. D. Ricardo Baños, encarregando-se da interpretação cinematográfica alguns dos melhores artistas de Barcelona na «arte do silêncio»: sr.ª Maria Rovira* (Marta), *sr.ª Preciosilla* (Lolote), *sr. Francisco Sanchis* (Alexandre Botelho), *sr. Juan*

Delor (D. Miguel de Noronha), *sr. Francisco Aguiló* (Barradas). *Depois de espalhado pelos* écrans *da Europa, o* film *da peça do sr. dr. Júlio Dantas foi também adquirido para Lisboa, onde foi projectado pela primeira vez, no Coliseu dos Recreios, na noite de 6 de Setembro de 1917.*

Os Editores.

FIGURAS

Alexandre Botelho............	INÁCIO PEIXOTO
D. Miguel de Noronha........	CARLOS SANTOS
Chico Monfalim...............	JOAQUIM COSTA
António Barradas.............	AUGUSTO DE MELO
João Rendufe..................	LUÍS PINTO
Sir John Barrow...............	ANTÓNIO PINHEIRO
O chasseur......................	FRANCISCO GALACHE
Um criado.......................	AUGUSTO SAMPAIO
Outro criado....................	EDMUNDO MOTILLI
Marta.............................	AUGUSTA CORDEIRO
Lolote.............................	MARIA PIA
A Viscondessa..................	LUCINDA DO CARMO
Mimi...............................	JESUÍNA MOTILLI
1.ª criada.......................	BEATRIZ DE ALMEIDA
2.ª criada.......................	CARLOTA SANDE
Outra criada....................	JUSTINA DE MAGALHÃES

Os três primeiros actos passam-se em Lisboa; o quarto em Nice. — Actualidade.

PRIMEIRO ACTO

Sala de fumar. Maple. Elegância. Lacas brancas. Luzes. — Ao F. E., em canto, arco dando para a casa de jantar iluminada: cristais, pratas, Aubussons. Ao F. D., porta de entrada: corredor. Á E. baixa, porta para os aposentos interiores: reposteiro espêsso de veludo verde. Á D. alta e baixa, janelas praticaveis. — No F. D., couch-corner: livros, almofadas. Á D., um Bechstein. Á E., tremó Luís XVI, branco e ouro: cofre de prata; relogio de bronze doirado. Sofá Maple, de veludo; cadeiras Maple; mesa pequena, lacada de branco; porcelanas; uma gouache de Boucher; faianças, — Wegwood, Delft, Japão. — Luz eléctrica: lustre de cristal; lâmpadas vermelhas aos lados do tremó; interrutores de porcelana nas portas do F. D. e da E. B.

Fim de jantar. Tinir de pratas e de vidros. Mulheres decotadas. Homens de casaca. — Risos. Passam criados.

MONFALIM, *atravessando a scena e vindo cair num sofá, a rir às gargalhadas, o guardanapo entalado no colete*

Ah, ah, ah! — Ah, ah, ah!

ALEXANDRE, *da sala de jantar, entre risos*

Oh, Chico!

MIMI, *perseguindo* MONFALIM

Mas de que é que tu ris? Hás de dizer-me de que é que tu ris.

MONFALIM

Eu... *(Perdido de riso)* Pff! *(Apontando* ALEXANDRE BOTELHO, *que vem com* LOLOTE) Olha, o Alexandre é que sabe.

LOLOTE

Mas que foi? De que é que vocês riem? *(A um* CRIADO) Sirva o café. *(Entram* BARRADAS *e* RENDUFE).

ALEXANDRE

Eu é que sei? Eu não sei nada. — Quem sabe é o Barradas.

LOLOTE, *a* BARRADAS

Você sabe? Então diga lá.

BARRADAS, *rindo*

Mas, minha senhora... *(A* RENDUFE, *que se senta no couch-corner, a folhear revistas)* Ó Rendufe. Diga lá você porque é que o Chico ri.

RENDUFE, *aborrecido*

Ri porque tem vontade.

MIMI, *a* MONFALIM

Hás de dizer. São coisas de mulheres. Eu não quero que tu rias por coisas de mulheres.

ALEXANDRE

De que se hão de rir os homens, minha senhora!

MONFALIM

Querem saber de que eu rio? *(Rindo, nervosamente)* Pff!

LOLOTE, *servindo o café*

É do Champanhe. Deixa-os lá.

MIM

Tu logo dizes. *(a* LOLOTE) Êle logo diz tudo quanto eu quizer...

ALEXANDRE, *dando uma chícara a* MIMI

Vá lá. Digo-lhe eu o que foi. *(Servindo-a)* Mais açúcar? — Foi uma aventura do Barra-

das com uma inglêsa, em Londres. O Barradas, na Inglaterra, é "*un monsieur qui travaille dans les femmes du monde*". — É o terror de Hyde-Park.

MONFALIM

Êle e o Soveral.

BARRADAS

Enganas-te, meu velho. *(Olhando intencionalmente* LOLOTE, *que lhe serve o café)* As portuguesas é que me teem feito cabelos brancos.

LOLOTE, *apontando-lhe a calva*

Que calúnia! — Cabelos brancos, a você?

MIMI

Mas que fez o Barradas à inglêsa?

ALEXANDRE

Ou o que fez a inglesa ao Barradas. Isso é que eu não posso dizer. São coisas que uma senhora só ouve com a luz apagada. *(Ao* CRIADO *que serve os licores)* Cognac.

MONFALIM

Eu prefiro dizer-lhas com a luz acesa.

MIMI

Tolo.

LOLOTE, *servindo o café a* RENDUFE, *que lhe segue os movimentos, e finge lêr, enterrado agora numa cadeira Maple*

Você está muito calado, Rendufe.

RENDUFE

Estou a pensar em si.

LOLOTE

Perde o seu tempo. *(Servindo-o de açúcar)* Sabe o que lhe aconselho?

RENDUFE

Que me suicide?

LOLOTE, *afastando-se*

Que se case.

RENDUFE

É pior.

ALEXANDRE, *servindo cognac a* BARRADAS

É um cognac excelente. — Você há de concordar, Barradas, que se janta melhor em casa

da minha amante do que em casa da minha mulher.

BARRADAS

Um *demi-monde* agradável. *(Acendendo um charuto)* Mas eu prefiro jantar lá.

ALEXANDRE

Porquê?

BARRADAS

Por causa da mestra alemã.

ALEXANDRE, *rindo*

Fraülein?

BARRADAS

Que desoito anos! Que cabelos, — que mãos! Que mocidade!

ALEXANDRE, *bebendo, as mãos trémulas*

Made in Germany. — Sabe você? Também já vou gostando de raparigas novas. — Estamos velhos, Barradas.

LOLOTE, *passando junto de* ALEXANDRE

Não bebas mais cognac.

ALEXANDRE

Tens uns lindos ombros. *(Beijando-a)* Eu não faço ceremónia com os meus amigos.

LOLOTE

Faz-te mal. — Como essas mãos tremem!

MIMI, *a* MONFALIM

Tu devias dar-me um colar de pérolas, como tem a Lolote. — Ó Lolote! O Chico diz que me dá um colar de pérolas como o teu.

MONFALIM, *muito depressa*

Não disse tal. — Então eu disse isso?

LOLOTE

Porquê? Não é muito caro. Êste, comprei-o em Paris, no Juclier. *(a* ALEXANDRE) Seis mil francos, não foi?

ALEXANDRE

Seis mil francos.

MIMI

Vês? Não é nada, seis mil francos.

MONFALIM

Não. Seis mil francos não é nada. — Tu imaginas que eu sou o Alexandre!

LOLOTE

Tens um lindo vestido.

MIMI

É do ano passado. Desde que estou com o Chico é tudo do ano passado.

MONFALIM

Não admira. Eu também sou do ano passado.

MIMI

Os meus vestidos teem ido tantas vezes a S. Carlos, que já eram capazes de lá ir pelo seu pé.

LOLOTE, *abrindo o cofre de prata que está sôbre o tremó Luis XVI e mostrando outro colar a* MIMI

Estas pérolas é que são boas. Comprou-mas o Alexandre em Londres, no Mappin, Oxford Street.

BARRADAS, *como quem conhece*

Oh! o Mappin!

MIMI, *encantada*

Bonito.

RENDUFE, *lendo, numa ilustração*

"Ao fim de três dias, um morto, a chuva e uma mulher são as três coisas mais desagradáveis do mundo„.

MIMI

Oh!

LOLOTE

E para isso esteve você calado tanto tempo!

RENDUFE

Está aqui escrito, Lolote. É um provérbio chinês.

BARRADAS

Deve ser verdade na China.

ALEXANDRE

Ao fim de três dias, o que é desagradável não é uma mulher, é a falta de uma mulher.

MONFALIM

Mesmo a falta de duas.

MIMI

Quê?

RENDUFE

Vocês estão realmente convencidos de que uma mulher faz falta?

LOLOTE, *a* RENDUFE

Você está pior da sua neurastenia. Sabe o que lhe digo?

RENDUFE

Que me case, bem sei.

LOLOTE

Não. Que se suicide.

RENDUFE, *sombrio*

Talvez aceite o seu conselho.

BARRADAS

Você anda negro, homem. Isso é estômago. O pèssimismo é uma fórma das doenças de estômago.

ALEXANDRE

Intestinos. Você é um intoxicado. Precisa de sair de aqui. — Venha à Suissa comnosco, para o mês que vem.

RENDUFE

Prefiro isolar-me. — E daí, talvez o acompanhe.

BARRADAS

Vocês vão à Suissa?

ALEXANDRE

A Lausanne. Consultar o Combe.

MONFALIM

Não caia nessa. O Combe é uma blague.

BARRADAS

Uma blague, não.

MONFALIM

É uma blague, palavra de honra. Já lá estive.

BARRADAS

No Richemont?

MONFALIM

No Beau-Rivage. Há três anos. Levaram quinze dias a vêr se eu digeria geleia de mirtilos e a mostrarem-me a minha flora intestinal desenhada a lapis de côres. Ia morrendo de fome. — Depois mandaram-me para a montanha, — tomar banhos de sol. Vocês sabem: eu sou um friorento. Ando em Lisboa com peliças, cache-col, flanelas, chaufrettes. Pois tive de pôr-me nú — a Lolote desculpa... — tive de pôr-me nú ao sol frio de Chésières, a mil e quinhentos metros de altitude, um quarto de hora do lado direito, um quarto de hora do lado esquerdo, um quarto de hora de diante, um quarto de hora de trás... Estão a vêr. Constipei-me de todos os lados. E ao fim do segundo banho espirrei tanto, que fui dalí para a cama e ia-me levando o diabo com reumatismo.

ALEXANDRE

O reumatismo também se apanha cá.

MONFALIM

Também se apanha cá, mas muito mais barato. — Eu gastei um dinheirão e ainda sinto esta perna. *(Vendo rir a* MIMI) De que é que tu ris? *(a* ALEXANDRE *e* BARRADAS) Agora também eu digo. De que é que vocês riem?

MIMI

O que é que tu punhas em cima de ti quando tomavas os banhos de sol?

MONFALIM

Ora essa! — Punha um chapéu de palha.

BARRADAS, *rindo*

Aonde?

MONFALIM

Na cabeça. Que pergunta! *(Sentando-se no banco do piano)* É uma blague, homem. O Combe é uma blague.

ALEXANDRE

Pois eu vou consultar a blague. *(A mão treme-lhe, ao segurar o cálice)* Ando apreensivo com êste tremor de mãos. — E tenho sempre as pernas dormentes.

BARRADAS

Deve ser do álcool.

ALEXANDRE

Qual do álcool! Vocês teem a mania do álcool. O álcool nunca fez mal a ninguém. É

artritismo. É nervoso. *(bebendo)* Depois, vou ao dr. Vidhemer. Sabem vocês como o dr. Vidhemer cura os neurasténicos? Dá-lhes a lêr livros sôbre S. Francisco de Assis. — É do que você precisa, Rendufe. Muito S. Francisco de Assis. Descomplicar a vida. *(a* BARRADAS) Cognac?

RENDUFE, *a* ALEXANDRE

Cada vez a complico mais. Dê-me você um cigarro.

ALEXANDRE, *a* RENDUFE

Sabe? Comprei hoje um riquíssimo Delft.

MONFALIM, *vendo a música que está sôbre o Bechstein*

A *Valse Dorée*. Isto cantava-se há dois anos, em Paris.

LOLOTE, *fazendo sinal a uma criada, que passa*

Deve estar velha, a Paulette Darty.

MONFALIM, *cantando, ao piano*

Un jour dans la chambre rose
Tes lèvres ont effleuré ma main;
Tu sais que cette simple chose
Ne fut pas sans lendemain...

MIMI, *a* MONFALIM

Porque é que tu não me levas a Paris?

BARRADAS

Quando eu vim, o último sucesso do Mayol era a *Dernière chanson.* — Conhece a *Dernière chanson,* Lolote?

LOLOTE

Não. *(Baixo, à* CRIADA *que se aproxima)* Tire aquela garrafa de cognac do pé do sr. D. Alexandre.

MIMI, *puxando pela casaca de* MONFALIM, *que continúa a cantar a Valse Dorée*

Dize. Porque é que tu não me levas a Paris?

BARRADAS, *baixo, a* LOLOTE

Sabe, Lolote, que está mais interessante agora do que no meu tempo?

LOLOTE, *secamente*

Com você dá-se exactamente o contrário. Está mais ridículo agora do que há dez anos.

BARRADAS

Não lhe ficou, ao menos, uma boa recordação do passado?

LOLOTE, *afastando-se*

Eu não tenho passado, meu amigo.

MIMI, *a* MONFALIM, *quási a chorar*

Dize, anda. Porque é que tu não me levas a Paris?

ALEXANDRE, *a* MONFALIM, *que não deixa de cantar*

Que diabo! Porque não leva você a Mimi a Paris?

LOLOTE

É verdade. Porque não leva você a Mimi a Paris?

BARRADAS, *numa scie*

Realmente, é uma ideia. Porque não leva você a Mimi a Paris?

MONFALIM, *suspendendo a valsa e voltando-se muito depressa no banco do piano*

Eu não levo a Mimi a Paris, — porque não tenho dinheiro. *(Continuando a cantar)*

...Ce fut du plus charmant poème
La prémière page dorée...

CRIADO, *entrando pelo F. D. e anunciando*

O sr. D. Miguel de Noronha.

LOLOTE

Quem?

CRIADO

O sr. D. Miguel de Noronha.

BARRADAS

Oh! Que malandro!

ALEXANDRE, *ao* CRIADO

Mandou entrar?

CRIADO

Para a sala.

ALEXANDRE

Mande entrar para aqui.

BARRADAS, *a* ALEXANDRE

Você recebe isso?

ALEXANDRE

Tinha-lhe dito vagamente para jantar connosco.

BARRADAS

Mas você não sabe quem êsse tipo é?

ALEXANDRE

Vocês eram amigos.

BARRADA

É um *escroc*, é um *cambrioleur*, é uma criatura a quem não há o direito de estender a mão!

RENDUFE

Não sabia que êle estava cá. Julgava-o em Paris.

D. MIGUEL, *entrando pelo F. D., de casaca, tipo de fim de raça, lembrando na cabeça o Lord Wharton, de Van Dyck, loiro, distincto, sóbrio, uma cicatriz na cara*

Meu caro Alexandre Botelho, perdôe-me ter chegado tarde.

ALEXANDRE, *apertando-lhe a mão*

Você chega sempre a horas.

D. MIGUEL

O secretário da América foi transferido para Pekin, sabe você? Parte àmanhã. -- Prendeu-me para jantar.

ALEXANDRE, *apresentando*

O Miguel de Noronha. — Lolote.

D. MIGUEL, *beijando-lhe a mão*

Minha senhora. — Parece que já nos encontrámos no mesmo hotel.

LOLOTE

Em Monte-Carlo.

D. MIGUEL

Precisamente.

ALEXANDRE, *apresentando ainda*

Já se conhecem. — O Chico Monfalim.

RENDUFE, *apertando-lhe a mão, familiarmente*

Miguel.

D. MIGUEL, *vendo* BARRADAS *e dirigindo-se a êle*

Oh! — Como estás tu? Quando chegaste? (BARRADAS *mete as mãos nas aljibeiras e volta-lhe as costas;* D. MIGUEL *tem um movimento nervoso imperceptível, um sorriso e encolhe os ombros)* Está bem.

ALEXANDRE, *depois de um silêncio de mal estar*

Pois... Não sabia que o secretário da América ia para Pekin. *(Não encontrando que dizer)* É curioso.

MONFALIM, *limpando o suór*

É curioso.

RENDUFE, *ao acaso*

É um rapaz muito distinto, o secretário da América.

D. MIGUEL, *sentando-se e readquirindo a sua serenidade*

E tem uma mulher encantadora. Você conhece? Uma austríaca, com quem êle casou quando esteve segundo secretário em Viena. Passámos um bocado de noite agradável. — E você como está, Alexandre?

LOLOTE, *a* ALEXANDRE

Vê se o teu amigo quer tomar uma chícara de café.

D. MIGUEL

Muito obrigado, minha senhora. — Acabámos de jantar.

ALEXANDRE

Mas fuma um charuto. *(Tira a caixa da mão do* CRIADO *e oferece a* D. MIGUEL) Então, que me diz você àquela "Manon" de ante-ontem?

D. MIGUEL

Detestável, meu amigo. A Boyer, detestável.

LOLOTE

Sabe? Eu não achei que ela tivesse dito mal o *andantino* de entrada e o *raconto*.

RENDUFE, *confirmando*

O *raconto.*

D. MIGUEL

Mas caíu na scêna do Cours-la-Reine. *(Acendendo o charuto na vela que* LOLOTE *lhe apresenta)* Muito obrigado.

ALEXANDRE

Quem viu a Darclé...

MONFALIM, *evocando a partitura e trauteando*

La tua non é la mano che mi toca...

MIMI, *ingènuamente*

Eu gostei. Ela é tão bonita!

D. MIGUEL, *levantando-se*

Vamos a ver o "Werther„, àmanhã. Nunca ouvi o Borgati.

ALEXANDRE

Você vai já?

D. MIGUEL

Queria pedir-lhe uns minutos de atenção, meu caro Alexandre Botelho.

ALEXANDRE

Você manda.

D. MIGUEL

São apenas duas palavras.

ALEXANDRE

No meu escritório, talvez.

D. MIGUEL

Como você quizer. *(Curvando-se, ligeiramente)* Minhas senhoras.

Sai pelo F. E., com ALEXANDRE

MONFALIM, *levantando-se, a* BARRADAS

Oh, Barradas! Mas que foi isso? — Você fez-me suores frios, homem!

BARRADAS

Desculpem esta scena desagradável. — Palavra de honra, se soubesse que o Alexandre me reservava semelhante encontro, não tinha vindo cá.

LOLOTE

Mas que lhe custava ter-lhe estendido a mão?

BARRADAS

Minha querida Lolote, eu costumo escolher as minhas relações.

RENDUFE

Mas vocês davam-se, que diabo!

MONFALIM

Vocês não eram amigos?

BARRADAS

Amigos, não. Conhecidos. — Sentei-o algumas vezes à minha mesa. Emprestei-lhe dinheiro. Tolerei-o, emquanto supuz que êle era apenas uma criatura sem senso moral. Mas não. Isto que vocês aqui viram é um autêntico *escroc*. Pu-lo fóra do meu escritório, em Paris, porque teve a audácia de me procurar para me propôr um negócio de passagem de moeda falsa. Mandei-o pôr fóra da porta, para não o esbofetear. Não me aparaceu mais. Não o tornei a ver senão agora. — Vocês estendiam-lhe a mão? Não estendiam. — Foi o que eu fiz.

RENDUFE

A estas horas está a fazer a mesma proposta ao Alexandre.

MONFALIM

Ou a pedir-lhe dinheiro emprestado.

BARRADAS

É capaz de tudo. — Depois, o que se tem passado com a mulher... — *C'est un sale type*.

LOLOTE

Com a mulher?

RENDUFE

A Lolote não sabe?

LOLOTE

Eu nem sabia que êle era casado.

BARRADAS

Vendeu e jogou a mulher umas poucas de vezes. É um *mangeur de blanc*, um *maquereau*. Em Paris, em Madrid, — hoje à custa de uma, àmanhã à custa de outra. — E o caso é que tem tido belas mulheres, êste tipo.

MIMI

É pena. É um bonito rapaz, não é, Lolote?

RENDUFE

É um tipo fino.

MONFALIM

Fidalgo. — Ainda conheci o pai. Foi nosso ministro em Viena de Áustria. Morreu doido. — Êle já teve dinheiro, êste rapaz.

BARRADAS

Espatifou duas fortunas. A dêle e a da mulher. E espatifou-as estupidamente. Mulheres, jôgo, cavalos, bric-à-brac. — *Un grand seigneur.* — Fazia coisas idiotas. Imaginem vocês. Quando era adido de legação na Rússia — êle foi adido de legação, como tôda a gente... — entrou uma noite no café mais luxuoso de S. Petersburgo, instalou-se, pediu Champanhe, tirou do bolso um revólver e começou a crivar de balas uma figura de mulher núa pintada no *plafond.* Alarme, junta-se gente, veem os criados, e êste tipo, sem se perturbar, mete o revólver na algibeira e pergunta ao maitre-d'hôtel: — "Quantos mil rublos lhe devo, meu amigo?„

MONFALIM, *rindo*

É um tipo pitoresco, palavra de honra!

BARRADAS

Não é pitoresco, — é tolo.

MIMI

E prenderam-no?

BARRADAS

Pagou. — Há cinco anos que está sem vintem.

MONFALIM

E de que vive êle, agora?

BARRADAS

Expedientes, *cambriolage.* — Já o conhecem, em Paris. — Escreve bilhetes a tôda a gente, com a corôa de conde por cima, a pedir cinco francos emprestados. Um tipo dêstes é uma vergonha lá fóra, palavra de honra! — Se o conde de Montesquiou, em vez de lhe retalhar a cara, lhe tem metido um palmo de ferro no peito, estávamos livres dêle a esta hora.

RENDUFE

Mas êsse duelo não foi uma invenção?

BARRADAS

Qual invenção! — Foi há dois anos, em Madrid. Por causa de uma cocotte. — Aquela costura que êle tem na cara é um golpe de sabre. — Tem-se batido quatro ou cinco vezes. E — é curioso! — é a criatura mais covarde que eu conheço.

LOLOTE, *vivamente*

Covarde, não. Um homem que se bate não é covarde.

BARRADAS

Conforme. É uma questão de nervos. Há muito homem valente que é incapaz de se bater em duelo. — Se êle não fôsse um covarde, tinha-me esbofeteado quando eu lhe neguei a mão.

LOLOTE

Quem sabe o que êle fará ainda.

BARRADAS

Não faz nada, minha amiga. Eu conheço-o como os meus dedos.

MONFALIM, *depois de um silêncio*

E a mulher? Com quem está ela agora?

BARRADAS

Está com êle.

RENDUFE

Com o marido? Outra vez?

BARRADAS

Com o marido. Estão juntos, em Lisboa.

RENDUFE

Mas êles estiveram separados.

BARRADAS

Tanta vergonha tem um como o outro. — Você conhece-a?

RENDUFE

A Marta de Noronha? — Muito bem. Desde pequeno.

MONFALIM

Dizem que é uma bela mulher. Eu não a conheço.

BARRADAS

Inteligente, *détraquée*. Essa criatura um dia teve para mim uma frase, que a define. Uma frase que marca a psicologia de uma mulher. — Eu sabia que êles estavam separados. Sabia-o tôda a gente, em Paris. Uma noite, entro no "Café Anglais„, e vejo-os juntos à mesma mesa. Aproximei-me, falei-lhes, — e notei que ela tinha ficado perturbada, nervosa, quando me viu. A meio da conversa, já tinha calçado e descalçado vinte vezes as luvas, voltou-se para mim de repente: — "É capaz de responder a uma pergunta que vou fazer-lhe, senhor António Barradas?„ — "Há sempre maneira de responder a tôdas as perguntas, minha senhora„. — "Que ideia faz de mim?„ — "Uma mulher encantadora, inteligente...„ — "Não é isso. Que ideia faz de mim, vendo-me outra vez ao lado de meu marido?„ — "Penso que v. ex.ª, minha senhora, é infinitamente generosa„. — "Que quer? Eu reconheço que isto é uma criatura moralmente ignóbil, sabe? Mas é interessante, é fidalgo desde as unhas dos pés até às pontas dos cabelos... Tenho por êle uma atracção doentia, muito semelhante à atracção do abismo...„

MONFALIM

Mas ela disse isso na cara do marido?

BARRADAS

Na cara do marido.

RENDUFE

E êle que fez?

BARRADAS

Não fez nada. Ouviu e sorriu.

MONFALIM

É curioso.

MIMI

Ela, então, gosta dêle?

BARRADAS

Não. Qual gosta! — Há lá mulher nenhuma que possa gostar dum tipo assim!

MONFALIM

Pode lá gostar dum homem que a jogou à roleta!

RENDUFE

Um *voyou*, um *escroc*...

LOLOTE

Como vocês se enganam!

BARRADAS

Parece-lhe, Lolote?

LOLOTE

Como vocês conhecem mal as mulheres!

BARRADAS

Acha então que um homem dêstes é capaz de despertar paixões?

LOLOTE

São os únicos que as despertam, meu amigo. — Eu conheço melhor as mulheres do que você...

BARRADAS, *interrompendo, maliciosamente*

Há de permitir-me que duvide.

LOLOTE, *num sorriso amargo*

Porque as conheço através dos homens.

Ouvem-se as vozes de ALEXANDRE *e de* D. MIGUEL.

ALEXANDRE, *entrando pelo F. E., a* D. MIGUEL

Àmanhã, ou depois, ou noutro qualquer dia. Você aparece pelo Grémio, não é verdade? — Eu vou lá tôdas as noites.

D. MIGUEL

Não é pressa.

BARRADAS, *levantando-se*

Estava à sua espera, meu caro Alexandre, para me despedir de si.

ALEXANDRE

Você vai já embora, Barradas?

BARRADAS

São quási onze horas. — Vou ainda ao Avenida Palace, por causa duns negócios de Londres.

ALEXANDRE, *rindo*

Isso não são negócios, — isso é mulher.

BARRADAS

É mulher, — é a Bolsa. *(Beijando a mão de* LOLOTE) Minha querida Lolote.

MIMI

Se dás licença, Lolote, nós vamos também.

LOLOTE, *tocando a campainha eléctrica*

Tomem uma chícara de chá.

MONFALIM, *a* ALEXANDRE

Está-se fazendo tarde. Temos de ir a pé para casa.

BARRADAS

Eu levo-os no meu automóvel.

ALEXANDRE, *ao* CRIADO, *que aparece no F. D.*

Os casacos.

MONFALIM, *a* BARRADAS

Isso incomoda-o, a você. Olhe que é em Buenos-Ayres.

BARRADAS

Não faz mal. É um passeio.

LOLOTE, *à* CRIADA, *que aparece na E. F.*

A écharpe e a capa da sr.ª D. Mimi. *(A* CRIADA *sai pela E. B. e volta com a capa e a écharpe)*.

MIMI

Gosto tanto de andar de automóvel! *(A* BARRADAS) Que carro é o seu?

BARRADAS, *vestindo o casaco que o* CRIADO *lhe traz*

Benz.

MIMI

Benz,—gosto muito! *(A* LOLOTE, *que a ajuda a pôr a capa)* Âmanhã, se fôres a S. Carlos, mandas-me dizer, sim? Achas que êste vestido está ainda bom para S. Carlos?

MONFALIM, *olhando* MIMI, *a* ALEXANDRE, *que lhe veste o pardessus*

É boa rapariga, sabe você? *Pot-au-feu pendant la semaine, roti au dimanche... (A* D. MIGUEL) Prazer em vê-lo.

RENDUFE, *beijando a mão de* LOLOTE

Quer então que me suicide, Lolote?

LOLOTE, *aborrecida*

Quero que me deixe.

ALEXANDRE

Vocês apareçam.

RENDUFE, *apertando a mão a* D. MIGUEL

Miguel.

LOLOTE, *rindo, a* MONFALIM, *que lhe beija a mão*

Não se esqueça de levar a Mimi a Paris!

ALEXANDRE

É verdade, ó Chico, não se esqueça de levar a Mimi a Paris...

MONFALIM

Adeus.

Risos. Cumprimentos. — BARRADAS *não se despede de* D. MIGUEL. — *Sáem* MIMI, BARRADAS, MONFALIM *e* RENDUFE.

LOLOTE, *a* D. MIGUEL, *que fica no sofá Maple da E., a folhear distraídamente uma ilustração de modas*

Interessam-no os jornais de modas?

D. MIGUEL

Ah! — Não via. *(Atirando o jornal)* Estava a folhear sem ver.

ALEXANDRE, *vindo do F. e indo direito à mesa*

Que diabo! Levaram o cognac.

D. MIGUEL, *levantando-se*

Se me dá licença, Alexandre... *(Beijando a mão de* LOLOTE) Minha senhora.

ALEXANDRE

Não se vá já embora. — Quero mostrar-lhe um Delft que comprei hoje. — Você vai daqui para o Grémio, não é verdade?

D. MIGUEL

Talvez.

ALEXANDRE

Eu acompanho-o. Vamos juntos. É só o tempo de vestir um casaco. *(Dirigindo-se ao couch-corner do F. D., abrindo o armário e desarrumando bibelots para tirar o Delft)* Vai ver um Delft magnífico.

D. MIGUEL, *sentando-se, de novo, no sofá Maple*

O passado é uma vertígem, minha senhora. — Há oito anos estava eu aqui, nêste mesmo logar, sentado num sofá como êste.

LOLOTE

Aqui?

D. MIGUEL

Foi para esta casa que eu vim morar quando casei.

LOLOTE

Morou nesta casa?

ALEXANDRE, *falando-lhe do fundo*

Você morou aqui?

D. MIGUEL

Aqui mesmo. Há cinco anos.

ALEXANDRE

Tem graça.

D. MIGUEL, *a* LOLOTE

Era isto, pouco mais ou menos. — A sala de jantar... Aqui uma sala onde se fumava... *(Indicando interrogativamente a E. B.)* Ali...

LOLOTE

O reposteiro verde? Quarto-de-cama e quarto-de-vestir.

D. MIGUEL

Tal qual. — Estou revivendo êsse tempo. *(Olhando* LOLOTE) Simplesmente...

LOLOTE

Simplesmente, não era eu que estava aqui há cinco anos.

ALEXANDRE, *descendo, a* D. MIGUEL

Não sabia que você tinha morado aqui. *(Mostrando-lhe a faiança)* Ora cá está. Veja êste prato armoriado do século XVII. É ou não é uma rica faiança holandêsa?

D. MIGUEL, *voltando o prato*

Não é Delft.

ALEXANDRE

Não é Delft.

D. MIGUEL

Pelo menos, não tem a marca.

ALEXANDRE

Não tem a marca, mas é Delft. Tenho visto muito Delft sem os três sinos.

D. MIGUEL

Parece mais Ruão,—faiança francêsa.

ALEXANDRE

Qual Ruão! Veja êsse vidrado, veja essa côr. — Veja isso, emquanto eu visto o meu casaco. É um Delft riquíssimo.—Dás licença, Lolote? *(Passando junto da mesa onde estão os cálices e as chávenas)* Esta mania de me levarem o cognac...

Sai pelo F. E.

LOLOTE, *abrindo um cofre que está sôbre o piano e tirando uma chave doirada, em movimentos que* D. MIGUEL *segue*

Ouvi há pouco dizer de si o pior que se pode dizer de um homem.

D. MIGUEL, *com um sorriso*

Devéras?

LOLOTE

Tanto mal, que me encheram de curiosidade a seu respeito.

D. MIGUEL

Disseram mal de mim? *Ã la bonne heure!* —Se tivessem dito bem, mandava-lhes pedir explicações.

LOLOTE, *descendo, depois de um silêncio, e aproximando-se dêle*

Sabe o que é isto? *(Gesto de* D. MIGUEL) É a chave da minha casa.

D. MIGUEL, *sem compreender*

A chave da sua casa?

LOLOTE

Sim. A chave da minha casa. *(Entregando-lhe a chave)* Aqui tem.

D. MIGUEL

Mas, minha senhora...

LOLOTE

Espero-o à meia noite.

D. MIGUEL, *com estranhesa*

Aqui?

LOLOTE

Aqui.

D. MIGUEL

Mas isso é uma loucura...

LOLOTE, *indicando a chave, que* D. MIGUEL *conserva na mão*

Duas voltas, de leve. Serve a ambas as portas.

D. MIGUEL

A Lolote está perturbada. Eu não quero abusar de um momento de perturbação...

LOLOTE

La, la. — Teem graça, os seus escrúpulos. É a primeira mulher que tem na sua vida? É a primeira torpeza que faz? *(Outro tom)* Suba de vagar. Escusam os criados de o sentir.

D. MIGUEL

Mas o Alexandre? — É preciso ver o Alexandre...

LOLOTE

O Alexandre recolhe de madrugada. E contam-se as vezes que dorme cá.

D. MIGUEL, *tomando-lhe a mão*

Reflita, Lolote. Reflita a tempo. Isto é uma loucura...

LOLOTE

Venha.

D. MIGUEL, *quási a tocar-lhe os ombros nus*

Eu não devo entrar nesta casa... Eu não devo ter esta chave comigo... — Lolote! Eu sou uma criatura funesta... Eu...

LOLOTE, *rápida, em voz baixa*

O Alexandre.

D. MIGUEL, *a* ALEXANDRE, *mudando de tom e mostrando a faiança*

É Delft. Tem você razão. É um rico Delft.

ALEXANDRE, *de pardessus, calçando tranqùilamente as luvas, emquanto* D. MIGUEL *beija a mão de* LOLOTE

Eu bem lhe dizia. — Vamos até ao Grémio.

Cai o pano.

SEGUNDO ACTO

Quarto de dormir. Império moderno. Rendas. Confôrto, elegância. Ao F., porta de entrada. Ao F. E., em recanto, e na E. B., janelas; brise-bise de renda inglêsa. Á D. B., porta dando para o quarto de banho. — Leito; pequena mesa ao lado, com lâmpada eléctrica; biombo de sêda. Aos pés do leito, sofá; mesa com brochuras francêsas; velador alto, com suporte de lâmpada. — Armário de espelho, com colunas Império e ferragens. — Quando se abre a janela do F., vê-se a luz azulada da Avenida à uma e meia da madrugada.

Está acêsa a lâmpada do velador. Silêncio. MARTA, *em roupão, deitada no sofá, lê. Passados instantes, pousa o livro sôbre a mesa. Toca um botão de campainha eléctrica. — Ouve-se bater à porta do F., com os nós dos dedos.*

MARTA

Entre.

CRIADA

A senhora chamou?

MARTA, *levantando-se*

Chamei.

CRIADA

Quer que sirva o chá?

MARTA

Não. Quero-me deitar. — Acenda a luz no quarto-de-banho.

CRIADA, *indo buscar a camisa de noite e saindo pela D. B.*

Sim, minha senhora.

MARTA, *diante do espelho, tira um laço de veludo e uns ganchos da cabeça. A* CRIADA *volta, leva umas flôres do quarto, abre a cama.* MARTA *sai pela D. B. Ouve-se um automóvel que pára.*

MARTA, *de dentro*

Parou um automóvel?

CRIADA

Parou, sim, minha senhora.

MARTA

Veja se é o sr. D. Miguel.

A CRIADA *abre a janela do F. E.: vê-se passar gente na rua; vozes.*

CRIADA, *fechando a janela*

Não, minha senhora.—É cá para cima, para o primeiro andar.

MARTA, *entrando, dirigindo-se ao leito e começando a despir-se*

Que horas são?

CRIADA, *ajudando-a a descalçar-se*

Uma e meia.

MARTA

Diga ao João que não espere pelo sr. D. Miguel. Que pode deitar-se.

CRIADA

Sim, minha senhora.—A que horas quer a senhora que traga o chocolate àmanhã?

MARTA, *metendo-se na cama*

Olhe. Às dez horas, se o dia estiver bonito. Se não estiver, deixe-nos dormir.—Eu chamarei.

CRIADA

Deixo a luz do quarto-de-banho acêsa?

MARTA, *acendendo a luz da cabeceira*

Não. Pode apagar. *(A* CRIADA *sai a fechar a luz do quarto-de-banho, e volta)* Dê-me daí êsse livro de capa amarela.

CRIADA, *tirando o livro de sôbre a mesa*

Êste, minha senhora?

MARTA

Sim.

CRIADA, *apagando a lâmpada do velador*

Não deseja mais nada?

MARTA, *abrindo o livro, para lêr*

Não. Pode deitar-se.

CRIADA, *saíndo e fechando a porta*

Boa noite, minha senhora.

MARTA

Boa noite.

Lê um momento; atira o livro; fecha a luz. Escuridão. Silêncio.

Abre-se a porta do F.: entra um vulto.

MARTA

És tu?

D. MIGUEL

Sou.

MARTA

Que horas são?

D. MIGUEL

Quási duas.

Silêncio. O vulto negro de D. MIGUEL *desloca-se para a E.*

MARTA

Não te deitas?

D. MIGUEL

Já vou.

Novo silêncio. Imobilidade.

MARTA

Sabes?

D. MIGUEL

Han?

MARTA

O papá mandou dinheiro.

D. MIGUEL

Bem.

MARTA

Tinhas arranjado?

D. MIGUEL

Não.

MARTA, *estranhando os monosílabos*

Que é que tu tens?

D. MIGUEL

Nada.

MARTA

Vem deitar-te.

D. MIGUEL

Já vou. Estou fumando.

MARTA

Não estás tal fumando.

D. MIGUEL

Estou fumando.

MARTA

Não vejo o lume do cigarro. *(O vulto move-se e desce)* Que estás tu a fazer ao pé da janela? *(Abre a luz da cabeceira)*

D. MIGUEL, ***pardessus, gola levantada, pálido, surpreendido pela luz na atitude de quem escuta, junto à janela da E. B.***

Fecha a luz.

MARTA

Que mal te faz a luz?

D. MIGUEL

Fecha a luz. Dói-me a cabeça.

MARTA, ***fechando a luz***

Então, vem deitar-te. Tenho frio.

De novo, escuridão; imobilidade.

D. MIGUEL

Oiço vozes na rua.

MARTA

Gente que passa. — Tiveste alguma coisa que te incomodasse?

D. MIGUEL, *impondo silêncio, em voz abafada*

Escuta.

MARTA, *voz natural*

Que é?

D. MIGUEL

Cala-te. — Não ouviste?

MARTA

O quê?

D. MIGUEL

Mexeram na porta.

MARTA

Qual porta?

D. MIGUEL

Na porta da escada.

MARTA

Não.

D. MIGUEL

Mas eu ouvi. Ouvi distintamente.

MARTA, *sentando-se na cama*

Tu tens alguma coisa. Que é que tu tens?

D. MIGUEL

Nada. Não tenho nada.

MARTA

Tu não falas verdade. — Que é que tu tens? Onde é que tu estiveste?

D. MIGUEL, *querendo simular serenidade*

Já vou deitar-me. — Deixa-me acabar de fumar.

MARTA

Não. — Eu estranho a tua voz. Tu tens alguma coisa que me escondes. *(Ouve-se abrir uma gaveta)* Que estás tu a procurar nas gavetas? *(Ruído de um objecto pesado que cai sôbre o parquet; abre-se de novo a luz da cabeceira;* D. MIGUEL *é surpreendido na atitude de apanhar do chão o revólver;* MARTA *salta da cama)* Miguel! — Para que é que tu queres o revólver? Tu estás doido? — Que é que tu tens?

D. MIGUEL

Cala-te.

MARTA

Dá-me o revólver.

D. MIGUEL, *pousando o revólver sôbre a mesa*

Deixa-me.

MARTA, *olhando-o*

Tu estás desfigurado. *(Progressiva ancieda-de)* Tu tens sangue na cara. — Que foi? *(Afastando-lhe a gola do casaco e vendo-lhe o colarinho rasgado e o peitilho da camisa empastado de sangue)* Tu estás todo cheio de sangue!

D. MIGUEL

Cala-te.

MARTA

Feriram-te? *(Sacudindo-o)* Ouves? — Tu estás ferido?

D. MIGUEL

Não.

MARTA

De que é êste sangue? Porque vens tu cheio de sangue?

D. MIGUEL

Cala-te. *(Vagamente)* Uma hemoptise. — Tive uma hemoptise.

MARTA

Uma hemoptise? — Mas eu vou chamar um médico. *(Caminhando para o leito)* Eu visto um roupão...

D. MIGUEL, *detendo-a*

Não. Tu não sáis de aqui.

MARTA

É preciso um médico. — Acordam-se os criados.

D. MIGUEL, *agarrando-a*

Não. — Tu não chamas ninguém. Tu não acordas ninguém. — Ouviste? Ninguém!

MARTA, *vendo que a mão esquerda de* D. MIGUEL *está ferida*

Mentes! — Não foi uma hemoptise. — Tu estás ferido nesta mão. Tu tens uma facada nesta mão.

D. MIGUEL

Parti um vidro. Ao entrar num trem. *(Despindo o casaco)* Arranja-me água. Água quente. Quero lavar-me.

MARTA, *olhando-o, desconfiada*

Por onde terias tu andado! Que nova canalhice terias tu feito!

D. MIGUEL

Acende o esquentador e tira água.

MARTA, *indo à casa-de-banho e voltando*

Dá-me um fósforo. Não tenho fósforos.

D. MIGUEL

Fala baixo.

MARTA

Falo baixo porquê? De que é que tu tens mêdo?

D. MIGUEL, *procurando nos bolsos das calças*

Sei lá de fósforos!

MARTA, *procurando os fósforos nas algibeiras do casaco, febrilmente, e tirando um lenço de mulher ensanguentado*

Um lenço de rendas? Um lenço de rendas cheio de sangue? *(Prêso a uma luva ensanguentada, vem um colar de pérolas, que cái no chão)* Que é isto?

D. MIGUEL

Chut!

MARTA, *vendo outras jóias*

Jóias?

D. MIGUEL

Cala-te!

MARTA

Quem foi que tu roubaste? Quem foi que tu...? *(Fora de si, as mãos crispadas sôbre as jóias)* Canalha! Canalha!

D. MIGUEL, *querendo tapar-lhe a bôca*

Silêncio!

MARTA, *arredando-o, com repugnância*

Olha que me sujas de sangue! — Mas que é isto? Que significa isto? Que é que tu fizeste? — Tu roubaste estas jóias? Roubaste?

D. MIGUEL, *numa voz apagada*

Roubei.

MARTA, *vivamente*

Aonde? Quando? A quem?

D. MIGUEL

Chut! *(Silêncio; o olhar de* D. MIGUEL *fixa-se, cheio de terror, na janela da E. baixa)* Estão a falar na rua, ao pé da janela.

MARTA, *sugestionada, aproximando-se da janela, a respiração suspensa, escutando*

Oiço vozes. — Estão aqui mesmo.

D. MIGUEL

Não fales.

MARTA

Mas tu tens mêdo? Alguém te viu? Alguém sabe?

D. MIGUEL

Não. Ninguém. Creio que ninguém.

MARTA, *escutando*

Parece que se afastam.

D. MIGUEL

Espreita à janela.

MARTA

Afastam-se. *(Depois de um silêncio)* Afastam-se.

D. MIGUEL, *caíndo sôbre um tamborete*

Afastam-se...

MARTA

É preciso fugir? Dize. É preciso fugir?

D. MIGUEL

Não. Creio que não.

MARTA

Arranja-se tudo. Há dinheiro. Um automóvel...

D. MIGUEL

Não. Fugir é pior.

MARTA, *maquinalmente*

Fugir é pior... *(Numa revolta)* Canalha! — E vivo eu com isto! E vivo eu agarrada a êste lôdo! — Mas dize. Dize. — *(Sacudida)* Como foi? A quem foi? Onde estiveste?

D. MIGUEL

Dá-me água. Sabe-me a bôca a sangue.

MARTA

De quem são estas jóias? A quem roubaste estas jóias?

D. MIGUEL, *prostrado*

Não sei. Não sei. — Não me perguntes nada.

MARTA, *dando-lhe água*

Fala. Dize. — Eu estou aqui. Eu ainda estou aqui. Eu sou tão miserável como tu. *(Molhando um lenço na água do copo e lavando-lhe a mão ensanguentada)* Mas êste sangue é todo teu? — Onde estiveste? Onde foste tu esta noite?

D. MIGUEL

A casa do secretário da América. — Jantei com o secretário da América.

MARTA

E é de lá que tu vens?

D. MIGUEL

Não.

MARTA

Então de onde?

D. MIGUEL

De casa do Alexandre Botelho.

MARTA

Quem é êsse homem?

D. MIGUEL

Tu não conheces.

MARTA

Que foste tu lá fazer?

D. MIGUEL

Tinha-me dito para jantar com êle.

MARTA

Pediste-lhe dinheiro?

D. MIGUEL

Pedi.

MARTA

Negou-to?

D. MIGUEL

Prometeu-me àmanhã, depois, mais tarde.

MARTA

E estas jóias são da mulher?

D. MIGUEL

Não.

MARTA

Então de quem são?

D. MIGUEL

Da amante.

MARTA

Foi a casa da amante que tu foste?

D. MIGUEL

Foi. — Mora na casa em que nós morámos.

MARTA

Nas Chagas?

D. MIGUEL

Nas Chagas.

MARTA

Foi tua amante, também?

D. MIGUEL

Não.

MARTA

Não negues. Dize tudo.

D. MIGUEL

Não foi. — Nunca lhe tinha falado. Conhecia-a de vista. Daqui, — de Monte Carlo. À saída deu-me uma chave. *(Tirando da algibeira a chave doirada)* Esta chave. — Que me esperava à meia noite.

MARTA

A chave de casa?

D. MIGUEL

A chave de casa.

MARTA

E tu foste?

D. MIGUEL

À meia noite. — Fui. *(Silêncio)* Ceámos. Champanhe. Tive-a nos joelhos. Depois come-

çou a despir-se. Tirou os brincos, os anéis, um colar de pérolas. Meteu-os num cofre, sôbre o toucador. Eu seguia-lhe os movimentos. — Que a esperasse um instante, que vinha já. — Desapareceu por detrás de um reposteiro verde. Fiquei só. Uma atracção diabólica. A letra falsa a resgatar em três dias, o cofre aberto... Tirei as pérolas. Veio agarrada outra jóia. Tiniu na pedra... — O reposteiro oscilou. Ela apareceu. Quiz gritar: deitei-lhe as mãos ao pescoço. Quiz gritar mais: tapei-lhe a bôca. Quiz gritar ainda: estava uma faca sôbre a mesa...

MARTA, *recuando*

Horror!

D. MIGUEL, *no gesto de quem fere*

Cravei. Cravei. Cravei.

MARTA, *os olhos fixos em* D. MIGUEL, *recuando ainda, numa voz estrangulada*

Mataste-a?

D. MIGUEL

Matei-a.

MARTA, *olhando-o sempre, numa voz quási inarticulada*

Assassino! Também assassino!

D. MIGUEL, *subindo*

Silêncio!

MARTA

Faltava-te isso. Assassino! *(Fugindo-lhe, num movimento de repugnância)* Não! — Não te chegues para mim! Não te aproximes de mim!

D. MIGUEL

Marta!

MARTA

Suportei-te tudo. Tudo. Os maiores ultrajes, as maiores humilhações, as maiores infâmias. Salpicaste-me com a tua lama, vendeste-me aos teus amigos...

D. MIGUEL, *ameaçando*

Cala-te, que me perdes!

MARTA

Mas sangue, — sangue, não! *(Recuando)* Tira-te! — Fazes-me pavor! Fazes-me asco!

D. MIGUEL

Cala-te. — Ninguém sabe. Ninguém saberá.

MARTA

Não!

D. MIGUEL

Ela está morta. Não tenhas mêdo. — Arrastei-lhe o cadáver para o quarto-de-dormir. Apaguei as luzes. Nenhum criado me viu. Ninguém soube que eu entrei. Ninguém soube que eu saí. — Não ficou lá um único vestígio meu. Um único... *(Suspendendo, numa expressão de angústia horrível, e correndo ao sofá onde deixou a casaca)* Ah!

MARTA, *seguindo-lhe os movimentos, de longe*

Que é?

D. MIGUEL, *procurando, febrilmente, nos bolsos da casaca*

Estou perdido. — A minha carteira! Onde está a minha carteira?

MARTA, *aproximando-se*

A tua carteira?

D. MIGUEL

Não está na casaca. — Vê se a procuras. *(Procurando-a, êle próprio)* Vê no pardessus.

MARTA

Mas tu não pagaste ao cocheiro?

D. MIGUEL

Não. Vim a pé.

MARTA, *buscando, pelas algibeiras, pelo quarto*

Não está no casaco. — Tens a certeza de que a tinhas?

D. MIGUEL

Tenho. — Quando fui do Grémio para lá, tinha-a. — Tive-a na mão. — Tenho a certeza.

MARTA

Não a tiraste da algibeira, lá?

D. MIGUEL

Não. Não sei.

MARTA

Mas lembra-te!

D. MIGUEL

Só se me caíu. — Caíu-me. — Caíu-me com certeza. Quando me curvei para arrastar o cadáver. *(Caíndo no sofá, o olhar imóvel, a face parada)* Deixei lá a carteira. — Perdido. Estou perdido!

MARTA

E agora?

D. MIGUEL, *perplexo*

Não sei. Não sei.

MARTA

Não sabes? *(Energicamente)* Vais buscá-la. Já!

D. MIGUEL

Eu?

MARTA, *ajudando-o a vestir-se*

Veste um casaco. — Tens aí a chave. — Um automóvel. — Não há um momento a perder.

D. MIGUEL, *deixando-se vestir, como um autómato, o olhar vago, balbuciando*

Não posso. Eu não posso voltar àquela casa.

MARTA

Se não vais, — perdes-te e perdes-me. — Depressa. Vais mesmo assim. — Toma um cache-col. *(Põe-lho em volta do pescoço)* Limpa êsse sangue que tens na cara. — Depressa! — São duas horas. Ainda é tempo.

D. MIGUEL, *caíndo sôbre o sofá*

Não tenho fôrça. Não tenho coragem. Não posso.

MARTA

Covarde! *(Correndo ao armário e tirando uma capa)* Covarde! Covarde!

D. MIGUEL, *seguindo-lhe os movimentos*

Marta! — Que é isso? — Que é que tu fazes?

MARTA, *vestindo a capa*

É na casa em que nós morámos?

D. MIGUEL

É.

MARTA, *pondo uma écharpe negra pela cabeça*

No mesmo andar?

D. MIGUEL

Sim.

MARTA

Tens a certeza de que ela está bem morta?

D. MIGUEL

Tenho.

MARTA

Dá-me essa chave. *(Arranca-lha das mãos)* Vou eu!

D. MIGUEL

Tu?

MARTA, *indicando o revólver que ficou sôbre a mesa, junto do sofá*

Eu. — Aí te fica o revólver. — Se eu dentro de uma hora não estiver de volta, — mete uma bala na cabeça. É o que te resta fazer.

Sai pelo F., ràpidamente.

D. MIGUEL, *vendo-a desaparecer, tendo ainda um movimento para a impedir de saír, e caíndo no sofá, num soluço*

Marta! — Covarde, covarde...

Cai o pano.

TERCEIRO ACTO

A mesma scena do primeiro acto. — Sôbre a mesa lacada, os restos de uma ceia. Geleira com Champanhe. Um guardanapo ensanguentado. — Fechada a porta envidraçada que comunica com a sala-de--jantar.

Ao levantar do pano, escuridão completa. Silêncio curto. Ruído sêco de uma cadeira que cai. Silêncio. Novo ruído de uma porcelana que se estilhaça no sobrado. Um silêncio ainda. De repente, abre-se a luz crua do lustre: MARTA *surge à porta, pálida, a écharpe caída sôbre os ombros, uma expressão de intraduzível pavôr, a mão esquerda ainda no comutador eléctrico, a direita defendendo os olhos da intensidade súbita da luz. Mais uma volta ao interrutôr: o lustre apaga-se. Encontra o interrutôr da E. B.: acendem-se as duas lâmpadas vermelhas que ladeiam o alçado do tremó Luís XVI. É uma luz dôce, velada, que espalha pela sala recantos de penumbra.* MARTA *relanceia o olhar: ninguém. Orienta-se; vai direita à mesa; procura, nervosamente; encontra o guardanapo ensanguentado; pega-lhe com repugnância; esconde-o atrás de um móvel. Procura no sofá, no couch-corner, sôbre os tapetes, por tôda a parte. Não encontra a carteira. A face contrai-se-lhe; os movimentos tornam-se progressivamente mais agitados; sente-se-lhe a respiração opressa. A carteira não está ali; deve estar no quarto-de-dormir. O reposteiro verde atrai-a. Vê luz; adivinha luz, lá dentro. A ideia de encontrar o cadáver, aumenta-lhe o pavôr da expressão. Mas é preciso: a mão crispa-se no veludo verde; não tem coragem para afastar o reposteiro. Bate a meia hora*

no relógio de bronze, sôbre o tremó: duas e meia. O tempo vôa. Nova tentativa para entrar no quarto: recúa; não pode. – Nisto, ouvem-se bater portas, fora. – Corre ao interrutôr da E. B.; fecha a luz. Escuridão. As vidraças da sala de jantar iluminam-se vagamente; um clarão movediço palpita, ao fundo; ouvem-se vozes abafadas de mulher. Tem de tomar uma resolução: afasta o reposteiro; o vulto espavorido de MARTA *entra no quarto iluminado; entrevê-se o cadáver, um momento; o reposteiro verde cai, espêssamente. Duas criadas surgem na porta envidraçada do F. E. Uma delas traz na mão uma vela acêsa.*

1.ª CRIADA

Eu não ouvi nada.

2.ª CRIADA

Ouvi eu.

1.ª CRIADA

Vês? — A senhora já se deitou.

2.ª CRIADA

Podera. A estas horas...

1.ª CRIADA

Mas que foi que tu ouviste?

2.ª CRIADA

Ouvi bulha.

1.ª CRIADA

Que bulha?

2.ª CRIADA, *levantando uma cadeira, que está caída diante da porta do F.*

Olha. Foi esta cadeira que caiu.

1.ª CRIADA

Só se foi o senhor que entrou agora.

2.ª CRIADA, *à primeira, que tropeça num tapete*

Chut!

1.ª CRIADA, *vendo no chão a porcelana partida*

E partiram esta jarra.

2.ª CRIADA

Havia de ser êle que entrou.

1.ª CRIADA

Naturalmente, vinha... *(Completa a expressão com o gesto).*

2.ª CRIADA

Ainda agora, pareceu-me ouvir gritar.

1.ª CRIADA

Eu não ouvi nada.

2.ª CRIADA, *pousando a luz sôbre a mesa lacada*

Estiveram ceando.

1.ª CRIADA

É verdade.

2.ª CRIADA, *bebendo o fundo de uma taça*

Olha... Champanhe.

1.ª CRIADA

Duas pessoas.

2.ª CRIADA

Não te chamaram para servir?

1.ª CRIADA

Então, não foi êle que entrou agora.

2.ª CRIADA

Só se saiu.

1.ª CRIADA

Naturalmente, saiu.

2.ª CRIADA, *dirigindo-se à D. B.*

Não fecharam as janelas.

1.ª CRIADA

É melhor não fechar, que faz barulho.

2.ª CRIADA

A senhora estará só?

1.ª CRIADA

Talvez não esteja.

2.ª CRIADA

Perguntamos-lhe se quer alguma coisa?

1.ª CRIADA

E se lá está alguém?

2.ª CRIADA

Não sendo o senhor, quem há de ser?

1.ª CRIADA, *descendo, a escutar, junto do reposteiro*

Ora! — Tomara eu tantas libras...

2.ª CRIADA, *subindo*

Traze a luz.

1.ª CRIADA, *escutando*

Não oiço mexer.

2.ª CRIADA, *descendo, de novo, e aproximando-se da E. B.*

Chut!

1.ª CRIADA

Ouves?

2.ª CRIADA

Escuta.

1.ª CRIADA

Ouves alguma coisa?

2.ª CRIADA

Chut!

1.ª CRIADA

Que é?

2.ª CRIADA

Está acordada.

1.ª CRIADA

Só se o senhor não saiu.

2.ª CRIADA, *escutando ainda*

Parece que anda levantada.

1.ª CRIADA

Pergunta sempre se é precisa alguma coisa.

2.ª CRIADA

Pergunta tu.

1.ª CRIADA

Não me importa.

2.ª CRIADA

Talvez ela não goste.

1.ª CRIADA, *tom natural, chamando, junto do reposteiro verde*

Minha senhora...

2.ª CRIADA

Chut!

1.ª CRIADA, *depois de um silêncio*

Não responde.

2.ª CRIADA

Mas está acordada, com certeza.

1.ª CRIADA, *chamando, de novo*

Minha senhora.

2.ª CRIADA

É que está lá alguém.

1.ª CRIADA

Escuta.

2.ª CRIADA, *depois de um silêncio*

Não responde.

1.ª CRIADA

Precisa de alguma coisa, minha senhora? *(Insistindo)* Minha senhora...

MARTA, *respondendo, de dentro*

Não.

2.ª CRIADA

Chut! — Traze a luz.

1.ª CRIADA, *indo buscar a luz que ficou sôbre a mesa lacada*

Aquilo, não é o senhor que lá está.

2.ª CRIADA, *saíndo pelo F. E.*

Podem fazer a bulha que quizerem. — Eu cá, já não me levanto.

1.ª CRIADA, *desaparecendo por detrás da porta envidraçada, que se fecha*

Nem eu.

O clarão da vela estremece ainda nas vidraças; flutua; desaparece. Escuridão. Vê-se oscilar o reposteiro verde: MARTA *surge, com a carteira nas mãos, a expressão transfigurada; abre a luz das lâmpadas do tremó; examina, febrilmente, a vêr se falta qualquer coisa; compõe a écharpe; vê o relógio; vai sair... — De repente, a porta do F. abre-se: aparece* ALEXANDRE BOTELHO, *o pardessus sôbre o ombro, o chapeu alto para a nuca, trauteando um*

trecho de ópera ; fecha a porta ; dá uma volta ao interrutôr ; a luz do lustre acende-se ; as pernas vacilam-lhe ; resvala sôbre o couch--corner ; o chapeu rola no tapete ; êle continúa a cantarolar.

ALEXANDRE

Parece que não dei a volta à chave. *(Levanta-se ; fecha a porta do F. à chave ; mete a chave na algibeira ; cai de novo sôbre o couch--corner ; atenta em* MARTA, *que, instintivamente, depois do primeiro momento de espanto, quiz escoar-se entre os móveis)* Lolote. Estás a pé? Não te deitaste? Estavas à minha espera? Quem te disse que eu vinha? — Bebi muito cognac, no Grémio. Um cognac detestável. — Quem te disse que eu ficava contigo esta noite? — *(Pausa)* Hein? *(Nova pausa)* A minha mulher não me deixa dormir. Levanta-se de madrugada para ir à missa. Quanto mais amantes tem, mais missas ouve. *(Reparando na figura de* MARTA, *que se imobilisou)* Anda cá. — Que diabo de *toilette* é essa? — Tu ias sair? — Onde é que tu ias? *(Silêncio)* Onde é que tu ias, a esta hora da noite? — Não ouves? *(Levanta-se ; as pernas vacilam-lhe)* Lolote! — Não respondes? *(Dirige-se para* MARTA, *que se conserva de costas)* Por que é que tu não respondes? *(Volta-a, bruscamente, para si)* Lolote! *(Olhando-a)* Ah! — Quem és tu? Onde está a Lolote? *(Quer encaminhar-se para a E. B.)*

MARTA, *detendo-o*

Saiu.

ALEXANDRE

Saiu? — Onde é que ela foi? *(Hesitante, olhando-a)* Mas tu não és a Lolote? — Tu não és a Lolote, com certeza? Eu não estou tão bêbedo, que... *(Agarra-a, para a encarar de perto)* Não és a Lolote. — Então, quem és tu?

MARTA

Silêncio! — Sou uma mulher que te esperava.

ALEXANDRE

És uma mulher que eu não conheço.

MARTA

Cala-te. — É preciso que ninguém nos oiça. A Lolote fugiu. Ouves? Fugiu. — Fugiu agora. Num automóvel.

ALEXANDRE

A Lolote?

MARTA

Fala baixo. É preciso que saibas tudo. — Fugiu com um homem.

ALEXANDRE

A Lolote fugiu?

MARTA

E êsse homem...

ALEXANDRE, *violento*

Quem é êsse homem?

MARTA

É meu marido.

ALEXANDRE

Teu marido? — Mas quem és tu?

MARTA

Uma mulher que quer vingar-se. — Traição por traição. Amante por amante. — *(Aproximando-se, afastando a écharpe, metendo a carteira no seio)* Vê. Sou mais bela ainda. — Aqui me tens.

ALEXANDRE

Mentes! — A Lolote não fugiu. *(Indo precipitar-se para a E. B.)* A Lolote está ali dentro.

MARTA, *cortando-lhe a passagem*

Não. Não está ali ninguém.

ALEXANDRE

Mas eu vejo luz. — Eu vejo luz, ali, por baixo do reposteiro.

MARTA

Se eu te digo que não está ali ninguém!

ALEXANDRE

Então, que luz é aquela?

MARTA, *agarrando-o*

É dos teus olhos. Não há luz nenhuma.

ALEXANDRE

Larga-me. — A Lolote está ali dentro. Eu sei que a Lolote está ali dentro.

MARTA, *lutando*

Não...

ALEXANDRE, *brutal*

Deixa-me, ou estrangulo-te!

MARTA, *soltando-se-lhe das mãos, num último recurso de audácia, e apontando-lhe o reposteiro de veludo verde*

Duvidas? — Vê! — Afasta êsse reposteiro! — Anda. Vê!

ALEXANDRE, *caindo sôbre uma cadeira, abatido, ante a atitude imperiosa de* MARTA

Lolote! *(Reagindo, num clarão de lucidez)* Mas como sabes tu que ela fugiu? — Como

entraste tu nesta casa? — Eu estou entorpecido pelo cognac. Mas não estou bêbedo. *(Precipitando-se para uma campainha eléctrica)* Eu vou gritar!

MARTA

Não!

ALEXANDRE

Chamar os criados!

MARTA

Cala-te!

ALEXANDRE

Saber quem tu és!

MARTA

Cala-te, que me perdes!

ALEXANDRE, *agarrando-a*

Como entraste na minha casa?

MARTA

Larga-me! *(Nervosamente, numa catadupa de palavras)* Eu digo-te quem sou. Eu digo-te tudo. Tudo. — Não chames ninguém. Sou uma mulher casada. Estou perdida se me encontram aqui. — Gritar, para quê? Que mal te

posso eu fazer? Que receio podes tu ter de mim? Estou sòzinha. Estou nas tuas mãos. *(Gesto de* ALEXANDRE*)* Escuta. — Eu digo-te tudo. Dá-me de beber. (ALEXANDRE *bebe)* A bôca escalda-me. — Isto foi uma loucura. Uma grande loucura. — Sabes o que me trouxe aqui? O ciume. A Lolote fugiu com o homem que era a minha vida. — Entendes? Surpreendi-os. Fugiram.

ALEXANDRE, *sentado, bebendo*

Lolote!

MARTA

E eu fiquei. Sabia que tu vinhas. Fiquei. — Para me vingar. Ouves? Para me vingar.

ALEXANDRE, *bebendo, numa lágrima*

Lolote! — Lolote!

MARTA

Faze de mim o que quizeres. Sou tua. Aqui me tens. *(Envolvendo-o)* Quero beber contigo, nos teus joelhos. *(Sentando-se-lhe nos joelhos)* Quero que ela me encontre nos teus braços, quando voltar.

ALEXANDRE

Ela volta? — Tu sabes se ela volta?

MARTA

Olha para mim. Que te importa a Lolote? Vê. *(Abrindo a capa)* Não é verdade que eu sou mais bela? Não sentes o perfume da minha carne? — Agora, a tua amante sou eu. Ouves? Sou eu. — Que te importa a outra? Quero aturdir-me. Quero aturdir-te. *(Deitando-lhe cognac na taça de Champanhe)* Bebe. Bebe mais.

ALEXANDRE

Mas quem és tu? — Como te chamas? — *(Afastando-a, para a encarar melhor)* Quero vêr-te bem.

MARTA

Sou uma mulher que está perdida.

ALEXANDRE, *afastando-lhe a capa*

Tu vens nua!

MARTA

É para me beijares melhor.

ALEXANDRE, *tacteando-a, voluptuosamente*

Os teus ombros estão nus.

MARTA

Aqui os tens!

ALEXANDRE

A tua bôca escalda.

MARTA

É da febre.

ALEXANDRE, *querendo levantar-se do Maple onde se afundou, e debatendo-se, as mãos trémulas, a face congestionada*

Ajuda-me a levantar.

MARTA, *impedindo-o de erguer-se, numa pressão branda*

Não.

ALEXANDRE

Não posso. Ajuda-me a levantar. *(Numa súplica, cada vez mais entorpecido)* Lolote!

MARTA

Não. Bebe. *(Dá-lhe mais cognac)* Encosta a cabeça no meu peito. — Não penses. Não fales. — Queres que te dê Champanhe pela minha bôca? *(O relógio de bronze bate três horas)* Três horas! *(Redobrando de excitação)* Bebe. — Que te importa a Lolote? Vês como eu estou alegre? *(Rindo, nervosamente)* Vês como eu rio?—Mais Champanhe!—Bebe. Bebe mais

ALEXANDRE, *num instante de lucidez*

Mas eu não sei quem tu és.

MARTA

Que te importa!

ALEXANDRE

Eu já senti êste perfume!

MARTA

Bebe.

ALEXANDRE

Deixa-me vêr os teus olhos...

MARTA

Bebe.

ALEXANDRE, *sensualmente*

Os ombros da Lolote são belos. — Mas os teus são melhores. *(Erguendo-se, agarrado a ela)* Vem. Anda... — No quarto dela.

MARTA

Não. *(Atirando-o sôbre a cadeira)* Ainda não. *(Dando-lhe mais cognac, pela própria taça)* Bebe primeiro. Bebe mais. — Dá-me Champanhe!

ALEXANDRE, *mordendo-a num ombro, até fazer sangue*

Eu quero-te.

MARTA

Larga-me! — Mordeste-me... — Larga-me! *(Uma mancha de sangue alastra no ombro esquerdo de* MARTA; ALEXANDRE *resvala de novo no Maple)* Tu já não podes mexer-te. Tu estás bêbedo.

ALEXANDRE, *rouco, a voz estrangulada*

Lolote... Mataram-me! *(Querendo erguer-se)* Levanta-me daqui...

MARTA

Tu já não podes gritar.

ALEXANDRE

Lolote!

MARTA

Dá-me a chave daquela porta! *(Procura-lhe a chave no bôlso).*

ALEXANDRE, *agarrando-lhe o braço, num olhar de pavôr*

Tu queres roubar-me?

MARTA

Larga-me a mão.

ALEXANDRE

Tu vieste roubar-me?

MARTA

Larga-me a mão, ou mordo-te!

ALEXANDRE

Ladra! *(Lutam;* ALEXANDRE *levanta-se ainda, os olhos injectados;* MARTA, *liberta, atira-o de bôrco sôbre o tapete)* Ah!

MARTA, *arrancando-lhe a chave*

Finalmente!

ALEXANDRE, *num grito estrangulado*

Socorro!

MARTA, *vendo o relógio*

Três horas!

ALEXANDRE

Lolote!

MARTA, *palpando a carteira, febrilmente*

A carteira...

ALEXANDRE

Acudam!

MARTA, *saíndo pelo F.*

Meu Deus! — Se é já tarde!

ALEXANDRE, *de-bruços no tapete, imóvel, em gritos roucos e quási inarticulados*

Lolote! — Lolote!

Cai o pano.

QUARTO ACTO

Smoking-room de um dos mais luxuosos hotels de Nice. – Noite. Lustre de cristal, aceso. – Decoração Luís XV. – Ao F. D., galeria envidraçada: vê-se a Promenade des Anglais, os hoteis, o Casino de La Jetée, iluminado. Ao F. E., porta de comunicação para o hall. – Á D. alta, porta para a sala-de-jantar. – Á E., biombo de vidraças limitando um recanto confortável: sofá; mesa pequena com horários, prospectos de hoteis, Bedecker, etc.; mobiliário do estilo.

Terminou o jantar. – Ouve-se ainda o sexteto. – Passam, da D. A. para o F. E., mulheres decotadas, homens de casaca, ingleses sêcos e hirtos, cocottes haut tarifées, *turcos com o seu fez vermelho, Lord Cosmo sob todos os aspectos. – Criados. –* MIGUEL *entra pela D. A.; uma figura de mulher, loira, esguia, ricamente vestida, levanta-se do sofá, compõe o cabelo no espelho de um tremó e sai pela E. B., com um livro na mão.*

D. MIGUEL, *ao* CHASSEUR

Qui est cette dame, blonde, fine?

CHASSEUR, *a* D. MIGUEL, *que se senta a escrever à mesa da E. B.*

Une cocotte, monsieur le comte.

BARROW, *inglês elegante, uma orquídea sangrando na casaca, levemente tocado de Champanhe, perseguindo* MARTA

What a beauty!

MARTA, *fugindo-lhe*

Oh! Mais c'est trop fort, par exemple! (Descendo, ao encontro de D. MIGUEL, *que escreve)* Êste inglês não me deixa! — Não vens tomar café?

D. MIGUEL

Não.

MARTA

A quem estás tu a escrever?

D. MIGUEL

Ao marquês de Mora.

MARTA

Quem é o marquês de Mora?

D. MIGUEL, *sem deixar de escrever*

Aquele belga insolente que te fêz ontem a côrte no Casino.

MARTA

Vais pedir-lhe explicações?

D. MIGUEL

Vou pedir-lhe quinhentos luíses.

MARTA, *vendo* BARROW, *que desce e se senta, plàcidamente, no sofá da D. B.*

Não me dirás quem é êste inglês?

D. MIGUEL

Sir John Barrow. Milionário. Vem passar todos os anos a *saison* a Nice.

MARTA

Êle julgará que eu sou uma cocote?

D. MIGUEL

Para êle, tôdas as mulheres são cocotes.

BARROW *levanta-se, atravessa a scena e dirige-se à mesa onde* D. MIGUEL *escreve.*

MARTA, *seguindo-lhe os movimentos*

Se me diz alguma impertinência, esbofeteio-o.

BARROW, *tirando o Bedecker de sôbre a mesa, num cumprimento sêco*

Please. (Afastando-se) Thank you.

MARTA, *vendo-o afastar-se*

É original.

D. MIGUEL

É inglês.

MARTA, *seguindo o inglês, que vai de novo sentar-se no sofá da D.*

Traz uma linda orquídea na casaca.

D. MIGUEL

Sabes como lhe chamam as cocotes de Nice e de Monte-Carlo? O inglês das meias verdes. Quando uma mulher lhe apetece, manda-lhe um cheque de tresentas libras dentro de um par de meias de sêda verde.

MARTA

Às cocotes.

D. MIGUEL

A tôdas.

MARTA

Ainda não houve nenhuma que lhe atirasse as meias à cara?

D. MIGUEL, *fechando a carta*

As meias, talvez. — O cheque, duvido.

MARTA

Vamos ao Casino? Apetece-me jogar.

D. MIGUEL

Vamos.

MARTA

Olímpia?

D. MIGUEL

La Jetée. — Ouvimos o Kubelik. — Queres que te mande buscar a capa?

MARTA

Não. Subo ao meu quarto. Talvez mude de vestido. *(Fazendo um movimento para retirar-se, e suspendendo)* E dinheiro?

D. MIGUEL

Dinheiro?

MARTA, *vendo que o inglês se levanta*

Queres vêr que o inglês vem atrás de mim?

D. MIGUEL

Joga com o dinheiro do inglês.

MARTA, *saíndo pelo F. E., numa expressão de tédio*

É uma ideia.

BARROW, *a* MARTA, *seguindo-a respeitoso*

Excuse me.

D. MIGUEL, *chamando o* CHASSEUR

Max!

CHASSEUR

Monsieur.

D. MIGUEL, *dando-lhe uma moeda de ouro*

Tenez.

CHASSEUR

Un louis d'or! — Merci, monsieur le comte.

D. MIGUEL

Est-ce qu'il y a beaucoup de portugais à l'hôtel?

CHASSEUR

Portugais? — Je crois qu'il y en a, oui, monsieur le comte. (Tirando um pequeno carnet da algibeira) Je vais vous le dire. (Lendo) M.me la duchesse de Chernoy... Lord Douglas... Feld marechal et coetera... Madame la comtesse de Montigny... Le prince Imhoff... La belle Otero... — José Nabuco da Costa. — C'est ça. — Pernambuco.

D. MIGUEL

C'est un brésilien.

CHASSEUR

Ah, oui.-- C'est un brésilien.— Mr. le marquis de Noailles... Mr. de Rotchild...—Juan Velasquez de Astorga. Madrid.—Voilà. Un portugais.

D. MIGUEL

Ce n'est pas un portugais. C'est un espagnol.

CHASSEUR

Ah! Bah!—Ça se touche. Des portugais, des espagnols...

D. MIGUEL

Ce n'est pas tout à fait la même chose.

CHASSEUR

Les portugais ne sont pas des espagnols, vous dites, monsieur le comte? (Continuando a lêr, por alto) San Marino... Sir Joe Chamberlain...—João Rendufe, Lisbonne.

D. MIGUEL

Rendufe?—Faites voir.

CHASSEUR, *dando o carnet a* D. MIGUEL

Pardon.— C'est un compatriote à vous, alors?

D. MIGUEL

Oui. C'est un portugais. Un ami. (Restituindo-lhe o carnet) Est-ce qu'il est descendu seul à l'hôtel?

CHASSEUR

Non, monsieur. Acompagné.

D. MIGUEL, *com interesse*

Acompagné?

CHASSEUR

D'une dame.

D. MIGUEL

Ah! D'une dame.

CHASSEUR, *fechando o carnet e guardando-o na algibeira*

Et c'est tout, monsieur le comte.

D. MIGUEL

Merci. (Dando-lhe a carta que acabou de escrever) Portez cette lettre à monsieur le marquis de Mora.

CHASSEUR

Magestic Palace?

D. MIGUEL

Hôtel des Anglais, je crois.

CHASSEUR

Faut-il attendre la réponse?

D. MIGUEL

Oui. — Si monsieur le marquis n'est pas chez lui, retournez plus tard la demander.

CHASSEUR

Compris, monsieur le comte. (Indo para retirar-se) Pardon. (Vendo RENDUFE, *que assoma na D. A.) Monsieur Rendufe.*

D. MIGUEL, *subindo*

Oh! João!

RENDUFE, *apertando-lhe a mão*

Já sabia que você estava em Nice.

D. MIGUEL

Eu acabo de saber, pelo chasseur.

RENDUFE

Vi-o passar num auto, de manhã. — Boulevard Carabacel. — Supús que você estava no Cosmo ou no Palais Royal.

D. MIGUEL

Não. Estou aqui.

RENDUFE

Você vem só?

D. MIGUEL

Com minha mulher.

RENDUFE

Como está ela?

D. MIGUEL

Bem. Foi pôr a capa. Vamos ao Casino.

RENDUFE

Minha mãe deve gostar de a vêr.

D. MIGUEL

A senhora viscondessa acompanha-o?

RENDUFE

Quis acompanhar-me.

D. MIGUEL

Vou ter o prazer de lhe beijar a mão. *(Sentando-se)* E você, como está?

RENDUFE

Doente. Fui à Suissa tratar-me. Dei a volta pela Itália. — Depois, Mónaco, Nice. — Venho desanimado.

D. MIGUEL

Um pouco pálido.

RENDUFE

Uma neurastenia profunda. — Tenho pensado em meter uma bala na cabeça.

D. MIGUEL, *sem interêsse*

Você?

RENDUFE

É como eu hei de acabar. — O Combe falou em doença de espinha. Êles enganam-se sempre. *(Noutro tom, como quem quer fugir a uma ideia fixa)* Vocês demoram-se?

D. MIGUEL

Até ao fim da *saison*.

RENDUFE

Eu fico ainda dois ou três dias. Por causa de minha mãe. — Muita luz, muito ruído. — Tudo isto me enerva. — Levantei-me da mesa porque me faltava o ar.

D. MIGUEL

Uma crise passageira. — Não é de viajar que você precisa. É de repousar.

RENDUFE

Depois, isto também tem causas morais. Impressionou-me muito aquela desgraça da Lolote. — Pobre Lolote!

D. MIGUEL, *com ar distraído*

É exacto. A Lolote.

RENDUFE

Quem havia de dizer, quando lá estivemos naquela noite...

D. MIGUEL

É certo. Quem havia de dizer. *(Mudando de conversa)* E a senhora viscondessa não se fatigou na viagem?

RENDUFE

Não. Minha mãe está costumada a viajar. — Não vinha a Nice há vinte anos. Achou tudo mudado. A Promenade des Anglais... Gostou imenso dos avestruzes... — Sabe você quem nos acompanhou nesta volta pela Suissa? O Alexandre Botelho.

D. MIGUEL, *inquieto*

O Alexandre Botelho?

RENDUFE

Consegui trazê-lo. — Você não calcula o estado de espírito dêsse desgraçado. — Estivemos em Lausanne.

D. MIGUEL

Seguiu para Paris?

RENDUFE

Não. Veio comnosco. Está em Nice.

D. MIGUEL, *levantando-se*

O Alexandre Botelho está em Nice?

RENDUFE

Está.

D. MIGUEL

Neste hotel?

RENDUFE

No Riviera Palace. — É incómodo, porque fica fora da cidade. Mas não havia aqui senão dois aposentos, para minha mãe e para mim. — Sabe você? Não gostei de o deixar ir só. — Aquele, há de acabar como eu. Com um tiro na cabeça.

D. MIGUEL

Mas o Alexandre Botelho não estava sèriamente comprometido no assassínio da Loloie? — Êle é um alcoólico...

RENDUFE

Isso foi uma infâmia. — Provou-se que o móbil do crime era o roubo. Faltaram jóias. As criadas estão presas. — Mas parece que há uma mulher nisto tudo, sabe você? Uma mulher misteriosa. — Você tem lido os jornais de Lisboa?

D. MIGUEL, *com desinterêsse afectado*

Não. Eu vivo quási sempre no estrangeiro. E o que se passa em Lisboa interessa-me medìocremente.

CHASSEUR, *aproximando-se*

Pardon. — Monsieur le marquis de Mora n'est pas chez lui.

D. MIGUEL, *baixo, ao* CHASSEUR

Montez vite. Au premier, 42. Dites à madame la comtesse que je la prie de ne plus sortir de sa chambre.

CHASSEUR

Oui, monsieur le comte.

D. MIGUEL

Allez vite. Dépêchez vous! — (A RENDUFE*)* O Alexandre Botelho está, então, no Riviera?

RENDUFE

No Riviera. — Fui buscá-lo hoje para jantar comnosco.

D. MIGUEL

Aqui, no hotel?

RENDUFE

Aqui. — Ficou ainda à mesa com minha mãe. Você vai vê-lo. Depois da morte da Lolote, não tornou a beber nem um cálice de cognac. E está cada vez mais trémulo. — Sabe você o

que isto é? Aristocracia. Fim de raça. — É o mal de nós todos, — o meu, o dêle, o de você. Somos criaturas liquidadas. *(Tirando a cigarreira e oferecendo)* Fume um dêstes cigarros...

D. MIGUEL

Você dá licença, meu caro Rendufe? Eu volto já. *(Dirige-se para o fundo, e encontra-se com a* VISCONDESSA *e com* ALEXANDRE BOTELHO, *que entram pela D. A.)* Oh! — Senhora viscondessa...

VISCONDESSA

Adeus, Miguel. É preciso vir a França para o vêr!

D. MIGUEL, *beijando-lhe a mão*

É a minha sala-de-visitas, senhora viscondessa.

VISCONDESSA

Venha cá, venha cá. — Então que é feito de si? Quantas vezes se tem batido em duelo?

D. MIGUEL

As precisas para estar vivo ainda. — Estava longe de ter o prazer de lhe beijar a mão,

minha senhora. *(Cumprimentando* ALEXANDRE) Meu caro Alexandre Botelho...

ALEXANDRE

Já sabia pelo Rendufe que o tínhamos em Nice. Ainda bem.

VISCONDESSA

Venha tomar uma chícara de chá comnosco. *(A* ALEXANDRE) Não o deixe ir embora, Alexandre. *(A* RENDUFE, *que lhe dá o braço e a conduz ao recanto envidraçado)* Mandaste vir o automóvel para nos levar ao Casino?

RENDUFE

Ainda não chegou. *(A um criado, que se aproxima) Faites servir. — Du thé.*

D. MIGUEL, *a* ALEXANDRE

Estava para o ir visitar. — Riviera Palace, não é verdade? — Creia que o acompanho nos seus dissabores com tôda a simpatia.

ALEXANDRE

Obrigado. — *(Apertando-lhe a mão, comovido)* Passei momentos horríveis, meu amigo. Disseram-se de mim as maiores infâmias. Que

eu era um alcoólico perigoso, que fui eu que a matei, que parti para o estrangeiro para fugir à justiça... E acredita-se, isto!

D. MIGUEL

Ainda não se descobriu o autor do crime?

ALEXANDRE

Ainda não.

D. MIGUEL

Mas que faz a polícia?

ALEXANDRE

Só há uma pessoa capaz de o descobrir. Sou eu.

D. MIGUEL

Você?

VISCONDESSA, *quando o criado vem servir o chá*

Aqui tem a sua chícara, Miguel. *(Servindo-o de açúcar)* Já não me lembro se é muito guloso. — Como você fugiu da nossa casa de Lisboa, não tive remédio senão vir oferecer-lhe chá a Nice...

D. MIGUEL, *escusando-se*

Se a senhora viscondessa me permite...

VISCONDESSA

Não permito, não senhor. — Venha cá. Deve ter as orelhas a arder. — Disse hoje mal de si durante todo o jantar.

D. MIGUEL

Beijo-lhe as mãos, senhora viscondessa. — No pequeno espaço de um jantar não cabe todo o mal que se pode dizer de mim.

VISCONDESSA, *rindo*

Disse que o Miguel não tinha juizo nenhum, mas que, no fundo, era bom rapaz. — Só o que não lhe perdôo são as maldades que tem feito a sua mulher. — Sabe, Alexandre? Conheci pequenina a mulher do Miguel. Brincou com o meu filho. — Gostava de a vêr feliz.

D. MIGUEL

É difícil ser-se feliz ao pé de mim, minha senhora.

VISCONDESSA

Tem razão. É difícil ser feliz ao pé de um homem. (*A* ALEXANDRE) Se o Alexandre a

conhecesse, achava-a mal empregada nêle. *(A* D. MIGUEL) Porque não trouxe sua mulher?

RENDUFE

A Marta veio, minha mãe.

VISCONDESSA

A Marta está cá? Consigo? E você não me disse nada!

D. MIGUEL, *depois de uma hesitação*

Recolheu ao quarto. Está ligeiramente indisposta.

VISCONDESSA

Está doente?

RENDUFE

Não foi pôr a capa para irem ao Casino?

D. MIGUEL

Sim. Se se sentisse melhor. — Enxaqueca. Nervos. — Tem passado mal. Tão mal, que àmanhã volto para Paris.

RENDUFE

Não contava ficar até ao fim da *saison?*

D. MIGUEL, *nervosamente, um pouco sacudido*

Você compreende. Se continuar doente...

CHASSEUR, *aproximando-se de* D. MIGUEL

Madame n'est pas dans sa chambre.

D. MIGUEL, *levantando-se*

Madame n'est pas dans sa chambre?

VISCONDESSA

Já saíu do quarto, vê? É porque está melhor. — Vá buscá-la. Gostava tanto de a vêr!

D. MIGUEL, *beijando a mão da* VISCONDESSA

Pardon...

CHASSEUR, *saíndo, com* D. MIGUEL, *pelo F. E.*

Peut-être au salon des dames...

RENDUFE

Não notaram que o Miguel estava visívelmente nervoso?

ALEXANDRE

Tem graça. Também me pareceu.

VISCONDESSA

Dificuldades de dinheiro. Naturalmente, jogou.

ALEXANDRE

Ou alguma *gaffe* que nós teríamos feito.

VISCONDESSA

Talvez.

RENDUFE

Nunca se sabe bem quando se lhe pode perguntar pela mulher.

VISCONDESSA

A que horas principia o concêrto?

ALEXANDRE

Já vão sendo horas. Sabe que nunca ouvi o Kubelik?

RENDUFE

Daqui ao Casino é um instante. *(Á* VISCONDESSA) Quer que vá buscar a sua capa, minha mãe?

VISCONDESSA

Não. Eu subo.

MARTA, *entrando pelo F. E., perseguida pelo inglês*

Mais je ne vous connais pas, monsieur.

BARROW

All right! — Je veux précisement faire votre connaissance.

MARTA, *num movimento brusco, a* SIR BARROW, *que tira um ramo de orquídeas da mão de um groom, para lhe oferecer*

Laissez moi tranquille! — C'est assomant, ce type là!

VISCONDESSA, *vendo* MARTA *e subindo*

Marta!

MARTA, *indo ao encontro da* VISCONDESSA

Oh! Senhora viscondessa! *(Beijando-a)* Estava longe do prazer de a vêr! *(A* RENDUFE*)* João!

VISCONDESSA

Teu marido saíu daqui, agora. Foi à tua procura. Falaste-lhe?

MARTA

Não. Não o vi. Desencontrámo-nos. — Êle já sabe que estão cá? — Isto é encantador, não é? — Quando chegaram?

VISCONDESSA

Ante-ontem. Viemos da Suissa. Estamos uns dias em Nice, e seguimos para Paris, Londres...

MARTA

Gostava de ir consigo. Adoro os nevoeiros de Londres.

RENDUFE

Os nevoeiros de Londres. Uma coisa parecida com a música de Wagner. Temos de gostar dêles por fôrça.

MARTA, *a* RENDUFE

Você não gosta de Wagner?

RENDUFE

Que barulho!—Devo-lhe as dôres de cabeça mais caras que tenho tido na minha vida.

VISCONDESSA, *olhando* MARTA

Mas tu não pareces doente! Estás explêndida, rosada...

MARTA

Nunca tive tanta saúde, senhora viscondessa.

VISCONDESSA

E as tuas enxaquecas? Teu marido diz que parte àmanhã para Paris por causa das tuas enxaquecas...

MARTA, *sem compreender*

Para Paris?

VISCONDESSA, *a* ALEXANDRE, *que já tem visto* MARTA

Veja lá o que são os maridos, Alexandre. Quer ir divertir-se para Paris, e desculpa-se com as enxaquecas da mulher!

RENDUFE, *apresentando, familiarmente*

O Alexandre Botelho. — A Marta de Noronha.

ALEXANDRE, *curvando-se*

Minha senhora.

VISCONDESSA, *notando a perturbação de ambos*

Já se conheciam?

MARTA, *balbuciando*

Não tinha êsse prazer.

UM CRIADO, *aparecendo, ao fundo*

L'auto de madame la vicomtesse.

VISCONDESSA

O automóvel. *(A* MARTA) Vem comnosco ao Casino. — Vamos ouvir o Kubelick.

RENDUFE, *tirando da algibeira da casaca um programa do concêrto, e lendo*

Temos a *Berceuse* de Simon, a *Tarantela* de Wieniawsky, uma romanza de Rubinstein, e a fantasia *Non piu mesta,* de Paganini...

VISCONDESSA

Vou pôr a capa, num instante. *(A* RENDUFE) Dá-me o teu braço, meu filho.

MARTA, *subindo*

Eu acompanho-a, senhora viscondessa.

VISCONDESSA

Não. De modo algum. Não quero que te incomodes a subir. — Eu já venho buscar-te.

MARTA

Preciso de prevenir meu marido...

RENDUFE, *saíndo, com a* VISCONDESSA *pelo braço, F. E.*

Eu digo-lhe que venha ter aqui.

ALEXANDRE, *a* MARTA, *depois de um silêncio de constrangimento*

Se V. Ex.ª permite, esperamos juntos.

MARTA

Como quiser.

ALEXANDRE

Caso lhe não seja molesta a minha presença...

MARTA

De modo algum.

ALEXANDRE

V. Ex.ª está há muito tempo em Nice?

MARTA

Vivemos quási sempre no estrangeiro.

ALEXANDRE

Seu marido esteve há dois meses em Lisboa, não é verdade?

MARTA

Oito ou dez dias.

ALEXANDRE

E V. Ex.ª acompanhou-o.

MARTA

É natural que eu acompanhe meu marido.

ALEXANDRE

Naturalíssimo. *(Levantando o leque que* MARTA, *nervosa, deixa caír das mãos)* Limoges?

MARTA

Limoges.

ALEXANDRE

Um lindo leque.

MARTA

Faz colecção de leques?

ALEXANDRE

De leques e de sensações, minha senhora. *(Depois de um momento em que a olha insistentemente)* Se me permitisse, far-lhe-ia uma pergunta.

MARTA

Não me obrigo a responder-lhe.

ALEXANDRE

Já me conhecia?

MARTA

Não.

ALEXANDRE

Não se lembra de ter-me visto?

MARTA

Não tenho a menor ideia.

ALEXANDRE, *brincando com o leque e olhando-a*

Pois eu tenho a impressão de que a conheço perfeitamente, minha senhora.

MARTA

É por isso que me olha com tamanha insistência?

ALEXANDRE

Há tanta gente parecida!

MARTA

Com efeito. Há muita gente parecida.

ALEXANDRE

E muita voz parecida, também. *(Silêncio)* Mas se V. Ex.ª não me conhece, porque foi que se perturbou tanto quando me viu?

MARTA, *esforçando-se para rir*

Eu perturbei-me quando o vi?

ALEXANDRE

E está mortalmente pálida, agora.

MARTA

É ilusão sua.

ALEXANDRE

E as suas mãos tremem sôbre as folhas dêsse livro.

MARTA, *levantando-se*

Mas o senhor é impertinente!

ALEXANDRE

Sou um homem sôbre quem pesa a suspeita de um crime, minha senhora. *(Dominando-se)* É natural que tivesse repugnância em apertar-me a mão... É natural, mesmo, que o meu contacto a perturbe...

MARTA, *esboçando um movimento para sair*

É natural, sobretudo, que eu não tenha o menor prazer em continuar a ouvi-lo.

ALEXANDRE

Aconselho-a a não transpôr aquela porta.

MARTA

Porquê?

ALEXANDRE

Porque evita um escândalo.

MARTA, *com energia*

Mas que tenho eu com os seus escândalos? Que tenho eu de comum com o senhor?

ALEXANDRE

Peço-lhe que me atenda um momento ainda. — *(Com afectada calma)* V. Ex.ª vai esclarecer-me, decerto, acêrca de um facto misterioso cuja explicação procuro há dois meses. — Sabe que me acusaram de ter assassinado a minha amante. Na noite em que foi cometido o crime, quando entrei em casa dela, duas horas da madrugada, encontrei lá outra mulher. Vinha turvado do cognac... Mas vi-a bem, a-pesar do torpor da embriaguez. Estava quási nua, os ombros nus, embrulhada numa capa. *(Segue, na fisionomia de* MARTA, *a impressão das suas palavras, brincando ligeiramente com*

o leque de Limoges) Interroguei-a. Disse-me que a Lolote tinha fugido num automóvel, com um homem. Sentou-se nos meus joelhos, afogou-me numa onda de perfume, acabou de embebedar-me com Champanhe. Quis possuí-la. Negou-se. — Mordi-a. Mordi-a até que o sangue borbulhou num ombro. Arrancou-me do bôlso a chave da porta. Lutámos. Caí, entorpecido. Fugiu. — Quando acordei, de manhã, tinha a polícia em casa e um cadáver diante de mim. *(Aproximando-se ainda e olhando-a nos olhos)* Responda-me. — Conhece essa mulher?

MARTA

Não.

ALEXANDRE

Conheço-a eu. É a senhora.

MARTA, *erguendo-se, num resto de energia*

Saia! Saia daqui!

ALEXANDRE

É a senhora. — E eu vou ter a prova real. *(Fincando um joelho no sofá onde* MARTA *cai, afastando-lhe a capa e rasgando-lhe a sêda do decote)* É a cicatriz da minha mordedura!

MARTA, *debatendo-se-lhe nos braços*

Miguel! Miguel!

MIGUEL *tem entrado pelo F. E.; compreende tudo; tira um revólver da algibeira, e bruscamente, através do biombo envidraçado, desfecha. A bala parte; o vidro estilhaça-se, tinindo no parquet.* ALEXANDRE, *atingido na cabeça, cai sôbre o sofá, resvala para o chão. Gritos. Vozes.—A sala enche-se de gente.*

VOZES

Au secours! — Au secours! — L'assassin!

RENDUFE, *surgindo do F. E., pálido, e descendo*

Miguel! Que foi?

MIGUEL, *mostrando* MARTA, *o decote rasgado, quási desmaiada sôbre o sofá*

Quis violentar minha mulher. Matei-o.

O pano cai.

JULIO DANTAS

1023

PORTUGAL BRASIL L.DA
SOCIEDADE EDITORA
Lisboa

1023

Episódio em verso, representado pela primeira vez no Teatro da República, de Lisboa, em março de 1914.

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 3.ª edição, no prelo.
Sonetos (1916) — 4.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 2.ª edição, ampliada.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 4.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 5.ª edição.
Êles e Elas (1918) — 3.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 5.ª edição.
Como elas amam (1920) — 3.ª edição.
Abelhas doiradas (1920) — 2.ª edição.
Os galos de Apollo (1921).
Arte de amar (1922) — 2.ª edição, no prelo.
As Grandes Batalhas — No prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição.
Crucificados (1902) — 2.ª edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 25.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Larangeiras (1904) — 4.ª edição, no prelo.
Rei Lear (1906) — 2.ª edição, no prelo.
Rosas de todo o ano (1907) — 9.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 5.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) — 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 5.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 3.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914) — 3.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 3.ª edição, no prelo.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920).
Romeu e Julieta — No prelo.

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

JÚLIO D'ANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

1023

UM ACTO EM VERSO

3.ª EDIÇÃO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

A Antero de Figueiredo

FIGURAS

Um cauteleiro..................................	CHABY PINHEIRO
Um carteiro......................................	PINTO COSTA
Um sujeito que lê.............................	MANUEL PINA
Uma *bonne*......................................	ANA ESPINOZA
Uma criança......................................	N. N.

LISBOA — ACTUALIDADE.

1023

Jardim público, em Lisboa. Um banco à E. B.; perto, um marco do correio. Outro banco à D. F., no alinhamento do primeiro. Tarde de sol. Passa pouca gente. No banco da E. B., uma «bonne», loira, de avental branco, brinca com uma criança. No banco da D. F., um burguez velho, sêco, de suissas, fraque preto, lê um jornal. ROMÃO, *carteiro, palidez de cardíaco, casacão de mescla, mala de coiro, entra pelo F. D., abre a caixa do correio, tira as cartas, mete-as na mala; depois assenta-se no banco da E. B., ao pé da «bonne», pousa a mala, tira o boné, limpa o suor com o seu grande lenço de Alcobaça.*

A BONNE, *levantando-se, mal o carteiro se assenta, e chamando a pequena, que brinca em volta do banco:*

Ande, venha, Mimi.

O CAUTELEIRO, *entrando pelo F., a apregoar a lista, calça de belbute, boina, lenço de pintas azúis ao pescoço:*

Quer a lista geral!

Ao sujeito que lê:

Quer a lista?

O SUJEITO, *furioso:*

Não vê que estou lendo o jornal?

Malcriado!

O CAUTELEIRO, *afastando-se:*

Está bom. Basta.

O SUJEITO, *continuando a lêr:*

Praga maldita!

O CAUTELEIRO, *à* BONNE, *que passa junto dele com a criança pela mão:*

O que vale é assim uma cara bonita,
De vez em quando.

A BONNE, *saíndo pelo F.:*

Tolo!

O CAUTELEIRO, *vendo o* CARTEIRO *e aproximando-se:*

A lista, ó camarada,

ROMÃO, *não responde; o* CAUTELEIRO *insiste:*

Vêr a lista geral?

O CARTEIRO, *sem o olhar:*

Não.

O CAUTELEIRO

Não tem jôgo?

O CARTEIRO

Nada.

O CAUTELEIRO

Quê? Então não jogou esta semana?

O CARTEIRO

Não.

Olhando-o, com estranheza:

Como sabe você que eu jógo?

O CAUTELEIRO, *rindo:*

Seu Romão!
Olha! Não me conhece! -- O 15... O Zé Canelas!

O CARTEIRO

Então vocemecê anda a vender cautelas,
Homem?

O CAUTELEIRO

Ando.

O CARTEIRO

Você já não está ao serviço?

O CAUTELEIRO

Já lá vai o boné.

O CARTEIRO

Castigo, ou que foi isso?

O CAUTELEIRO

Qual castigo! Ninguém me castigou.

O CARTEIRO

Hom'essa!

O CAUTELEIRO

Uma coisa qualquer que me deu na cabeça,
E vai daí – adeus. Pedi a demissão.

O CARTEIRO

Falta de juizo, é que é.

O CAUTELEIRO, *assentando-se nas costas do banco*:

Falta de vocação.
Inda não é quem quer que pode ser carteiro.
Tem mais futuro, sim, ganha-se mais dinheiro,
É uma posição mais decente, é verdade...
Mas isto, meu amigo, é outra liberdade!

O CARTEIRO

E isso da venda, deixa alguma coisa?

O CAUTELEIRO

Pouco.

Por causa do pregão andei três mezes rouco.
Outro mez no hospital... — Emfim, Deus nos ajude.

Depois dum silêncio, mudando de tom:

Por lá, vocemecê, como vai a saúde?

O CARTEIRO

Cançado. Incham-se os pés. Depois, não durmo nada.
Dizem que é coração.

O CAUTELEIRO

Sobe-se tanta escada!

Pausa:

E a petiza?

O CARTEIRO, *a rir, com bonomia:*

A petiza? A minha neta? Bem.
Coitadinha, — morreu-lhe há seis mezes a mãe.
Tem o avô de a deitar, de a vestir, de entretê-la
Se eu morro para aí, que ha-de ser feito dela!

O CAUTELEIRO

Não pense nisso.

O CARTEIRO

Penso. E penso muita vez.

Mudando de tom, como afastando um mau pensamento:

O número da sorte?

O CAUTELEIRO, *mostrando-lhe a lista:*

É o mil e vinte e três.

Não tem jôgo?

O CARTEIRO

Comprei qualquer coisa, há dois dias.
Costumei-me a jogar todas as lotarias
Num vigéssimo. Três tostões.

Tirando a carteira do bolso:

Está aqui.

O CAUTELEIRO

Que número?

O CARTEIRO

Não sei.

O CAUTELEIRO

Inda não viu?

O CARTEIRO, *metendo a carteira no bolso:*

Não vi.
Há seis anos que jógo, – e de sorte, nem raça.

O CAUTELEIRO

Dê-mo cá, ti' Romão, que eu vejo-lho de graça.

O CARTEIRO

Não quero. É da pequena. – Está uma mulher.
Comprei-o para ela, – ela é que o há-de vêr.
Abrí-lo, a rir, e lêr o número ao avô.
Faz os sete anos hoje. É a prenda que eu lhe dou.

O CAUTELEIRO

Deixe vêr sempre.

O CARTEIRO

Não. Vai ela vê-lo ao estanco.

Com tristeza, tirando o tabaco:

E depois, para quê? Isto sái sempre branco!

Oferecendo:

Um cigarro?

O CAUTELEIRO, *tirando um cigarro*

Pois vai.

Vendo o Romão *acender a isca:*

Tome tento com isso.

O CARTEIRO

Mas você, porque foi que deixou o serviço?
Que diabo! Isto já foi peor do que é agora.
Deitar oito tostões pela janela fóra!
O pão certo, – e depois, o amparo da velhice...
Ou eu me engano muito, ou você fez tolice.

O CAUTELEIRO

Sim, talvez.

O CARTEIRO

Só se alguém o ofendeu...

O CAUTELEIRO

Não. Ninguém.
O serviço era pouco e tratavam-me bem.

O CARTEIRO

Nenhum castigo, nem...

O CAUTELEIRO, *com orgulho:*

Nem uma repreensão!

O CARTEIRO

Mas houve uma razão...

O CAUTELEIRO

Sim, houve uma razão.
Que diabo! Um passo assim não se dá sem motivo.

O CARTEIRO

Nomearam outro supra?

O CAUTELEIRO

Eu já era efectivo.
Não. A coisa foi outra. Olhe: quer que lhe diga?
A minha demissão deu-ma uma rapariga.
Não devia ir-me embora; êle as razões são boas;
Mas isto, a gente cria afeição às pessoas,
E depois custa muito... A vida é uma cadela!
Isto, ter coração...

Mudando de tom e escondendo a comoção:

Venha lá a cautela.
Deixe vêr isso. Fica a história p'ra outra vez.

Cantarolando, pensativo:

O número da sorte é o mil e vinte e três...

O CARTEIRO, *depois dum silêncio:*

Foi uma rapariga, então, que... que...

O CAUTELEIRO

Coitada!

O CARTEIRO

Mas que demónio foi que ela lhe fez?

O CAUTELEIRO

Hum... Nada.

Recordando, vagamente:

Há sete mezes... Tinha entrado a primavera...

O CARTEIRO, *a mêdo:*

Companheira?

O CAUTELEIRO

Não, não.

O CARTEIRO

Irmã?

O CAUTELEIRO

Também não era.

O CARTEIRO

Noiva?

A um movimento do outro:

Pode dizer, homem. Sou seu amigo.

O CAUTELEIRO, *com tristeza:*

Sim, ela ia casar, — mas não era comigo.

O CARTEIRO

Nem companheira, nem irmã, nem namorada...
Que se importa você, se ela não lhe era nada?
E que fôsse! As paixões — inda as que mais consomem! —
Não valem o futuro e a carreira dum homem.

O CAUTELEIRO

Eu lhe conto.

Depois dum silêncio:

Há um ano, ano e meio talvez,
Tive a distribuição...

O CARTEIRO

Da zona 2?

O CAUTELEIRO

Da 3.
Nesse tempo — envelhece a gente a recordar! —
Na rua da Barroca, oitenta, quarto andar,
Morava uma pequena, olhos grandes, airosa,
Que engomava p'ra fóra e se chamava Rosa.
Nunca vi uma côr de péle tão bonita!
Sustentava um irmão pequeno, coitadita.
Mas sempre tão alegre e sempre tão contente,
Que só o vê-la rir dava alegria à gente!

O CARTEIRO, *querendo recordar-se:*

Rosa...

Vivamente:

Uma russa?

O CAUTELEIRO

Não. Trigueira. Há mais Marias.

Pausa:

Eu ia-lhe levar todos os oito dias
Uma carta do Rio. Amores, com certeza.
Não falhava: em chegando a Mala Real Inglesa,
Lá vinha para a Rosa a carta do Brazil.
Comecei com a zona aí por fins de abril:
Pois durante o ano todo — o que o destino engana! —
A carta não falhou uma única semana.
Quarta-feira, era certo: esperava-me à janela.
E em me vendo chegar, — ai, a alegria dela!
Ria, batia as mãos, par'cia uma criança!
Dava logo a notícia a toda a vizinhança,
Ia a correr à porta, — e eu não via mais nada,
Subia de galgão oito lanços de escada:
— «Adeus, menina Rosa, então como passou?»
Uma escada tão alta, — e nunca me cançou!

Pausa, recordando-se:

Uma vez — é verdade! — uma vez, tardei mais.
Muita correspondência, uns poucos de jornais...
Não me esperava já. Quis experimentá la.
Entrei, peguei na carta, escondi-a na mala,
Subi a escada a rir, toquei à campainha...
— «A respeito de carta era uma vez, Rosinha!
Hoje não veio!» — «Não?» — Poz-se branca, pasmada...
Se não lhe deito a mão, caía estatelada.
— «Tome lá! Aqui tem! Veja, menina Rosa!»

Fincou as mãos na carta, e ficou tão nervosa,
Tão tonta, tão contente, — inda a sinto, inda a vejo! —
Que riu, chorou, dançou, e no fim deu-me um beijo.
Quando alguém se quer bem, — veja lá, veja lá:
Um nada de papel a alegria que dá!

Pausa:

Era o meu pensamento uma semana inteira:
Ir levar a alegria à Rosa engomadeira.
Emquanto não chegava a carta, eu não vivia.
— «Que diabo hei-de fazer se ela falhar um dia?» —
Pensava. E ia sempre a tremer p'ra o correio...
'Té que um dia chegou em que a carta não veio.
Poz-se-me um nó, aqui, a apertar-me a garganta.
Tinha entrado o paquete, — e tanta carta, tanta!
Que remédio... Lá fui para a distribuição.
Havia de dizer-lhe a verdade? Isso não.
Caía para aí doente, — pobre Rosa!
A mentira é melhor porque é mais caridosa.
— «Que o *Avon* não chegou... Acontecia, às vezes...
Uma pouca vergonha, os paquetes ingleses!
Que talvez no outro dia, ou no outro...» Pobre dela!
Passei na rua, olhei, não a vi à janela.
— «Ao menos não a vejo. Antes assim.» — A gente...
Isto, olhar que não vê, coração que não sente!
Ficava p'rá semana. Era coisa arrumada.
Oito dias depois, outro paquete, — e nada.
Indaguei, procurei... Aquilo, pensei eu,
Ou o homem a deixou — o canalha! — ou morreu...

O CARTEIRO, *reflexivo, escutando*

Quando gostam dalguém são umas desgraçadas!

O CAUTELEIRO

Lá fui; passei na rua: as janelas fechadas.
Inda me lembro: as mãos puzeram-se-me frias.
Havia coisa, olá. Sem carta há quinze dias,
A pequena, e não vinha esperar-me à janela?
Entrei na sôbre-loja e perguntei à adela,
Uma alta, bexigosa: – «Olhe lá, ó vizinha.
Que é da menina Rosa?» – «Está doente.» – «A Rosinha?»
– «Tem estado muito mal. Já lá foi o doutor...»
Quis ir vê-la, subir, – mas sem carta era peor.
Ia afligí-la mais. Era pena perdida...
Deitei a mão à mala e lá me fui à vida.
Passou-se uma semana, outra semana inteira,
Dois paquetes, – até que numa quarta-feira,
Fui a vêr, – vinha carta! A carta, finalmente!
Ai, você sabe lá como eu fiquei contente!
Vêr a Rosa! Poder, p'la minha própria mão,
Ir levar-lhe a saúde, a vida, a salvação!
Que alegria p'ra ela, – e p'ra mim, que alegria!
Uma carta, um papel, um nada, – e o que valia!
Não o dava a ninguém por todo o oiro do mundo!
Entregaram-me a mala e abalei, num segundo.
Subi a rua. Não vi gente. Não vi nada.

Já me caía em baga o suor. Galguei a escada,
Bati à porta: não responderam. Bati
Mais: ninguém. Inda mais: mas — que diabo! — era ali,
Não me tinha enganado... E ninguém respondeu.
Desço ao andar de baixo: — «A Rosinha?» — «Morreu.
Enterrou-se ontem mesmo. Estava doente há um mez».
Nesse dia, chorei pela primeira vez.
Porque foi que a não vi? Que a não quis vêr? Covarde!
Ai, as cartas d'amor porque chegam tão tarde?
E porque condição, porque triste segrêdo,
É que as rosas, Senhor, se desfolham tão cedo?

O CARTEIRO, *depois dum silêncio de comoção:*

Para que cemitério a levaram?

O CAUTELEIRO

Prazeres.

As vizinhas de baixo, umas pobres mulheres,
Informaram-me então: — «Não sabe o que a matou?
A carta que o senhor lhe trouxe há um mez. Entrou
A adoecer... Coitada! Há muita gente vil!
Mandaram lá dizer ao noivo p'ra o Brazil
Que ela tinha por cá um homem em Lisboa...
Falsidade maior! E êle, é claro, deixou-a...»
A carta de há um mez, a carta que lhe dei,
Que ela aceitou a rir, — e com que eu a matei!

E a carta que talvez a viesse salvar, –
Era tarde demais para eu lh'a poder dar!
Mas embora, – que diabo! O meu dever, primeiro:
Tinha ali uma carta. Era eu, ou não, carteiro?
Pois bem! Ia fazer – coragem, coração! –
Pela última vez uma distribuição.
E fui ao cemitério. Era um horto, um jardim:
Coval dois mil e seis, uma cruz lá no fim...
Muito sol, muita flôr, a terra inda molhada...
Levei-lhe a última carta à última morada.
Ela já não a lia, a não ser lá do céu;
Mas havia de ouvir-me. Abri-a, e li-lha eu:

Recitando a carta, de cór:

– «Minha querida Rosa. Eu torno-te a escrever
P'ra te pedir perdão do que te fiz sofrer.
Sei já que me enganei (Deus lhes dê o castigo!)
Vou breve a Portugal para casar comtigo...»

Numa lágrima:

Foi preciso morrer p'ra ser feliz... Tão nova!
Lá lhe deixei a carta entre as flôres da cova,
Escondida na terra, ao pé do coração...
Duas horas depois, pedi a demissão.

O CARTEIRO, *reflexivo:*

Desgraças! É a vida, – é o que é. É a vida.
O futuro cortado, a carreira perdida...

O CAUTELEIRO

Foi asneira, talvez. Mas que diabo, – inda bem!
Já não torno a levar a desgraça a ninguém.

O CARTEIRO

Ora! Quem sabe lá! Isto, a vida ou a morte...

O CAUTELEIRO

Meti-me a cauteleiro, – e agora vendo a sorte.

O CARTEIRO

E eu compro-a.

O CAUTELEIRO

Mas tenho, ou má estrela, ou não sei:
Há seis mezes que a vendo, – e ainda não a dei.

O CARTEIRO

Há seis anos que a compro, – e é sempre por um triz!

O CAUTELEIRO

Deve ser muito bom fazer alguém feliz!

O CARTEIRO, *tristemente:*

A minha matação é a petiza, coitada...
Era o dote p'ra ela, — e ficava arrumada.

O CAUTELEIRO

Deixe lá, ti' Romão. Uma vez é a primeira.
Quem sabe se aí traz a sorte na algibeira!

O CARTEIRO

Qual história!

Tirando a carteira do bolso:

E depois...

Hesitando:

Isto, assim como assim...

Resolvendo-se e tirando o vigéssimo da carteira:

Veja lá sempre o meu vigéssimo.

O CAUTELEIRO, *recebendo o bilhete dobrado:*

Pois sim.

Abre, olha, a expressão ilumina-se-lhe:

É o mil e vinte e três! É a sorte, Romão!
São seiscentos mil réis!

O CARTEIRO, *mortalmente pálido, vacilando e levando a mão ao peito:*

Ah!

O CARTEIRO

Que é lá isso? Então!

Amparando-o, aflito:

Compadre!

O CARTEIRO, *numa voz sumida e estrangulada:*

A minha neta... Um irmão meu, no Porto...

O CAUTELEIRO

Então... Ó camarada! – Um copo d'água...

Vendo-o resvalar de bruços, na terra:

Morto!

Gritando:

Valha-me Deus!

O SUJEITO, *aproximando-se:*

Que foi?

O CAUTELEIRO

Um camarada meu...
Tinha jôgo, quis vêr... Dei-lhe a sorte, – e morreu.

O SUJEITO, *a um guarda do jardim, que se chega:*

Morto.

Junta-se gente: garotos, uma varina, etc.

O GUARDA, *ao garoto:*

Á esquadra. Uma maca. O chefe que ma mande...

O CAUTELEIRO, *ao sujeito, olhando tristemente o vigéssimo e o cadáver:*

É a primeira vez que eu dou a sorte grande!

CAI O PANO

PORTUGAL-BRASIL L.DA

SOCIEDADE EDITORA

58, Rua Garrett, 60 — LISBOA

ALBERTO D'OLIVEIRA
Na Outra Banda de Portugal .... 2$50

ALBERTO TELLES
Camilo na Cadeia .... 4$00

ALFREDO APELL
Contos Populares Russos .... 3$00

ALMACHIO DINIZ
A Perpetua Metropole .... 4$00

ANTONIO CABRAL
Camilo Desconhecido, broc. .... 5$00
Eça de Queirós .... 5$00

ANTONIO GRANJO
A Grande Aventura .... 4$00

AUGUSTO DE CASTRO
Conversar .... 2$00

BAZILIO TELLES
A Sciência e o atomismo .... 4$00

CARLOS BABO
A Sombra de D. Miguel .... 3$50
Amor Perfeito .... 4$50

CARLOS MALHEIRO DIAS
A verdade Nua, (2.ª ed.) .... 4$00
Carta aos Estudantes .... 1$00
A Esperança e a Morte .... 3$00

COELHO DE CARVALHO
A Eneida de Virgilio .... 8$00

CONDE D'ARNOSO
Azulejos, nova ed .... 4$00

CONDE DE SABUGOSA
Neves de Antanho, (2.ª ed.) .... 5$00
Gente de Algo (2.ª ed.) .... 6$00
Donas de tempos idos, (3.ª ed.) .... 4$00
Embrechados (3.ª ed.) .... 5$00

EDUARDO DE AGUILAR
Tragedias de Roma .... 8$00

EDUARDO SCHWALBACH
A Historia da Carochinha .... 1$50

EGAS MONIZ
Um ano de politica .... 3$50

EMMANUEL LASSERRE
Os Delinquentes Passionaes .... 4$00

H. LOPES DE MENDONÇA
Sangue Português (2.ª ed.) .... 5$00
Gente Namorada (2.ª ed.) .... 5$00
Lanças n'Africa .... 5$00
Capa e espada .... 5$00
Fumos da Índia .... 5$00

JOÃO DE CASTRO
Jornadas no Minho .... 6$00
A Comedia de Lisboa .... 6$00

JOÃO DO RIO
Rosario da Ilusão .... 3$50
Correspondencia de uma estação de cura (2.ª ed.) .... 3$00

JULIO DANTAS
Como elas amam (3.ª ed.) .... 5$00
Espadas e Rosas, (4.ª ed.) .... 5$00
Mulheres, (5.ª ed.) .... 5$00
Sonetos (4.ª ed.) .... 3$00
Abelhas doiradas, (2.ª ed.) .... 5$00
Ao ouvido de M.me X (4.ª ed.) .... 5$00
Os galos de Apollo .... 5$00
Eles e Elas (3.ª ed.) .... 5$00
Arte de Amar .... 5$00

L. XAVIER BARBOSA
Cem Cartas de Camillo .... 10$00

MANUEL DA SILVA GAIO
De Roma e suas conquistas .... 3$50

MARIA A. VAZ DE CARVALHO
Paginas escolhidas .... 4$00
Scenas do seculo XVIII em Portugal .... 4$00

MAYER GARÇÃO
Os Cem Sonetos (prefacio) 2.ª ed. .... 4$00

OSCAR LOPES
Seres e sombras .... 4$00

PAULO DE GARDENIA
Lecticia .... 4$00

SAMUEL MAIA
Sexo Forte .... 4$00
Entre a vida e a morte .... 3$00

SOUSA COSTA
Paginas de Sangue .... 4$00
Fructo Proibido (2.ª ed.) .... 4$00
Milagres de Portugal .... 3$50
Ressurreição dos mortos (2.ª) .... 4$00
Romeu e Julieta (3.ª ed.) .... 4$00
Coração de Mulher (3.ª ed.) .... 4$00

STUART TORRIE
Secretario Comercial da Lingua Inglesa, cart .... 5$00

Theatro:

H. LOPES DE MENDONÇA
Nó Cégo, 3 actos .... 2$00

JULIO DANTAS
A Severa .... 5$00
D. João Tenorio, 6 actos .... 5$00
Rosas de todo o ano .... 1$00
1023, episodio em verso .... 1$00
Auto de El-Rei Seleuco .... 1$50
Um serão nas Larangeiras .... 5$00
A Castro .... 1$50
Sóror Mariana .... 1$00
D. Beltrão de Figueirôa .... 1$50
Primeiro beijo .... [illegible]

MARCELINO MESQUITA
Almas doentes, 2 actos .... 2$00

SOUSA COSTA
Frei Satanaz .... 1$50